

**FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**

RELATÓRIO DE PESQUISA

Futebol e Moralidade

Construção social da normatividade e modos de justificação no debate
sobre tecnologias de monitoramento

Ms. Túlio Velho Barreto (NESF/FUNDAJ)
Dra. Simone Magalhães Brito (NESF/GREM)
Dr. Jorge Ventura de Moraes (NESF/UFPE)

Relatório aprovado na 51ª Reunião Ordinária do Conselho Diretor da Fundação Joaquim Nabuco, realizada no dia 27 de agosto de 2015, por meio da Resolução nº 208/2015, por unanimidade, após análise do parecer do Conselheiro Yves Basto Zamboni Filho, apresentado em sessão Plenária.

Recife/João Pessoa
2015

**FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**

Futebol e Moralidade

Construção social da normatividade e modos de justificação no debate
sobre tecnologias de monitoramento

Ms. Túlio Velho Barreto (NESF/FUNDAJ)
Dra. Simone Magalhães Brito (NESF/GREM)
Dr. Jorge Ventura de Moraes (NESF/UFPE)

(Projeto de Pesquisa submetido ao CNPq: Edital Universal 7/2011- Faixa A;
Aprovado: Processo nº 401092/2011-9;
Pesquisadora Responsável junto ao CNPq: Simone Magalhães Brito)

Recife/João Pessoa
2015

Parecer sobre o Relatório de Pesquisa “Futebol e Moralidade – Construção social da normatividade e modos de justificação no debate sobre tecnologias de monitoramento”, de autoria de Túlio Velho Barreto, Simone Magalhães Brito e Jorge Ventura de Moraes, conforme memorando 039/2015 – DIPES/FUNDAJ, protocolado em 12/08/2015 sob o número 15283.

O Relatório tem 166 páginas divididas entre 6 capítulos, sendo os dois últimos compostos por um mesmo artigo, em português no capítulo 5 e sua tradução para o inglês no capítulo 6. Possui ainda um conjunto de anexos, com 35 páginas de relatórios finais de bolsistas PIBIC/FUNDAJ/CNPQ.

A Pesquisa “Futebol e Moralidade – Construção social da normatividade e modos de justificação no debate sobre tecnologias de monitoramento” buscou analisar os processos de construção social da moralidade a partir do debate sobre o uso de tecnologias de monitoramento no futebol, com o objetivo de entender, a partir do debate sobre adequação, correção e justiça, do uso do vídeo tape para auxiliar nas decisões dos juizes de futebol, os argumentos, recursos normativos e as necessidades pragmáticas utilizados para o estabelecimento de construção de valores no mundo do futebol.

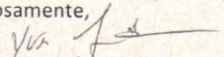
Durante o trabalho os pesquisadores revisitaram extensa literatura sobre o tema, bem como realizaram entrevistas com jornalistas, árbitros de futebol e com torcedores.

Os autores concluem que do ponto de vista da Sociologia Moral, a pesquisa ajudou a compreender a essência das disputas morais através do modo como os atores sociais empregam e elaboram os códigos morais em suas disputas cotidianas. Os autores entendem a existência de um campo conjunto de valores que fundamenta a sua prática está sofrendo modificações, fazendo com que uma ordem de valores transcendentais, materializadas pelo fair play, seja substituída por valores realistas ou instrumentais.

A contribuição da pesquisa foi, portanto, mostrar o modo com que essa transição está se realizando, ou seja, como a compreensão da mudança de valores requer uma discussão sobre o lugar dos indivíduos, suas disputas e experiências.

Diante do exposto, meu entendimento é que a pesquisa cumpriu com os objetivos inicialmente propostos e, como consequência, meu parecer é pela aprovação do Relatório de Pesquisa.

Atenciosamente,


Yves Basto Zamboni Filho – Coordenador Geral da CGES e conselheiro do CONDIR

11/08/2015

RESOLUÇÃO DO CONSELHO DIRETOR Nº 208, DE 27 DE AGOSTO DE 2015.

Aprova o relatório de pesquisa *Futebol e Moralidade: construção social da normatividade e modos de justificação no debate sobre tecnologias de monitoramento.*

O Conselho Diretor da FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo Estatuto aprovado pelo Decreto nº 7.694, de 2 de março de 2012,

Considerando as disposições do Regimento Interno do Conselho Diretor da Fundação Joaquim Nabuco, aprovado pela Resolução nº 002, de 6 de junho de 2011, e alterado pela Resolução nº 053, de 25 de maio de 2012,

Considerando o teor do Processo nº 23101000771/2015-59, originário da Diretoria de Pesquisas Sociais (DIPES),

Considerando o parecer do relator, conselheiro Yves Basto Zamboni Filho, e

Considerando a deliberação a que chegaram os Conselheiros presentes à sessão desta data,

RESOLVE:

Art. 1º Aprovar, por unanimidade, o relatório de pesquisa *Futebol e Moralidade: construção social da normatividade e modos de justificação no debate sobre tecnologias de monitoramento.*


Art. 2º Esta Resolução entra em vigor nesta data, revogadas as disposições em contrário.


CUMPRASE.

Sala Gilberto Freyre, em 27 de agosto de 2015.


Paulo Rubem Santiago Ferreira
Presidente


Hécio de Mattos
Diretor de Memória, Educação, Cultura e
Arte


Joaílto Albuquerque Burity
Diretor de Formação e Desenvolvimento
Profissional



Cristine Vieira do Bonfim
Diretora de Pesquisas Sociais em exercício

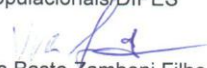

Yves Goradesky
Coordenador-geral de Planejamento e
Administração


(as assinaturas continuam na página seguinte)


RESOLUÇÃO DO CONSELHO DIRETOR Nº 208, DE 27 DE AGOSTO DE 2015.
(continuação das assinaturas dos Conselheiros)



Benedito Luiz Correia
Coordenador-geral de Tecnologia da
Informação, Recursos Logísticos e Inovação
Institucional

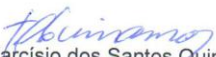

Patrícia Bandeira de Melo
Coordenadora-geral de Estudos Econômicos e
Populacionais/DIPES



Yves Basto Zamboni Filho
Coordenador-geral de Estudos Sociais e
Culturais/DIPES



Alberto Rezende Soares
Coordenador-geral do Espaço Cultural Mauro
Mota/MECA



Lilian Conceição da Silva Pessoa de Lira
Coordenadora-geral de Capacitação
em exercício/DIFOR


Ana de Fátima Pereira de Sousa Abranches
Coordenadora-geral de Estudos
Educação/DIPES


Tarcísio dos Santos Quinamo
Coordenador-geral de Estudos Ambientais e
da Amazônia em exercício/DIPES


Simone Ferreira Luizines
Coordenadora-geral de Museu e Restauro
em exercício/MECA


Antônio Carlos Duarte Montenegro
Coordenador-geral de Estudos da História
Brasileira Rodrigo Melo Franco Andrade
em exercício/MECA


Marcos Antônio Ramos Pereira de Lucena
Coordenador-geral de Pós-Graduação
em exercício/DIFOR



EQUIPE

Coordenação:

Prof. Ms. Túlio Velho Barreto (NESF/FUNDAJ)

Profa. Dra. Simone Magalhães Brito (UFPB/ GREM)

Prof. Dr. Jorge Ventura de Moraes (NESF/UFPE)

Bolsistas PIBIC-FUNDAJ:

2012-2013

Rafael Cesar de Lima Camarote (Graduação- Ciências Sociais-UFPE)

Júlio de Oliveira Carvalho (Graduação- Ciências Sociais-UFPE)

Bolsistas PIBIC-UFPB:

2012-2013

Estéfane Dantas Cabral (Graduação- Ciências Sociais-UFPB)

Daniele Patriota (Graduação- Ciências Sociais-UFPB)

2013-2014

Estéfane Dantas Cabral (Graduação- Ciências Sociais-UFPB)

Wanessa Souto Veloso (Graduação- Ciências Sociais-UFPB)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO...5

CAPÍTULO I – *Desenvolvimento da pesquisa e seus resultados...*8

- I.1. O problema
- I.2. O campo de pesquisa, atividades e cronograma
- I.3. Principais dificuldades
- I.4. Alguns resultados
- I.5. Considerações finais
- I.6. Bibliografia
- I.7. Roteiro das entrevistas

CAPÍTULO II – *Polêmicas do futebol e a construção de argumentos morais: análise dos gols de mão*, Simone Magalhães Brito...34

CAPÍTULO III – *Dissenso e valores morais no mundo do futebol: o debate em torno das tecnologias de monitoramento*, Túlio Velho Barreto; Simone Magalhães Brito e Jorge Ventura de Moraes...52

CAPÍTULO IV – *O debate em torno da adoção de ‘tecnologias de monitoramento’ no futebol: os atores e os seus argumentos*, Túlio Velho Barreto, Jorge Ventura de Moraes e Simone Magalhães Brito...74

CAPÍTULO V – *Maradona e as regras do jogo: uma interpretação sociológica de ‘la mano de Deus’* (em português, a versão publicada em castelhano), Simone Magalhães Brito, Túlio Velho Barreto e Jorge Ventura de Moraes...90

CAPÍTULO VI – *The Hand of God, the Hand of Devil: a sociological interpretation of Maradona’s hand goal*, Simone Magalhães Brito, Túlio Velho Barreto e Jorge Ventura de Moraes...109

ANEXOS – *Relatórios finais de bolsa PIBIC/Fundaj/CNPq*, Rafael Cesar de Lima Camarote e Júlio de Oliveira Carvalho (Orientador: Túlio Velho Barreto)...131

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa buscou analisar os processos de construção social da moralidade a partir do debate sobre o uso de tecnologias de monitoramento no futebol. Tivemos como objetivo entender, a partir do debate sobre a adequação, correção e justiça do uso do vídeo tape para auxiliar nas decisões dos juízes de futebol, os processos de constituição de argumentos e valores morais no mundo do futebol.

A pesquisa que originou este relatório, desenvolvido junto ao Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções (GREM), representou mais uma etapa de uma longa agenda de investigações que nos propomos a desenvolver desde a criação do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Sociologia do Futebol (NESF), em 2006, como resultado da iniciativa conjunta de professores e pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal de Pernambuco (PPGS-UFPE), e da Diretoria de Pesquisas Sociais, da Fundação Joaquim Nabuco (Dipes-Fundaj), com apoio financeiro do Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), instituição de fomento na qual o NESF está devidamente cadastrado como Grupo de Pesquisa, certificado que foi pela UFPE.

Especificamente, essa pesquisa se insere no escopo de uma agenda que vimos desenvolvendo sobre as regras no futebol e suas aplicações, desde 2006, a saber¹:

1. Aspectos Sociológicos da Mudança de Regras do Futebol (2006-2008, com apoio do CNPq: Processo 400471/2006-0), sob a coordenação do Prof. Dr. Jorge Ventura de Moraes (UFPE) e o Pesquisador e Prof. Ms. Túlio Velho Barreto (Fundaj);
2. Aprendizes do Futebol: as Regras do Futebol, sua Flexibilidade e “Recriação” Pelos Jogadores de Base (2008-2010, com apoio do CNPq: Processo No. 400132/2008-7), sob a coordenação do Prof. Dr. Jorge Ventura de Moraes (UFPE) e o Pesquisador e Prof. Ms. Túlio Velho Barreto (Fundaj).

No entanto, as reflexões que nos levaram à elaboração daquele projeto estavam, por um lado, baseadas no Capítulo 3 – As Regras do Futebol e o Uso de Tecnologias de Monitoramento, do Relatório Final apresentado ao CNPq e à Fundaj, relativo à pesquisa

¹ Ambos os projetos foram submetidos, igualmente, à Comissão de Pesquisa (Compesq), da Diretoria de Pesquisas Sociais (Dipes/Fundaj), e aprovados, bem como os respectivos relatórios. O mesmo ocorrendo junto ao CNPq.

indicada no item 1 acima, e posteriormente publicado na revista *Estudos de Sociologia*, do PPGS-UFPE². E, por outro lado, pela colaboração que, nos últimos anos, os autores dos projetos acima passaram a desenvolver com a Profa. Dra. Simone Magalhães Brito (UFPB) a partir de uma reflexão conjunta sobre a moralidade, que resultaram na apresentação de *paper* em eventos acadêmicos, como Simpósio Internacional Processo Civilizador, realizado no Recife, e em Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), realizada em Águas de Lindóia (SP), e artigo publicado em livro³.

Portanto, assim como nas pesquisas acima, esta também foi desenvolvida em parceria pelos pesquisadores e professores já nominados, e com apoio logístico e financeiro de suas respectivas instituições, incluindo, nesse caso, a UFPB, além do CNPq, entidade de fomento à qual o presente projeto foi submetido (CNPq: Edital Universal 7/2011- Faixa A) e já aprovado (Processo nº 401092/2011-9). Além disso, por ter sido elaborado a partir de projeto submetido originalmente para submissão ao CNPq, optamos por apresentar o relatório com a estrutura básica preparada de acordo com as exigências daquela agência de fomento.

Em função do critério de titulação, o projeto original foi submetido ao referido Edital pela Profa. Dra. Simone Magalhães Brito, na condição de pesquisadora-responsável junto ao CNPq e UFPB, tendo o Prof. Dr. Jorge Ventura de Moraes, na condição de pesquisador-responsável junto à UFPE, e o Pesquisador Ms. Túlio Velho Barreto, na condição de pesquisador-responsável junto à Fundaj, apesar da elaboração tanto do projeto quanto do relatório terem sido feitos em conjunto, e do mesmo ocorrer em relação à sua coordenação e execução. O período de execução do presente Projeto foi de dois anos, a partir de sua aprovação na Fundaj, e contou ainda com a participação de estudantes bolsistas das universidades e do PIBIC/Fundaj, de acordo com os respectivos calendários de seleção.

Finalmente, esta pesquisa buscou analisar os processos de construção social da moralidade a partir do debate sobre o uso de tecnologias de monitoramento no futebol. Tivemos por objetivo entender, a partir do debate sobre a adequação, correção e justiça do uso do vídeo tape para auxiliar nas decisões dos juízes de futebol, os argumentos, recursos normativos e as necessidades pragmáticas utilizados para o estabelecimento de

² Moraes e Barreto, 2008.

³ Brito, Moraes e Barreto, 2011a e 2011b.

modos de justificação (Boltanski e Thévenot, 2006) e construção de valores no mundo do futebol.

Como explicitado anteriormente, dando continuidade aos trabalhos desenvolvidos pelo NESF (Núcleo de Estudos e Pesquisas de Sociologia do Futebol) sobre regras e moralidade no futebol⁴, nesta pesquisa buscamos contribuir para a compreensão sociológica da moralidade através de uma pesquisa sobre a construção da justificação entre quatro grupos no mundo do futebol: jogadores e técnicos, juizes, jornalistas esportivos e torcedores. A partir da comparação entre as maneiras pelas quais cada grupo coordena recursos normativos e elabora justificações será possível compreender como se dá a construção de repertórios de avaliação e da moralidade *nas* interações do mundo futebolístico.

Como dissemos, o desenvolvimento deste trabalho, entre 2012 e 2014, deu continuidade aos trabalhos desenvolvidos pelo NESF (Núcleo de Estudos e Pesquisas de Sociologia do Futebol) sobre regras no futebol⁵, tentando ampliar a compreensão dos aspectos éticos e morais que organizam as diferentes experiências que compõem o mundo do futebol. Em outros termos, buscou-se entender, a partir de uma pesquisa qualitativa realizada nas cidades de João Pessoa e Recife, a constituição da moralidade *nas* interações do mundo futebolístico.

Este relatório apresenta os aspectos gerais do desenvolvimento da pesquisa, tentando retratar a sua realização através do processo de interação entre o projeto e o campo, os desenvolvimentos e modificações no projeto original. Por fim, buscamos indicar como os resultados encontrados contribuem para o debate entre sociologia do futebol e sociologia da moralidade.

⁴ Brito, Morais e Barreto (2011a e 2011b); Morais e Barreto (2011; 2008); Barreto e Morais, (2010).

⁵ Brito, Morais e Barreto (2011a e 2011b); Morais e Barreto (2011; 2008); Barreto e Morais (2010).

CAPÍTULO I

DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA E SEUS RESULTADOS

O desenvolvimento deste projeto de pesquisa está inserido no conjunto de atividades do NESF (Núcleo de Estudos e Pesquisas de Sociologia do Futebol) e dá continuidade aos trabalhos já desenvolvidos sobre regras e moralidade no futebol⁶. O trabalho foi realizado a partir da cooperação acadêmica entre NESF e GREM e contou com o apoio e a contrapartida de salas, despesas de rotina e suporte técnico de três instituições: FUNDAJ, UFPB e UFPE. Neste relatório são apresentados o desenvolvimento do trabalho e seus resultados.

I.1. O problema

Antes de apresentar especificamente o processo da pesquisa e seus resultados, é importante entender o problema e como este se relaciona com experiências particulares no mundo do futebol.

De modo simplificado e sem referência ao debate teórico que a orienta e dá sustentação⁷, a pergunta que norteou esse projeto foi: como, no debate sobre tecnologias de monitoramento, diferentes posições no campo futebolístico interpretam os fundamentos normativos do jogo?

Assim, para que se justifiquem as atividades desenvolvidas durante a pesquisa, é preciso entender a relevância do debate sobre as tecnologias de monitoramento e como este se relaciona a um debate ‘moral’ no campo do futebol.

É importante destacar que as inovações tecnológicas estão presentes nos mais diversos aspectos do futebol: gramado, chuteiras, bola, preparação física, alimentação, etc. No entanto, quando o que está em questão são as ‘tecnologias de monitoramento’ ou, em particular, aqueles recursos tecnológicos que dão suporte às decisões do juiz, há uma profunda discordância sobre a sua necessidade; e mesmo aqueles favoráveis ao seu uso têm grandes problemas na tentativa de delimitar as condições e momentos adequados ao seu emprego.

⁶ Brito, Morais e Barreto (2011a e 2011b); (Morais e Barreto (2011; 2008); Barreto e Morais (2010).

⁷ A fundamentação desta questão foi desenvolvida no *paper*: BARRETO, T. V.; BRITO, S. M.; MORAIS, J. V. . Dissenso e valores morais no Mundo do futebol: o debate em torno das tecnologias de monitoramento. In: 37º Encontro Anual da Anpocs, 2013, Águas de Lindóia - SP. Anais do 37º Encontro Anual da Anpocs. Águas de Lindóia - SP, 2013.

A hipótese que orientou esta pesquisa é a de que a discordância radical em torno desse uso particular da tecnologia se desenvolve porque, pelas suas consequências em campo, o debate sobre monitoramento chega a tocar no fundamento moral do jogo. É importante perceber que ao dizer ‘fundamento moral’ não estamos nos referindo às regras do jogo, mas aquilo que organiza a interpretação das regras, ou o conjunto de valores historicamente desenvolvidos que permitem a interpretação das regras: o ‘espírito do jogo’. A ideia de um fundamento moral do jogo se refere ao conjunto de valores que permite realizar decisões sobre a aplicação das regras ou sobre casos que a regra simplesmente omite. É verdade que esse conjunto de valores pode ser ainda mais amplo quando pensamos que, como no exemplo da “mão divina” de Maradona, episódio específico que iremos discutir mais adiante, o próprio desvio também é justificado segundo valores partilhados no campo em questão. Ou seja, os argumentos morais produzidos no mundo do futebol, ainda que discordantes, não derivam apenas das suas 17 regras, mas de um conjunto mais amplo e tenso de valores que dão identidade ao jogo.

As ações do mundo futebolístico, como todas as ações sociais, são morais ou estão relacionadas a valores. No entanto, não é parte da normalidade do jogo precisar revelar essa natureza ou recorrer a sua fundamentação. Algumas ações, por não se enquadrarem no padrão recorrente, demandam uma suspensão dos acordos e o seu debate para que, possivelmente, se chegue a um novo acordo. Do ponto de vista moral, esse movimento é necessário: é no emprego e confronto entre argumentos que as ordens de valor se constituem. Mas, a partir de um olhar sociológico, é possível perceber a sua semelhança com as situações de crise.

O debate sobre as tecnologias de monitoramento, ou melhor, o posicionamento nesse debate requer dos seus atores uma revisão e posicionamento diante do próprio ‘espírito do jogo’. Usar uma câmera para validar um gol implica considerações profundas sobre a natureza do jogo: o equilíbrio das emoções, o lugar da sorte, a finalidade do jogo (que não é claramente ganhar, basta pensar na posição do árbitro ou na sua forma lúdica), interesses econômicos, o papel do árbitro, a estética (o jogo pode ser parado?). Assim, o dissenso presente nesse debate está diretamente relacionado às dificuldades de construir argumentos morais válidos quando tantos fatores estão em questão.

Um exemplo recente, e que, num certo sentido, marcou o desenvolvimento desta pesquisa por ‘atualizar’ o tipo de problema que buscamos investigar, foi o caso do gol

de Barcos no jogo entre Internacional e Palmeiras pela 33ª rodada do Campeonato Brasileiro 2012. O fato foi tratado pela imprensa como uma crise e até como um “dilema moral”. É interessante notar que a polêmica não se formou apenas porque o recurso à tecnologia ainda não é permitido, mas porque o seu uso, ainda que não reconhecidos pelos envolvidos, revelou que o que está em questão no jogo não é apenas o caráter factual (se o gol era de mão ou não), mas os procedimentos de aplicação da regra, o papel do árbitro, a representação dos jogadores e como os interesses se sobrepõem ao que é supostamente correto. Nada disso é novo no mundo do futebol, cada um desses fatores pode estar presente em qualquer partida. Mas, quando colocados sob a ótica da experiência moral, quando o debate moral se torna evidente, essas ações ganham um outro contorno que as torna mais dramáticas e que, portanto, requerem um maior esforço de justificação ou uma interpretação do espírito do jogo capaz de se adequar à figuração de interesses formada.

Nesse sentido, esta pesquisa buscou entender a construção das justificativas e argumentos morais no mundo do futebol a partir do tipo de dissenso produzido pelas tecnologias de monitoramento. Em termos mais simples, procuramos descobrir como os participantes do campo articulam as noções de justiça e correção, como interpretam a experiência do jogo e usam de recursos normativos ao se posicionarem no debate sobre o uso de tecnologias de monitoramento.

I.2. O campo de pesquisa, atividades e cronograma

Em conformidade com o que foi proposto no projeto, a pesquisa foi realizada nas cidades de João Pessoa e Recife. Como os coordenadores e os participantes são todos membros do NESF (Núcleo de Estudos de Sociologia do Futebol), a rotina do trabalho foi ordenada de modo que uma parte da pesquisa foi desenvolvida na cidade João Pessoa (especialmente focando nos torcedores) e a outra em Recife (com o foco nos árbitros e jogadores). Assim, a pesquisa se desenvolveu paralelamente nas duas cidades. Tanto na UFPB como na Fundaj foram realizadas reuniões quinzenais com os bolsistas de iniciação científica (PIBIC). Como será exposto adiante, essas reuniões tinham como objetivo desenvolver as atividades previstas no cronograma, inserindo os alunos de graduação na prática da pesquisa. Contudo, também tinham um escopo mais amplo à medida que a ‘iniciação científica’ é um processo de formação do pesquisador,

de modo que leituras e debates mais gerais sobre a interseção entre a sociologia da moralidade e a sociologia do futebol também foram desenvolvidos para que os bolsistas pudessem entender as razões de decisões tomadas durante o desenvolvimento do trabalho.

Nos encontros regulares com bolsistas PIBIC⁸ a pesquisa se desenvolveu a partir das seguintes atividades:

- Leitura de trabalhos mais relevantes da bibliografia
- Monitoramento de notícias na mídia esportiva
- Visitas ao campo (estádios em dia de jogo, centros de treinamento, encontro de torcidas em João Pessoa)
- Entrevistas
- Transcrição de entrevistas
- Análise de dados
- Sistematização de resultados
- Relatórios

Além desses encontros regulares foram realizadas duas reuniões de coordenadores (fevereiro de 2012 e dezembro de 2013) e mais 1 encontro com toda a equipe (coordenadores e bolsistas) no NESF/UFPE (março de 2012) e 1 encontro na Fundaj (setembro de 2013). Os encontros entre coordenadores tiveram um caráter mais administrativo sobre o início e a conclusão da pesquisa. Já o encontro com toda a equipe permitiu organizar e sistematizar dados, discutir os principais problemas enfrentados no campo e, especialmente, refletir sobre os usos e limites da perspectiva teórica adotada. Assim, as atividades realizadas durante as reuniões da equipe estiveram mais voltadas para a discussão dos dados e para a compreensão das diferenças encontradas entre os processos de justificação de cada grupo.

Desse modo, o cronograma de atividades seguiu o seguinte roteiro:

⁸ Estas atividades se referem principalmente ao período de agosto de 2012 a julho 2014, prazos das bolsas Pibic, tanto na Fundaj quanto na UFPB.

Cronograma - Agosto de 2012 a Julho de 2013

Atividades	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
Discussão Teórico- Metodológica	x	x	x	x	x	x						
Monitoramento mídia esportiva					x	x	x	x	x	x	x	x
Reuniões Pibic						x	x	x	x	x	x	x
Reunião Equipe	x		x									
Análise Parcial									x	x		
Visitas ao campo										x	x	
Entrevistas											x	
Relatório parcial												x

Cronograma - Agosto de 2013 a Julho de 2014

Atividades	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
Discussão Teórico- Metodológica							x	x	x	x		
Reunião Equipe			x									
Reuniões Pibic	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Monitoramento mídia esportiva	x	x	x	x	x	x	x	x	x			
Visitas Campo		x	x	x	x				x	x		
Entrevistas		x	x	x					x	x		
Análise dos dados				x	x	x					x	x
Relatório Final *											x	x

* O Relatório final a que se refere esse cronograma diz respeito à versão que foi encaminhada ao CNPq visando atender aos prazos estabelecidos por aquela agência de fomento. Posteriormente, entre agosto e dezembro de 2014, o material foi complementado para efeito de submissão à Diretoria de Pesquisa Sociais (Dipes/Fundaj). Outrossim, é relevante destacar que o pesquisador e autor desta presente versão esteve na Coordenação Geral de Estudos Sociais e Culturais (CGES/Dipes/Fundaj) de janeiro de 2012 a dezembro de 2013, portanto, parte significativa da duração da pesquisa. No primeiro semestre de 2015 foi, enfim, dado forma final ao Relatório em tela.

Em relação ao cronograma original, é preciso apontar algumas mudanças importantes:

1. O projeto original não indicava a realização de um monitoramento das notícias na mídia. Mas, isso se mostrou necessário à medida que percebemos que os exemplos e discussões das notícias recentes do campeonato brasileiro era importante para a inserção no campo, mas, principalmente, devido ao fato de

que as ‘polêmicas’ que fortalecem o debate sobre as tecnologias de monitoramento, especialmente em blogs especializados, produzem uma grande quantidade de informações relevantes para a pesquisa.

2. O projeto original se referia a ‘grupos focais’ como técnica a ser empregada. Contudo, devido à natureza do campo, especialmente as dificuldades e os custos de reunir os profissionais, essa proposta metodológica foi abandonada e substituída por visitas a estádios e centros de treinamento onde foram realizadas entrevistas semiestruturadas. Dada a natureza das entrevistas, que foram, em sua maioria, longas, buscando situar a experiência dos atores e suas interpretações sobre as polêmicas como as dos ‘gols fantasmas’, estas possibilitaram um conhecimento detalhado das experiências dos atores, de modo que o aspecto qualitativo planejado originalmente não foi prejudicado.
3. O projeto original também não previa visitas ao campo. Contudo, devido a necessidade de entrevistar torcedores que se adequassem ao perfil proposto e para que fosse possível realizar as entrevistas com aqueles torcedores que, de fato, estivesse mais integrados aos debates do campo, realizamos visitas a jogos e encontros das torcidas do Auto Esporte da Paraíba e do Botafogo da Paraíba, times paraibanos. No segundo semestre de 2012 apenas visitamos as sedes das torcidas e no semestre seguinte acompanhamos os jogos. Assistimos os jogos em meio à torcida, tentamos conversar nos intervalos, antes e depois dos jogos, sempre conversando com pessoas indicadas pelos informantes em cada torcida. Essa experiência foi muito importante para entender a lógica das torcidas locais e suas formas de pertencimento, ao mesmo tempo que permitiu a realização das entrevistas com torcedores engajados na experiência futebolística local. Do ponto de vista didático, essa experiência também foi muito importante para as bolsistas PIBIC, no caso da UFPB, porque lhes permitiu um debate mais amplo sobre a sociologia do futebol, ampliando os horizontes de sua formação e de compreensão do objeto específico da pesquisa.
4. Ressalte-se, por último, que durante o período de janeiro de 2012 a dezembro de 2014, portanto, parte significativa do período de execução da pesquisa, o coordenador da pesquisa da Fundaj ocupou o cargo de Coordenador Geral de Estudos Culturais e Sociais, o que atrasou parcialmente o andamento da pesquisa, a conclusão de alguns dos artigos e, sobretudo, a finalização da versão do Relatório dirigido à Fundaj, além de afetar algumas atividades programadas.

I.3. Principais dificuldades no campo

Para a compreensão do desenvolvimento da pesquisa, a principal dificuldade encontrada já foi apontada acima: a utilização da técnica indicada no projeto original: o grupo focal. Com os profissionais, a realização de um grupo focal se mostrou inviável devido a dificuldade de coordenar suas agendas de jogos e treinos. Com os torcedores, tivemos o mesmo tipo de problema e, apesar de chegar a marcar duas vezes um encontro na UFPB, no final da tarde, os convidados cancelaram antes ou não apareceram. De modo que, sem nenhum convidado no primeiro grupo e apenas dois no segundo, a realização do grupo focal não foi possível. Atribuímos esse fracasso na realização e uso do grupo focal a duas razões:

1. O perfil desejado dos participantes. Delineamos como ‘torcedores’, de acordo com o interesse teórico da pesquisa na capacidade de articular os recursos normativos do jogo, indivíduos que acompanhavam sistematicamente pelo menos um campeonato por ano e que, além disso, costumavam ir a campo.
2. Problemas no recrutamento. A dificuldade de conseguir de 8 a 10 indivíduos para participar de cada grupo demonstra um problema de recrutamento que não foi previsto durante a elaboração do projeto. Não consideramos o fato de que, para algumas pessoas, a UFPB não seria um lugar tão central e de fácil acesso. Esse deslocamento exigia mais ‘boa vontade’ do que poderíamos esperar dos participantes, ou recursos dos quais não podíamos dispor naquele momento.

Uma das possibilidades aventadas foi realizar os grupos com estudantes da UFPB ou com estudantes de educação física. Contudo, essa escolha, ainda que pudesse parecer mais de acordo com o planejamento original, não garantia atenção ao principal critério para caracterização dos ‘torcedores’ na pesquisa: indivíduos engajados no modo de justificar próprio ao campo. No caso específico desse trabalho, não interessava simplesmente a ‘opinião’ sobre o uso de tecnologias de monitoramento. O que interessa é o fundamento normativo compartilhado no campo, as estruturas argumentativas que possibilitam essa participação.

Como a cultura do futebol é muito difundida no país, não seria difícil encontrar pessoas com alguma opinião sobre a justiça no uso de equipamentos para afirmar se houve gol ou não. No entanto, como o foco era o desenvolvimento dos argumentos

morais neste campo específico, e o objetivo era entender como a posição no campo está relacionada a um modo específico de justificar, era necessário ter acesso a indivíduos que estivesse mais familiarizados com os modos de argumentar do campo, especialmente com gols como o gol fantasma, ‘a mão de Deus’ e o ‘anti-Wembley’⁹.

Dessa forma, a escolha das entrevistas se deu a partir da necessidade de adequação entre o problema de pesquisa e as possibilidades de contato com o grupo. Ao invés de realizar grupos focais, a maneira encontrada para compreensão da construção de argumentos morais no futebol foi a realização de 36 entrevistas com membros de torcidas organizadas locais (João Pessoa), 3 com jornalistas esportivos e 3 com árbitros (Recife), além das utilizarmos rico material gerado em 12 entrevistas realizadas com profissionais dessas áreas para a pesquisa anterior sobre a regra do impedimento e a dinâmica do futebol, em que o tema do uso do recurso de monitoramento foi, ainda que secundariamente, abordado. A escolha de entrevistas semi-estruturadas, a opção pelo foco na experiência dos indivíduos e no diálogo sobre as consequências para essa experiência derivadas do uso das tecnologias, permitiu uma substituição adequada. Como já havia sido justificado no projeto e permanece válido para as entrevistas: ‘não deve ser o foco da pesquisa uma discussão da representatividade dos argumentos morais na população, mas que elementos discursivos são articulados para efeito de persuasão ou como a experiência social é reelaborada nos processos argumentativos’.

I.4. Alguns resultados

O modo de justificar próprio de cada modalidade esportiva guarda semelhanças com as formas pelas quais os indivíduos organizam e atingem concordância em termos daquilo que ‘importa’ no mundo da vida, ou seja, as discussões sobre ética e moralidade. Esta pesquisa foi articulada em torno da percepção de que faz parte da experiência dos esportes, tanto para praticantes quanto espectadores, o uso de noções de justo e injusto, certo e errado, aceitável e inaceitável. Uma vez que esses julgamentos só têm valor quando se referem às regras específicas de cada esporte, a inserção no mundo de um esporte particular está diretamente relacionada à capacidade dos atores em elaborar as justificativas para sua posição. Nesse sentido, a discussão sobre as

⁹ Discutimos a importância desses gols para o nosso problema em BRITO, S. M. ; MORAIS, J. V. Entre a justiça e a burrice do vídeo tape: a construção da moralidade no debate sobre o uso das tecnologias de monitoramento no futebol. In: 35º Encontro Anual da Anpocs, 2011, Caxambu.

tecnologias de monitoramento, além de um retrato particular do campo futebolístico em meio a transformações, possibilita a compreensão de como atores sociais desenvolvem processos de argumentação moral, como recorrem a ordens de valor pré-existentes e a utilizam no processo de interação.

Em termos simples, a experiência esportiva realiza-se através da tensão entre situações específicas e regras gerais. Nesse caso, ao escolhermos analisar a constituição das justificativas próprias ao mundo do futebol, buscamos entender o modo particular como neste esporte se relacionam os seus códigos e valores e os modos de argumentar, ou como no interior do campo se argumenta para convencer de algo é mais justo, ou melhor. Assim, a pesquisa foi orientada para uma compreensão da construção social da experiência moral em grupos distintos dentro do campo futebolístico. Buscamos entender como a experiência social é reelaborada nos processos argumentativos. Em outros termos, tentamos entender como atores sociais recorrem às fontes de normatividade para elaboração de seus argumentos na tentativa de convencer os outros, num processo em que a violência é evitada (Boltanski e Thévenot, 2006, p.19).

Os resultados da pesquisa estão apresentados em seis artigos. Dois deles apresentam os aspectos gerais do debate sobre tecnologias de monitoramento e as perspectivas dos atores sociais envolvidos nele, isto é, jogadores, árbitros e jornalistas esportivos, e estão incluídos no corpo deste Relatório:

- BRITO, Simone. *‘Polêmicas do futebol e a construção de argumentos morais: análise dos gols de mão’*; e
- VELHO BARRETO, Túlio; MAGALHÃES BRITO, Simone; VENTURA DE MORAIS, Jorge. Dissenso e valores morais no mundo do futebol: o debate em torno das tecnologias de monitoramento. *Anais do 37º Encontro Anual da Anpocs*, de 23 a 27 de setembro de 2013, Águas de Lindóia (SP). ISSN 2177-3092.

O primeiro foi escrito especificamente para este Relatório e resulta do trabalho da mediação entre compreensão da perspectiva da sociologia da moralidade e levantamentos de polêmicas no mundo do futebol que têm implicações para os debates sobre justiça e moralidade. Esse trabalho tem um aspecto mais geral e introdutório à questão, mas sua realização foi extremamente importante porque representou um exercício de reflexão na tentativa de desenvolver caminhos de pesquisa entre a sociologia da moralidade e a sociologia dos esportes.

Por sua vez, o segundo dá continuidade aos trabalhos do NESF, no qual a pesquisa se insere, e apresenta, a partir de uma análise de lances duvidosos, como o debate sobre as tecnologias de monitoramento (especificamente o debate mais antigo sobre o uso do vídeo-tape) está ligado a uma dimensão fundamental da experiência futebolística que é o problema da sorte ou destino, e de como este problema orienta as diferenças de valor em disputa.

Outros dois textos correspondem a versões de artigo em que analisamos o debate em torno do gol feito com recurso da mão do jogador argentino Diego Armando Maradona, na Copa do Mundo de 1986, contra a Inglaterra, conhecido mundialmente como ‘la mano de Dios’, publicadas em importantes revistas acadêmicas no México e na Inglaterra, como indicado abaixo:

- MAGALHÃES BRITO, Simone; VENTURA DE MORAIS, Jorge; VELHO BARRETO, Túlio. Maradona y las reglas del juego: una interpretación sociológica de ‘la mano de Dios’. *Estudios Sociológico*, vol. XXX, núm. 90, septiembre-diciembre, 2012, pp. 721-738. El Colegio de México, AC. Distrito Federal, México;
- MAGALHÃES BRITO, Simone; VENTURA DE MORAIS, Jorge; VELHO BARRETO, Túlio. The Hand of God, the Hand of the Devil: a sociological interpretation of Maradona’s hand goal. *Soccer and Society*, 15:5, 671-684, 2014. DOI 10.1080/14660970.2012.753535.

Mais um último artigo, abaixo relacionado, foi escrito para ser apresentado no mais relevante evento científico na área da Sociologia, organizado pela SBS – Sociedade Brasileira de Sociologia, e publicado em seus Anais:

- VELHO BARRETO, Túlio; VENTURA DE MORAIS, Jorge; MAGALHÃES BRITO, Simone; O debate em torno da adoção de ‘tecnologias de monitoramento’ no futebol: os atores e os seus argumentos. *Anais do XVI Congresso Brasileiro de Sociologia*, de 10 a 13 de setembro de 2013, Salvador (BA). ISSN 2236-6636.

Finalmente, outros dois artigos ainda estão em processo de elaboração: ‘Justiça e Risco: a construção do ideal de justiça entre árbitros de futebol’ e ‘Honra com resultados: torcedores e o debate sobre tecnologia de monitoramento’. Esses dois artigos condensam os resultados das entrevistas com os árbitros realizada no Recife e da pesquisa de campo com torcidas em João Pessoa. Para efeito deste relatório, faremos

uma apresentação geral das descobertas da pesquisa e do tipo de argumentos que estão sendo articulados nesses dois artigos e vem sendo desenvolvido ao longo deste ano.

Os artigos acima correspondem aos capítulos deste Relatório, com considerações finais e bibliografias, o que, para evitar redundância, dispensou um fechamento geral, sendo que cada um está normatizado de acordo com a destinação que tiveram.

Sobre a torcida

É preciso indicar que uma das razões que nos levou a ideia de estudar a construção da experiência moral e os argumentos de torcedores, foi a hipótese de que estes seriam contrários aos argumentos ‘racionais’ apresentados por jogadores e treinadores. Já havíamos indicado que os jogadores e treinadores tinham uma percepção muito pragmática sobre o uso das tecnologias de monitoramento e sua necessidade¹⁰, argumentando como as tecnologias de monitoramento poderiam garantir a equivalência entre esforço e resultado, configurando uma experiência ‘justa’. Por sua vez, no caso da ‘mão de Deus’, o gol de mão de Maradona, os seus defensores contrapunham a ‘magia’ do futebol às regras¹¹ e, muitas vezes, afirmavam a necessidade da postura ‘mágica’ para que o espírito do futebol se mantenha. No mapeamento dos blogs e debates na internet também observamos uma oposição entre os argumentos que buscavam construir a experiência do jogo como uma forma de ‘resistência’ a uma vida racionalizada e aqueles que argumentam que o futebol é uma espécie de ‘espelho’: que apenas reproduz todas as mazelas existentes na vida. Esse debate é interessante porque, quando o transpomos para a filosofia moral, claramente percebemos os dois polos opostos de constituição normativa: transcendentalismo e imanentismo ou realismo moral. Ao nosso trabalho sobre os modos de justificar próprios do futebol, interessava compreender como esses polos são construídos, justificados e articulados com a experiência e/ou casos históricos. Ainda desenvolvendo o argumento sobre o lugar da justiça e do *fair play* na ordem de valor futebolística¹², tínhamos como hipótese a ideia de que, no processo de constituição dos valores que ordenam o campo, os ‘torcedores’ seriam responsáveis por manter ou reafirmar a dimensão ‘transcendental’ devido a sua posição de ‘fruidores’ do jogo, ao contrário dos jogadores e treinadores que argumentavam uma

¹⁰ MORAIS, J. V.; BARRETO, T. V. As Regras do Futebol e o Uso de Tecnologias de Monitoramento. *Estudos de Sociologia* (Recife), v. 14, p. 129-156, 2008.

¹¹ BRITO, S. M.; MORAIS, J. V. ; BARRETO, T. V. Maradona y las reglas del juego: una interpretación sociológica de 'la mano de Dios'. *Estudios Sociológicos*, v. 30, p. 721-738, 2012.

¹² BRITO, S. et al. 2011.

posição distinta: sobreviviam do futebol através de técnica e esforço, portanto negavam a centralidade das emoções e da sorte¹³.

Assim, as entrevistas com os torcedores buscavam demonstrar como se dava essa conexão entre emoção e valores (no sentido usado por Norbert Elias) e, especialmente, como essa conexão se traduzia num processo de avaliação moral do jogo. A partir do que foi exposto acima como hipótese, também fica melhor explicado a opção por participantes de torcidas. Especialmente no caso de João Pessoa, onde o número de torcedores de times locais é significativamente inferior aquele de torcedores de times do eixo Rio-São Paulo, torcer pelo Botafogo ou Auto Esporte da Paraíba revela uma relação particular com o futebol: marcada pelas ideias de tradição e família. Esse fato se confirmou à medida que todos os torcedores definiam sua relação com o time como afetiva, iniciada através do pai, tio ou irmão mais velho. Ao descrever a sua relação com o time e a torcida, os torcedores argumentavam com base em afetos e necessidade afetiva: eles eram impelidos a estar ali por uma grande emoção que sentiam ao reviver o ritual de ir a campo. Especialmente aqueles que já tinham perdido o pai, consideravam a sua continuidade e presença na torcida como uma maneira homenagear o pai e de cuidar de sua ‘herança’. A relação afetiva com o time é trabalhada como uma ‘herança’, algo muito precioso e querido que não é afetado por resultados e nem pela posição do time no campeonato local ou nacional. Também é possível perceber uma noção de ‘dignidade’ que se apresenta quando a fidelidade ao time permanece mesmo diante dos reveses da sorte.

Essa postura confirma a ideia de que os torcedores recorrem a um conjunto de valores do tipo que chamamos ‘transcendental’¹⁴. Contudo, quando questionados especificamente sobre o uso das tecnologias de monitoramento, a grande maioria dos entrevistados assume a maneira oposta de argumentação moral: defendem uma posição mais realista, onde o esforço é recompensado e as câmeras seriam essenciais para garantir a forma mais justa. Segundo os torcedores, a justiça deve prevalecer sempre e as tecnologias poderiam auxiliar nesse sentido, garantindo o resultado correto e eliminando as dúvidas. A maioria não levou em consideração que o uso das tecnologias poderia mudar a dinâmica do jogo e nem tampouco que, mesmo com o uso de câmeras,

¹³ MORAIS, J. V.; BARRETO, T. V. As Regras do Futebol e o Uso de Tecnologias de Monitoramento. *Estudos de Sociologia* (Recife), v. 14, p. 129-156, 2008

¹⁴ MAGALHÃES BRITO, Simone; VENTURA DE MORAIS, Jorge; VELHO BARRETO, Túlio. The Hand of God, the Hand of the Devil: a sociological interpretation of Maradona’s hand goal. *Soccer and Society*, 15:5, 671-684, 2014.

ainda poderia restar lances duvidosos. Em alguns casos o argumento era extremamente similar aqueles empregados por jogadores e treinadores¹⁵:

Eu acho que seria bom pra o futebol, ia ajudar bastante a arbitragem, ia ajudar também o resultado da partida, porque eu acho que envolve um monte de coisa, o time trabalha a semana toda pra disputar uma partida e por um erro de uma arbitragem, às vezes sem intenção acaba prejudicando aquele trabalho [...].

Aqueles que desenvolvem um argumento assim fazem referência imediata à necessidade de ‘justiça’: ‘o melhor deve vencer’ e a sorte não deve fazer parte do jogo. Para estes, também parece claro que a ideia de justiça é algo que deve ser perseguido através de ‘recursos’ e instrumentos, e as tecnologias que estão sendo testadas são importantes porque eliminariam a dimensão ‘humana’ que é sujeita a erro e dificuldades. O argumento contrário apareceu em apenas quatro entrevistas, esses torcedores se mostraram contra qualquer tecnologia que possa comprometer a ‘dinâmica’ do futebol:

O que aconteceu, o que o juiz deu, tá dado. O que o juiz não deu... Não é que ia tirar a autonomia do juiz, é que fica sem graça, sem gosto. A gente foi criando... É, repete o lance... Tem que vibrar um gol só depois de 20 minutos que aconteceu??? Presta não. Não é sorte, é competência, mas acontece, o árbitro é humano. O goleiro erra, o jogador erra, faz parte do jogo. Faz parte... Ia ficar uma coisa chata, como a Formula 1 é chata, cheia de tecnologia, é muito chato, eu acho.

A Fórmula 1 e o tênis foram citados como exemplo de esportes ‘chatos’ e ‘sem emoção’, possibilidades do que o futebol se tornaria caso viesse a utilizar das tecnologias de monitoramento.

Quando acima mencionamos ‘aqueles que desenvolvem um argumento’, fazemos referência a um problema que permeou as entrevistas: a insistência em responder com ‘é porque é assim’ e o uso excessivo de jargões. A disposição dos entrevistados tinha muita semelhança com o tipo de postura que se usa na televisão e as perguntas muitas vezes foram respondidas como se estivessem dizendo o que precisaria

¹⁵ MORAIS, J. V.; BARRETO, T. V. (2008).

ser feito ou mandando recado para um interlocutor ausente. Assim, o argumento era favorável ao uso das tecnologias para garantir o melhor resultado e imediatamente vinha o problema dos dirigentes e dos recursos no futebol local, marcado por uma espécie de ‘recado’ sobre a necessidade de melhoria do futebol local. Além das dificuldades causadas pela questão do gênero das pesquisadoras¹⁶, o maior problema com as entrevistas foi uma certa ‘disposição para falar na televisão’ e o uso constante de jargões de entrevistas (‘com certeza’, ‘estamos aí’, ‘a galera’). Geralmente são dadas repostas rápidas e curtas, como se fosse nosso interesse similar ao da televisão. Nesse sentido, não temos como inferir se a maioria dos argumentos favoráveis ao uso das tecnologias de monitoramento foi influenciada por essa postura que entendia conversar sobre o futebol como algo similar ao que se passa na televisão.

A ideia da pesquisa não foi a de pensar na quantidade de respostas e sua representatividade para o campo, já no projeto está muito clara a necessidade de estudar o tipo de argumento e não a sua distribuição no universo dos participantes do futebol. Nesse sentido, sabemos das limitações de generalização a partir desse desenho de pesquisa e amostra. Contudo, é significativo para a hipótese do trabalho que tão poucos torcedores tenham desenvolvido o estilo de argumento transcendental e reproduzam um argumento semelhante ao dos profissionais, pensando no interesse da experiência não como apenas fruidores, mas da mesma forma que aqueles que vivem ou sobrevivem dessa experiência – os profissionais. Se, pelo desenho da pesquisa, não podemos universalizar que os torcedores contrariam o modo de justificar ‘transcendental’, podemos pelo menos perceber que o conjunto de valores ‘realista’ não é uma prerrogativa dos profissionais. Isso traz implicações teóricas importantes quando buscamos entender a construção da experiência e argumentos morais no mundo do futebol, uma vez que não podemos afirmar que a posição ocupada naquele mundo seja determinante para o uso de justificativas e argumentação moral. No caso dos árbitros, ao contrário, demonstramos como o seu lugar delimita um tipo único de argumentar. Assim, encontramos, do ponto de vista da percepção moral do jogo e de seus fins, uma aproximação entre profissionais e torcedores que, apesar de contrariar a hipótese inicial,

¹⁶ Houve uma série de dificuldades para as bolsistas PIBIC realizarem o trabalho por causa do tipo de performance de masculinidade empregado no ambiente. Lidamos com certa hostilidade e assédio às bolsistas, o que fez com que evitássemos que elas fizessem as entrevistas sozinhas. Também é importante citar que aqueles que se dispunham a responder a entrevista sem cair no preconceito com as mulheres no futebol apresentavam um hiper-didatismo, explicando o que é uma falta, perguntando gentilmente se quer que explique o impedimento, etc.

faz mais sentido quando contraposta ao processo de racionalização e esportivização que vem ocorrendo no mundo do futebol.

Os dados coletados nas entrevistas, ao demonstrar que o modo de argumentação dos torcedores confronta as noções de sorte e destino e procura formas mais técnicas e objetivas de solucionar os lances duvidosos, reforçam a ideia de que os valores morais são disputados, mas, principalmente, reforçam a percepção de um amplo processo de racionalização que vai modificando também a percepção das regras do jogo ou o seu ‘fundamento normativo’.

Sobre Jornalistas e Árbitros

Durante a pesquisa realizamos seis entrevistas com jornalistas e árbitros. Esse número é pequeno, mas reflete a opção que escolhemos para lidar com a pouca disponibilidade desses profissionais: menor número, porém entrevistas mais aprofundadas. Com este grupo foram aplicadas as três partes do roteiro de entrevistas (material em anexo), algo que foi mais difícil com os torcedores. Dessa forma, temos várias horas de entrevistas e um material adequado a pensar as formas de argumentação moral em torno da questão das tecnologias de monitoramento. Além dessas entrevistas, como já ressaltamos, recorreremos a entrevistas feitas anteriormente para outra pesquisa, em que o tema foi igualmente tratado.

De maneira geral, podemos indicar uma clara diferença entre os argumentos dos jornalistas e dos árbitros. Os primeiros desenvolvem uma preocupação muito clara com o desenvolvimento do jogo em termos de ‘competência’, a dimensão da sorte ou fortuna é sempre minimizada. De forma mais específica e de maneira relevante para a discussão normativa: a fortuna ‘deve’ e ‘precisa’ ser minimizada. Segundo um dos entrevistados, o resultado de um jogo tem um significado claro de ‘competência’ e não de ‘justiça’:

A questão de justiça, nem tanto... às vezes, um time é melhor do que o outro e perde a partida. ‘Ah, meu Deus, perdi o jogo, isso é uma injustiça’. Não! Você não foi competente, o outro foi. Eu acho que a questão de usar a tecnologia, pra mim não é questão de justiça, é de minimizar os erros”. (Jornalista 1)

Não acho muito essa coisa de ‘é questão de sorte’. ‘Não, a bola não... a bola não entrou. Meu Deus do céu é muito azar, essa bola é... a bola pune’ Algumas pessoas falam, né? Não vejo, eu vejo mais questão de competência, você

preparou, você entrou em campo, em alguns momentos, em alguns jogos você não vai ter competência. Você vai ter... atirar, chutar trinta bolas no gol e não vai ter sorte, a felicidade de fazer ou sorte de fazer. Pode até ser. Mas acho que ela... a questão da sorte, ela tá muito mais ligada à competência. A equipe ser competente, e aí entra a questão de trabalho e de você ter planejamento. Muita gente coloca: 'Ah, não existe planejamento no futebol'. Tem que ter planejamento no futebol, desde o momento em que você é... começa uma temporada, vai montar um time e esse time vai sair pra uma concentração. Essa concentração vai pra... vai sair num carro, o carro vai levar o... o (não sei) vai levar você até o... Tudo aquilo é planejamento. E planejamento é aquilo que você administra na sua vida. Seja ele durante uma hora e meia numa partida, seja durante toda uma temporada. (Jornalista 1)

Essas falas são bastante significativas porque resumem uma postura amplamente defendida pelos jornalistas: o que importa no resultado da partida é a superioridade técnica e o esforço empreendido no treinamento. As organizações em torno do jogo precisam se esforçar para que isso seja garantido e se amplie, como um benefício para todos os envolvidos. Nesse sentido, tecnologias como a do chip na bola seriam importantes porque ampliam a 'segurança' dos resultados e minimizam a possibilidade da ação/erro humanos. A ideia que orienta essa argumentação tem uma clara ligação com a ideia do 'esforço':

Você trabalha, você vai a uma Copa do Mundo... você trabalha quatro anos, né? Você luta, às vezes você vem num projeto para um clube, você investe, gasta uma fábula... E tudo pode ir embora por conta de um erro de arbitragem. (Jornalista 2)

Essa separação entre competência e justiça é bem importante para entender a economia moral do jogo na visão dos jornalistas. Estes, que são os que tentaram estabelecer os princípios mais 'teóricos' da avaliação no futebol e elaboram argumentos com o intuito de justificar suas posições, tentam apresentar a ideia de 'justiça' como uma impossibilidade no jogo, algo muito difícil de conseguir devido ao grande número de requisitos que demandaria. O ideal de 'justiça' seria muito amplo e complexo. Os resultados dificilmente serão justos porque muitas coisas podem acontecer, e pequenos lances têm o poder de decidir toda uma partida:

Não é questão que o melhor vença a partida... "Ah, que vença o melhor", e às vezes o melhor não vence. No futebol pelo menos o melhor às vezes não vence... o melhor tá em campo, joga maravilhosamente bem e erra. No Brasil e Argentina, no gol do Caniggia, [na Copa do Mundo de 1990] o Brasil bombardeou, se você pegar o... eu assisti o jogo várias vezes, eu fiquei impressionado, o Brasil bombardeou antes e depois do gol a Argentina e a Argentina teve três ou quatro lances, um deles foi um lance de gol, então não foi o melhor em campo, mas ele venceu a partida. (Jornalista 2)

Assim, a ideia de ‘justiça’ é pensada como algo que envolve todas as etapas de preparação da equipe e a as ações no jogo. Um resultado ‘justo’ levaria em conta todos os fatores de esforço e desempenho. Uma vez que isso não é possível de se esperar, a noção de justiça é colocada ao lado das visões mais ‘românticas’, como parte de uma ideia de futebol que não combina com a atual necessidade de desenvolvimento técnico.

Contudo, é importante perceber, como apontamos acima, que os ideais transcendentais de justiça, referentes a uma dimensão propriamente moral da experiência, mesmo sendo retirados do debate em favor de posturas mais ‘técnicas’ e da relação preparação-resultado, retornam ao cerne da argumentação. Percebeu-se que, ainda que seja importante argumentar mais em nome da competência do que da ‘justiça’, a postura realista ou antirromântica não abandona completamente o modo de argumentar próprio do tipo de valor que classificamos como ‘transcendental’. O sentido da justiça que algumas vezes é chamado de ‘romântico’ retorna ao argumento para emprestar sentido à postura realista. Ou seja, para justificar o uso da tecnologia e as formas mais racionalizadas de controle do jogo também são empregados os argumentos em favor da estética e dos sentimentos morais:

O futebol perde na hora em que você vê um ato ilícito. Aquele gol que o brasileiro fez é... se aproveitando do lance né? Aquilo é de envergonhar, eu fiquei envergonhado. [...] Mas essa questão da... pra quem perde muito pra mim é o futebol. Na hora que tem esse tipo de lance, e esse tipo de lance que poderia ter sido é... resolvido com o uso da tecnologia. (Jornalista 3)

Em resumo, os jornalistas aqui citados apresentam um tipo de argumentação mais crítica dos ideais românticos e do modo de justificar ‘transcendental’. De fato, colocam esse tipo de argumentação, e especialmente aqueles que criticam o uso das

tecnologias de monitoramento, como representantes de uma era passada no futebol. Quando perguntados sobre a frase de Nelson Rodrigues ('o vídeotape é burro'), que condensa os ideais de uma argumentação transcendental no futebol¹⁷, foi afirmado:

Hoje a gente vive um mundo totalmente diferente. É... Hoje você conversa aqui, rapidamente você pega o seu celular, você pode botar uma imagem instantaneamente, você pode mostrar, dar sua opinião pra o mundo saber. Tantas mídias sociais que existem. Então... é uma frase de Nelson Rodrigues, mas do conceito daquela época, na situação daquela época. Hoje é um outro conceito, outra visão do mundo, né? Que a gente tem que aprender que o vídeo-tape não é burro. Vai mostrar os erros, o replay acaba apresentando o motivo do erro do árbitro, do treinador, do jogador, a falha é... de alguém, como pode apresentar um acerto da pessoa e essa pessoa mostrar depois. [...] Porque o replay não é burro, o replay é bem [verdadeiro], ele mostra todos os, as visões, a visão que ninguém teve no momento. Por isso que eu acho que Nelson teve aquela visão naquela época, hoje tem que ter um outro pensamento. (Jornalista 1)

“O Nelson ele era, ele era... acho que pura emoção né? O Nelson ele pertenceu, ele vivenciou o futebol numa época do futebol romântico. Então, você olha, na época dele tinha não só ele, começou pelo irmão, pelo Mario Filho. Então, isso é uma escola de... fantástica. Aí, você via, tinha Mário Filho, Nelson, aí depois veio, vieram os seguidores, né? [...] Você tinha o pessoal do Canal 100,... mais na frente você tinha um Armando Nogueira, quer dizer, essas pessoas elas viam o futebol como poesia, certo? Via como um teatro. Existe ator maior no futebol do que era o Maradona, não é? Então era um futebol diferente, e era um futebol onde ainda não tinha essa evolução tecnológica, certo? Era um futebol onde havia mais espaço e tempo. Então você pegava a bola, matava no peito, pensava até poder ele chegar, certo? Que ele corria a sessenta, hoje a turma corre a cento e vinte. Né? Então é... uma forma de ver bem mais pura, bem mais... ”(jornalista 2)

¹⁷ Ver Capítulo II.

Os árbitros seguem o mesmo caminho ao apresentar o momento presente do futebol como ‘mais técnico’, sem ‘romantismos’. Também para estes, as tecnologias de monitoramento são uma forma de controle extremamente importante e necessária. Assim como a maioria dos torcedores e os jornalistas, os árbitros também têm uma posição muito clara de defesa da tecnologia de monitoramento como uma possibilidade de premiar a competência. Contudo, o que é mais importante na distinção da argumentação dos árbitros é que para estes, devido a sua posição, a dimensão da ‘justiça’ assume um aspecto central na constituição de suas justificativas. Em termos simples, os árbitros consideram a “justiça”, no sentido de imparcialidade e verdade, a sua função no jogo. E isso envolve muito mais do que a competência ou preparo dos times. Nesses argumentos vemos a ideia de justiça ganhar uma dimensão substantiva e ‘quase-transcendental’¹⁸, uma vez que, segundo um dos entrevistados, ao árbitro se coloca uma tarefa que é a de fazer valer as regras do jogo. Além disso, é o equilíbrio permitido por sua função que garante a própria existência do jogo que, caso entregue à sorte, poderia ser apenas de frustração. Dessa maneira, percebemos que o ideal de justiça é construído de uma maneira particular nesse grupo que, como foi argumentado, seria o único a não ter interesse em ganhar. Sabemos que pode existir interesses outros envolvidos na tarefa de árbitros, mas é interessante perceber como o argumento dos entrevistados se baseia numa definição de *fair play*. Também é significativo que em nenhum dos outros grupos houve qualquer referência ao *fair play* ou associação entre este o ideal de justiça que estava sendo discutido.

Os árbitros assumem o debate sobre as tecnologias de monitoramento de maneira muito clara e bem informada. Conheciam todos os exemplos apresentados com muita familiaridade e estavam atualizados sobre as recomendações da FIFA. Contudo, apresentam uma postura bastante crítica sobre o desenvolvimento do debate uma vez que, para eles, este representaria um interesse da FIFA em melhorar a eficiência e o resultado da arbitragem sem tocar em uma questão muito mais fundamental: o investimento no preparo dos árbitros. Ou seja, para a perfeita execução de suas tarefas, o árbitro precisa ter o mesmo desempenho dos atletas, em termo de preparo físico, cuidados de saúde profissionais, etc., mas o modo como a arbitragem é organizada não lhes permite a mesma dedicação. Segundo um dos árbitros entrevistados, que é

¹⁸ BRITO, S. M.; MORAIS, J. V.; BARRETO, T. V. (2011a). Regras do Jogo versus Regras Morais: Para uma Sociologia do 'Fair Play'. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* (Impresso), v. 77, p. 133-147.

federado, o problema não vai se resolver apenas com o uso câmeras ou chips, mas seria necessário atentar para o preparo físico dos árbitros que precisaria ser o mesmo dos jogadores. Ainda, para o mesmo árbitro, o problema da justiça na arbitragem vem da desigualdade de preparo físico. Nesse sentido, o debate sobre as tecnologias de monitoramento é incompleto porque não leva em consideração a situação do árbitro em campo, especialmente as suas condições de manter o mesmo preparo físico que os melhores atletas.

I.5. Considerações Finais

As ações do mundo futebolístico, como todas as ações sociais, são morais ou estão relacionadas a valores. No entanto, não é parte da normalidade do jogo precisar revelar essa natureza ou recorrer a sua fundamentação. Algumas ações, por não se enquadrarem no padrão recorrente, demandam uma suspensão dos acordos e o seu debate para que, possivelmente, se chegue a um novo acordo. Do ponto de vista moral, esse movimento é necessário: é no emprego e confronto entre argumentos que as ordens de valor se constituem. Mas, a partir de um olhar sociológico, é possível perceber a sua semelhança com as situações de crise.

O debate sobre as tecnologias de monitoramento, ou melhor, o posicionamento nesse debate requer dos seus atores uma revisão e posicionamento diante do próprio ‘espírito do jogo’. Usar uma câmera para validar um gol implica considerações profundas sobre a natureza do jogo: o equilíbrio das emoções, o lugar da sorte, a finalidade do jogo (que não é claramente ganhar, basta pensar na posição do árbitro ou na sua forma lúdica), interesses econômicos, o papel do árbitro, a estética (o jogo pode ser parado?). Assim, o dissenso presente nesse debate está diretamente relacionado às dificuldades de construir argumentos morais válidos quando tantos fatores estão em questão. Durante a realização da pesquisa, tivemos o exemplo do caso do gol de Barcos no jogo entre Internacional e Palmeiras, pela 33ª rodada do Campeonato Brasileiro de 2012. O fato foi tratado pela imprensa como uma crise e até como um ‘dilema moral’. É interessante notar que a polêmica não se formou apenas porque o recurso à tecnologia ainda não é permitido, mas porque o seu uso revelou que o que está em questão no jogo não é apenas o caráter factual (se o gol era de mão ou não), mas os procedimentos de aplicação da regra, o papel do árbitro, a representação dos jogadores e como os

interesses se sobrepõem ao que é supostamente correto. Nada disso é novo no mundo do futebol, cada um desses fatores pode estar presente em qualquer partida. Mas, quando colocados sob a ótica da experiência moral, quando o debate moral se torna evidente, essas ações ganham outro contorno que as torna mais dramáticas e que, portanto, requerem um maior esforço de justificação ou uma interpretação do espírito do jogo capaz de se adequar à figuração de interesses formada.

Nesse sentido, esta pesquisa buscou entender a construção das justificativas e argumentos morais no mundo do futebol a partir do debate sobre tecnologias de monitoramento que, como foi demonstrado, representam uma discussão privilegiada para a compreensão da particular articulação de valores no mundo futebolístico. A partir de entrevistas com árbitros, jornalistas e torcedores, buscamos entender os recursos utilizados para justificar posições contrárias ou favoráveis às tecnologias de monitoramento.

Percebemos que, em sua maioria, os participantes do campo avaliam o uso das tecnologias de monitoramento como positivo, mas não existe um acordo com relação ao fundamento normativo que deve ser empregado: cada grupo constrói justificativas distintas de acordo com suas posições. Todos associam o uso das tecnologias de monitoramento a uma ampliação da justiça. No entanto, o modo como a justiça é compreendida apresenta variações. A grande maioria associa o ideal de 'justiça' a noções de competência e desempenho, reforçando os sentidos de esportivização e uma perspectiva normativa realista. No entanto, essa defesa de uma 'justiça esportivizada' não assume um tipo puro: ela também retoma os ideais transcendentais ou românticos, especialmente focados na manutenção do papel da emoção, para se estabelecer.

Do ponto de vista da Sociologia da Moral, os dados ajudam a compreender a constituição das disputas morais através do modo como os atores sociais empregam e elaboram os códigos morais em suas disputas cotidianas. Além disso, no caso específico estudado percebemos um campo cujo conjunto de valores que fundamenta a sua prática está sofrendo modificações: uma ordem de valores transcendentais (o *fair play* seria a sua representação) vem sendo lentamente substituída por valores mais realistas ou instrumentais. Particularmente, a contribuição desta pesquisa é mostrar o modo como essa transição está se realizando: como a compreensão da mudança nos valores requer uma discussão sobre o lugar dos indivíduos, suas disputas e experiências.

Bibliografia

ADORNO, T. W. (2000): *Problems of Moral Philosophy*. Cambridge: Polity Press

ADORNO, T. W. (2008): *Minima Moralia: Reflexões a partir da vida lesada*. Rio de Janeiro: Azougue.

ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. (1985) *A Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ALEXANDER, J. (2001) 'Towards a Sociology of Evil'. In; Maria Pía Lara (ed). *Rethinking Evil: contemporary perspectives*. pp: 153-72. Berkeley: University of California Press.

BARRETO, T. V.; MORAIS, J. V. *Aprendizes de futebol recriam as regras do jogo*. Revista Coletiva, v. 1, p. 1-4, 2010.

BAUMAN, Z. (1997) *Ética Pós-Moderna*. São Paulo: Paulus.

BAUMAN, Z. (1998). *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BOLTANSKI, L.; THÉVENOT, L. *On justification: economies of worth*. Princeton, Princeton University Press.

BRITO, S. M.; MORAIS, J. V.; BARRETO, T.V . (2011a) *Regras do Jogo versus Regras Morais: Para uma Sociologia do 'Fair Play'*. Revista Brasileira de Ciências Sociais (Impresso), v. 77, p. 133-147.

BRITO, S. M.; MORAIS, J. V.; BARRETO, T.V . (2011a) *Regras do Jogo e Regras Morais*. In: Edilson Fernandes de Souza; José Luís Simões. (Org.). *Escritos a Partir de Norbert Elias 2*. 1 ed. |Recife: Editora Universitária UFPE, 2011b, v. 1, p. 173-192.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (2007). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teoria e abordagens*. Porto Alegre: Artmed.

DUNNING, E. (1997), "Sport in the Quest for Excitement: Norbert Elias's Contributions to the Sociology of Sport", *Group Analysis*, 30, 4: 477-487.

ELIAS, N. & DUNNING, E. (1995) *Deporte y ocio en el proceso de civilización* . México: Fondo de Cultura Economico

ELIAS, N. & DUNNING, E. (2008), *Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilising Process*, Dublin: University College Dublin Press.

ELIAS, N. (1994) *O processo civilizador*. Vol1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ELIAS, N. (1997). *Os alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus no século XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ELIAS, N. (2009), “Figuration”, in *Essays III: on Sociology and the Humanities*, Dublin: University College Dublin Press.

GIULIANOTTI, R. (org.) (2004), *Sport and Modern Social Theorists*, Basingstoke: Palgrave Macmillan.

HITLIN, S & VAISEY, S. (eds.) (2010) *Handbook of the sociology of morality*. New York: Springer.

KEW, F. (1992), “Game-Rules and Social Theory”, *International Review for the Sociology of Sport*, 27, 4: 293-307.

KORSGAARD, C. M. (1996), *The Sources of Normativity*, Cambridge and New York: Cambridge University Press.

KOURY, M. G. P. (2009b). *Emoções, Sociedade e Cultura. A categoria de análise das emoções como objeto de investigação na Sociologia*. Curitiba: Editora CRV.

LAMONT, M. & THÈVENOT, L. (2000) *Rethinking comparative Cultural Sociology. Repertoires of Evaluation in France and the United States*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

LEMERT, E. M. (1997) *The trouble with Evil, social control at the edge of Morality*. New York: State University of New York Press.

MORAIS, J. V.; BARRETO, T. V. (2011) *The Flexibility of Football Rules and the Dynamics of the Game: A Figurational Analysis of The Offside Law*. *Soccer and Society*, v. 12, p. 212-227.

MORAIS, J. V.; BARRETO, T. V. *As Regras do Futebol e o Uso de Tecnologias de Monitoramento*. *Estudos de Sociologia (Recife)*, v. 14, p. 129-156, 2008.

SHERIDAN, H. (2003), “Conceptualizing ‘Fair Play’: a Review of the Literature”, *European Physical Education Review*, 9, 2: 163-184.

SMITH, D. (2001) *Norbert Elias and modern social theory*. London: Sage Publications.

TORRES, C. R. & CAMPOS, D. G. (org.) (2006), *La Pelota no Dobla? Ensayos Filosóficos en Torno al Fútbol*, Buenos Ayres: Libros de Zorzal.



I.7. Roteiro de entrevista

Parte I - Sobre a diferença entre uso de tecnologias e, especificamente, tecnologias de monitoramento

Objetivo das questões:

- . Perceber como diferenciam o uso da tecnologia em si - gramado, bola, preparação física, e o uso de tecnologias de monitoramento e porque as primeiras são mais aceitas que a segunda*
- . Perceber como se justifica que as tecnologias de monitoramento são mais centrais/estão mais diretamente ligadas às questões éticas*

1. Como você sabe, muitas são as tecnologias utilizadas no futebol, como, por exemplo, na área de fisioterapia, na alimentação, na preparação física, na arbitragem, com o uso de comunicação entre eles, e nas bolas, chuteiras e camisas, que são bem diferentes do que eram usadas no passado. O que você acha da introdução de novas tecnologias no futebol? Por quê?

2. Mas, existem outras tecnologias, que chamamos de monitoramento, em que recursos tecnológicos podem ser usados para tirar dúvidas dos árbitros, como, por exemplo, os chips nas bolas, para se ver se a bola entrou ou não, ou os monitores nos campos, para dizer se foi impedimento ou não, se foi pênalti ou não. O que você acha da adoção dessas tecnologias no futebol?

3. Por que você acha que a introdução de tecnologia de monitoramento tem provocado tanto debate?

Parte II – Sobre a relação entre o futebol e a vida, a constituição da experiência do jogo

Objetivo das questões:

- . Como se apresenta a diferença de valores entre o jogo em sua forma profissional e não-profissional*
- . Como se argumenta sobre as diferenças entre o jogo de futebol e a vida*
- . Perceber os valores associados às tecnologias de monitoramento e o tipo de discurso utilizado para justificá-lo ou negá-lo*

4. No futebol, seu (um) time pode ganhar, empatar ou perder. Pensando assim, qual o sentido do jogo para você?

5. Para você, existe o fator sorte no futebol? Se sim, qual a importância dela (da sorte) para o jogo?

6. O que você acha da possibilidade de ser introduzido o uso de monitores para tirar dúvidas durante uma partida? E sobre o uso de chips nas bolas para saber se foi gol ou não? Você acha que isso afetaria os resultados dos jogos?

7. Para você, o uso das tecnologias de monitoramento afetaria a emoção do jogo? Como? Em que sentido (diminui/aumenta/não interfere)?

8. O uso das tecnologias de monitoramento tornaria o futebol mais comercial? (usar como exemplo os intervalos do baseball)

Parte III – Sobre os gols fantasmas

Exemplos: Inglaterra e a Alemanha Ocidental (Copa do Mundo de 1966), A “mão de Deus” de 1986, Inglaterra e Alemanha na Copa do Mundo de 2010, Gol de Barcos, 2012 (mostrar os gols)

Objetivo das questões:

- . Entender como se apresenta a idéia de sorte e justiça*
- . Como se argumenta sobre a relação entre fortuna e futebol*

9. O que você acha de seu time ganhar ou perder com gols como estes?

10. Para você, como seria a história do futebol se os árbitros tivessem usado a tecnologia para dizer se foi gol ou não?

11. Para você, o que é um resultado justo no futebol?

12. O que acha da idéia de Nelson Rodrigues de que “o vídeo tape é burro”?

13. Nos esportes em que tais tecnologias são usadas, mesmo assim às vezes pairam dúvidas com relação às decisões dos árbitros. O que você acha disso? Como você acha que tais pendências poderiam ser resolvidas já que o uso dessas tecnologias não resolveu?

CAPÍTULO II

POLÊMICAS DO FUTEBOL E A CONSTRUÇÃO DE ARGUMENTOS MORAIS: ANÁLISE DOS GOLS DE MÃO

Simone Magalhães Brito (PPGS/UFPB)

Resumo: Baseado no debate e avaliação moral sobre gols feitos com a mão no futebol, particularmente nos gols de Maradona (Copa do México em 1986) e Thierry Henry (classificatórias para a Copa da África do Sul em 2010), esse trabalho analisa como atores sociais interpretam regras e elaboram justificações morais para atos desviantes. Tomando a prática do futebol e suas regras específicas como um microssistema de valores e o esforço dos atores sociais em incorporar e interpretar essas regras, temos um campo que possibilita uma análise sociológica da construção de justificativas morais. O objetivo deste trabalho é perceber como ocorre o processo de construção de argumentos morais quando se trata de ações desviantes ou que contrariam o espírito do jogo.

Palavras-Chave: Moralidade, *fair play*, futebol, desvio.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma discussão das linhas gerais de uma teoria sociológica da justificação moral a partir dos esportes, em outros termos: como atores sociais interpretam regras e elaboram justificações morais para atos desviantes. O horizonte de análise é o mundo dos esportes entendido como uma comunidade que compartilha sentidos e regras e apresenta um alto grau de concordância sobre suas aplicações. Qualquer prática esportiva só pode existir quando essa concordância em torno das regras é maior que as discordâncias de interpretação ou, por outro lado, haveria uma grande confusão sobre o que está sendo jogado.

Esse consenso em torno de um grupo de regras faz com que o mundo dos esportes seja um ambiente privilegiado para a compreensão sociológica da internalização e interpretação de regras, uma vez que esse alto grau de ‘acordo’ é mais difícil de ser encontrado quando falamos do emprego de categorias morais na vida. Assim, vários esportes podem ser alvo desta perspectiva, porém este trabalho tomará o futebol em seu mundo particular de regras e valores como objeto de análise. Se entendermos o mundo do futebol e suas regras particulares como um microssistema de

valor e neste tomarmos como foco de análise o esforço dos atores sociais em incorporar e interpretar aquelas regras, é possível analisar sociologicamente a construção de justificativas morais ou, nos termos de Luc Boltanski, como se estabelecem socialmente acordos e desacordos sem o recurso à violência.

A possibilidade do recurso à violência como meio de resolução de conflitos faz parte de todas as práticas sociais. Obviamente, o futebol não apresenta qualquer característica especial quando consideramos a ameaça de violência como possibilidade presente na interação. Mas, o que interessa aqui é justamente analisar o uso dos argumentos de modo a que os atores não precisem assumir formas de quebrar a ordem estabelecida, mas procurem se engajar numa disputa por valores e apoio da comunidade sem que a violência seja necessária. O processo de produção de acordo sobre significados requer uma série de interpretações da vida social que se tornam ainda mais evidentes no caso das justificativas morais. A justificativa de um ato requer a referência a um corpo de sentidos compartilhados pela comunidade. Assim, partindo de uma discussão da fundamentação da normatividade, a filosofia moral pode nos ajudar a entender como se justificam as ações que estão em acordo com as regras (ou com aquilo que é considerado um bem maior). Mas, como podemos entender o processo de justificação social/moral das ações que estão claramente em desacordo com a regra?

Na tentativa de responder a essa questão, esse trabalho busca analisar sociologicamente como foram justificados os gols de mão em dois casos muito relevantes para a história do futebol: o gol de Maradona contra a Inglaterra na copa do México de 1986 (que ficou conhecido como “La mano de Dios”) e o toque do jogador francês Thierry Henry numa partida contra a seleção da Irlanda que permitiu a realização do gol por William Gallas classificando a França para a copa de 2010 (chamado jocosamente de “La main de Dieu”).

As regras que organizam o futebol são muito claras no que diz respeito ao toque deliberado da bola com as mãos pelos jogadores de linha: é uma infração que precisa ser punida. Ao comentar o caso do gol que foi feito com a mão por Thierry Henry, o presidente da Federação Internacional de Futebol (FIFA) Joseph Blatter afirmou que “o maior crime no futebol era tocar na bola com a mão”. Este gol retirou dos irlandeses a possibilidade de disputar a Copa do Mundo de 2010 e provocou uma grande polêmica na imprensa esportiva mundial. Mas, quando questionado sobre a natureza do seu ato, Thierry Henry afirmou: ‘Sim, toquei com a mão, mas não sou o árbitro’. A reação do público, mesmo o francês, ao gol (e a sua justificativa) foi de uma severa rejeição; as

críticas reforçaram o tema da vergonha de se ganhar uma partida de maneira desonesta e também da inexistência de *fair play* por parte da própria FIFA ao não permitir que o jogo fosse repetido.

No caso de Maradona, a justificativa foi de natureza bastante distinta. Quando perguntado sobre como fez o gol, afirmou: "un poco con la cabeza y un poco con la mano de Dios". A interpretação desse gol gerou muita polêmica e o debate incorporou uma série de significados não imediatamente relacionados ao próprio gol. Obviamente, há como pano de fundo a história de grande rivalidade futebolística entre Argentina e Inglaterra. Ainda, precisamos considerar a guerra em que se encontravam as duas nações anos antes e mesmo o fato de que o segundo gol da partida também feito por Maradona é um dos mais belos da história do futebol, tendo sido eleito pela FIFA como o 'gol do século'.

Apesar de suas especificidades, do ponto de vista das regras do futebol e do 'espírito do jogo', 'la mano de dios' é exatamente igual a 'la main': um desvio da regra ou um 'crime' como definiu Blatter. Se pensarmos nas regras do futebol como a fundamentação normativa de suas ações e a fonte de sua identidade como prática distinta, as palavras de Blatter não são um exagero: cada gol de mão é o equivalente a um crime que ameaça o espírito e a comunidade do futebol. Mas, parece óbvio que existe uma maior simpatia ou, pelo menos, aceitação do público, quando se trata do gol de Maradona. Sendo assim, como podemos explicar a maior tolerância ou compreensão para com esse gol de mão?

A hipótese apresentada aqui é que as diferentes reações ao gol de Maradona e de Henry não estão baseadas em traços culturais nacionais, mas aos modos de justificar utilizados por cada um. O argumento proposto está em clara oposição a uma interpretação filosófica da moralidade. Porém, do ponto de vista sociológico é interessante demonstrar como as justificativas do ato desviante não pretendem abandonar o terreno da moralidade e, apesar de sua natureza, conseguem construir posições éticas aceitáveis em meio à comunidade futebolística. Assim, pretendo desenvolver os seguintes argumentos para explicar de um ponto de vista sociológico a diferença entre os gols de Maradona e Thierry Henry: (1) que a aceitação não tem relação com o ato em si, mas com o modo de justificar: enquanto Maradona utiliza um argumento moral que classifico como 'transcendental', Henry utilizou um argumento 'legalista'; (2) que, enquanto a visão legalista revela os principais dilemas presentes numa visão instrumental e no processo de esportivização do futebol, o argumento

transcendental apresenta uma interpretação encantada ou mística desta prática que é capaz de dissimular o caráter ‘criminoso’ do ato; e, por fim, que (3) apesar de referir-se a um desvio, o argumento ‘transcendental’, parece, em termos da prática, se encaixar melhor ao sentido do ‘espírito do jogo’.

É importante salientar que este artigo não tem a preocupação de avaliar qualquer tipo de determinação social dos argumentos morais nem, muito menos, a proporção de indivíduos que defende tais argumentos. Seu objetivo é apenas o de apresentar como os processos de justificação moral operam uma interpretação da experiência.

Problema: As muitas leituras da mesma mão

Os gols de mão de Maradona e Henry, bem como o de Túlio na semifinal da Copa América de 1995 ou o gol feito com o “braço de Deus”¹⁹ por Luís Fabiano na última Copa do Mundo, dentre tantos outros, são exemplos muito claros de falta. Mais ainda, podemos levar adiante o argumento de Blatter de que um gol de mão é o maior crime no futebol uma vez que o ‘espírito do jogo’ é ferido. Aceitar que os gols de mão ocorram sem a punição adequada não só fere o corpo de regras que dá identidade ao futebol, como também põe sob suspeição (afetando a experiência) os valores que orientam essa prática, quer os consideremos como formas de contrato, como virtudes ou forma lúdica²⁰. Dito desta forma, o problema dos gols feitos com a mão parece muito simples: um caso de trapaça, uma tentativa de engano que aliena todos os envolvidos e que, por sua natureza dolosa, apenas contribui para deteriorar a experiência do jogo. De fato, é muito difícil encontrar uma defesa dos gols de mão em si uma vez que esta seria a própria negação do futebol.

No entanto, o problema emerge quando tratamos de situações específicas, de partidas em particular e o valor de um gol feito com a mão é reavaliado ou tem sua natureza ‘criminoso’ mediada por necessidades outras, ou minimizada pelo interesse urgente de ganhar. Nos casos citados acima, não existe uma polêmica sobre a irregularidade do gol, mas sobre a sua necessidade como parte da experiência: a dificuldade em admitir a possibilidade de um jogador reconhecer o seu erro diante do

¹⁹ O próprio Maradona afirmou que o gol de Luís Fabiano na partida contra a Costa do Marfim havia sido feito não pela mão, mas pelo ‘braço de Deus’. Ver: <http://oglobo.globo.com/esportes/copa2012/mat/2012/06/21/maradona-luis-fabiano-fez-gol-com-braco-de-deus-916932597.asp>

²⁰ Para uma discussão sobre valores e o ‘espírito do jogo’ ver: BRITO, S. M. & MORAIS, J. V. & BARRETO, T. V. (2011).

juiz. Não existe uma unanimidade sobre o dever do jogador admitir ao juiz sua falta quando algo muito importante está envolvido. De um ponto de vista ético, é claro que a ação correta é admitir o erro, a quebra da regra (e Maradona ou Henry para serem sujeitos morais precisariam tê-lo feito), e, mais óbvio ainda: não fazê-lo representa uma ação imoral. Contudo, o que chama atenção nesse debate e pode contribuir para a compreensão do que está em questão nos modos de justificação social é o fato de que essa ‘recusa da ação moral’ não se quer admitir como imoralidade, como dolo ou trapaça. Para dar um breve exemplo, um jornalista brasileiro assim argumenta em seu blog em defesa da “mano de dios”:

O Maradona foi um artista! Sutil ao extremo. O braço, colado ao rosto, acompanhou o movimento da cabeça, só deu para perceber que foi falta no replay. A cena foi plasticamente muito bonita, como quase tudo o que Maradona fez com uma chuteira. Artista. E ele ainda teve a sensibilidade de sair correndo e chamar os companheiros para ir atrás dele, para não deixar o juiz e o bandeira terem qualquer dúvida a respeito do lance.²¹

No argumento apresentado, a capacidade de Maradona em levar adiante a sua mentira foi incorporada a uma estética da cena como um tipo de especial “sensibilidade”. Não existe no argumento qualquer dúvida sobre a natureza do ato: houve a busca deliberada de ludibriar o juiz e o time adversário, como atesta a demonstração de “sensibilidade” que se segue ao gol. Em grande parte dos comentários gerados por esse texto, os fãs de futebol reconhecem o problema moral dessa justificativa ao estetizar a trapaça. Os atores que rejeitam essa perspectiva colocam em prática processos de argumentação moral ao tentarem extrair as consequências da universalização deste modo de agir. Seguindo um modo de justificação da ação moral que tenta adiantar as consequências do estabelecimento daquele padrão social de ação, a discussão que se segue no blog representa, por parte de alguns, aplicações práticas de uma fundamentação da moralidade através do imperativo categórico kantiano (“age somente, segundo uma máxima tal, que possas querer ao mesmo tempo que se torne lei universal”). Assim, surge a pergunta: “Quer dizer que se algum colega de trabalho seu

²¹ Em: <http://colunas.sportv.globo.com/andrerizek/2010/06/10/gol-de-mao-e-a-falta-de-etica/comment-page-8/>. Em 12/08/2012.

lhe passar a perna, tirar o seu cargo, mas for “plasticamente bonito” você não vai achar ruim?”²². No mesmo sentido, outro argumenta:

*“Colega: Não reclame ou ache ruim o dia que você for assaltado. Afinal, a vida é um espetáculo e está sujeita a ter problemas [...]. O negócio é ser assaltado [sic], entregar a grana e ficar feliz. Afinal você ficou muito feliz com o gol ilegal de Maradona. O dia que você [sic] for assaltado diga lá no (...)que você bate palma para o assaltante, pois afinal você [sic] também bateu palma para o gol ilícito do Maradona”*²³

Os indivíduos que apresentam estes argumentos estão realizando, de um ponto de vista sociológico, uma operação reflexiva com certo grau de complexidade: retiram de uma ação específica uma espécie de ‘fundamento organizador’ e aplicam esse modelo a outras possíveis ações. No caso de um pensamento moral, o que está ocorrendo é a própria prática de busca pela ação correta, pelo modo de ser bom (Adorno, 2000).

Mas, aqueles que aceitam o gol de mão tendem a fazer referência a uma espécie de ‘realismo’, numa argumentação que naturaliza o dolo como parte necessária do mundo do futebol e da vida: “enganar o juiz [sic] faz parte do futebol, muito mais do que a cotovelada que o Pelé deu no jogo contra o Uruguai em 70...”²⁴. Ou seja, o engano é parte da experiência do futebol e aqueles que se recusam a reconhecer este fato são chamados de “puritanos” numa alusão a dimensão perversa dos ideais de moralidade. Complementa esse argumento uma outra ideia igualmente importante: de que toda disputa ética é, na verdade, guiada por interesses da situação. O futebol seria, como ainda mais todo o resto no mundo da vida, uma busca de resultados. Ao argumento de realidade ou de naturalidade da trapaça é adicionado a necessidade do agir instrumental onde cada um precisa buscar seus interesses e, principalmente, são eles que realmente definem o que é ou não moral: “nos orgulhamos das trapaças quando são a nosso favor, creio [sic] que como todos no mundo”²⁵.

É interessante notar que a defesa dos gols de mão se estabelece a partir de um esforço de inseri-los no terreno do ‘espírito do jogo’ e, conseqüentemente, da moralidade. O que esses argumentos buscam é apresentar uma interpretação da trapaça que a insere no terreno das ações corriqueiras do mundo do futebol, no sentido de uma

²² Idem.

²³ Idem.

²⁴ Idem.

²⁵ Idem.

moralidade ou maneira de perceber o jogo que se pretende mais verdadeira ou, pelo menos, a única que se adéqua ao jogo e as ‘reais’ possibilidades de ação no mundo do futebol.

Pensando de um ponto de vista ético, as defesas de um gol feito com a mão são justificativas de um padrão de ação egoísta. De fato, não há muito a ser discutido, pois, como já demonstraram os argumentos práticos citados, sua defesa é a defesa da própria mentira e maldade como fundamento das relações sociais. Contudo, o que interessa aqui, particularmente, é perceber como esse argumento é socialmente mantido sem que seu caráter egoísta ou imoral se mostre evidente e vergonhoso para aqueles que o defendem. É importante, tanto para uma compreensão do *fair play* quanto para uma sociologia das ações morais, entender como esses argumentos são elaborados e se tornam práticas.

Existe um espaço entre a regra moral, o que é socialmente e eticamente definido como bem, e as ações dos indivíduos. Para o pensamento ético, este espaço é tudo aquilo que deve ser evitado ou eliminado da ação, como lapsos que a razão precisa corrigir. Contudo, de um ponto de vista sociológico, esse hiato é um terreno de intensa reflexividade uma vez que, ao tentar adequar regras estabelecidas a situações específicas, os atores buscam criar novas regras capazes de afastar o desprezo e a vergonha social normalmente imputado aos desvios da moralidade. Nessa tentativa de normalização ou moralização do imoral, os atores sociais precisam recorrer a um conhecimento profundo do jogo social entre valores e emoções. O argumento apresentado precisa não apenas de coerência, mas deve demonstra um conhecimento da vida e dos seus atores que seja capaz de convencer e se impor como melhor. No caso do futebol, essa estratégia se torna evidente e complexa uma vez que não são apenas as regras do futebol que estão sendo acionadas, mas o próprio jogo como metáfora da vida social.

Esse processo de reflexividade fica ainda mais evidente quando percebemos que a sua operação não se dá apenas entre os dois polos regra versus desvio, mas que o próprio ‘desvio’ apresenta diferenciações e maneiras de justificar. Nos exemplos aqui tratados, percebe-se que existe uma nítida diferenciação entre o gol de Maradona e o de Thierry Henry. Ainda que os dois sejam exatamente idênticos do ponto de vista (a) das regras do futebol, (b) dos seus efeitos diante do espírito do jogo ou da necessidade de *fair play* e, ainda (c) do ponto de vista da Moral, existe uma maior simpatia pelo primeiro, uma possibilidade de sua aceitação, como se este fosse, em algum sentido,

mas justificável ou defensável que o segundo. Assim, um comentarista esportivo estabelece a diferença entre as duas ‘mãos’ em questão:

Maradona elevou a mão à condição divina quando usou a sua para fazer o gol contra a Inglaterra na copa de 86 e disse que era a mão de Deus. Só que o lance teve uma sutileza genial (...) Mão de Deus só a de Maradona-todas as outras são do Capeta!. Nem vou perder tempo falando da mão do Túlio contra a Argentina na Copa América de 95 e muito menos dos tantos outros gols de mão que aconteceram aqui e pelo mundo afora. Quero falar mesmo é da mão do Thierry Henry, o gatuno atacante da França. Aquilo foi o maior escândalo do futebol desde que Charles Muller calçou uma chuteira. Ele matou a bola no antebraço, a deixou escorrer até a palma da mão e ainda ajeitou com um tapinha antes de dar o passe para o gol mais roubado de todos os tempos (...).²⁶

Este argumento expõe claramente o problema que precisa ser tratado: como é possível que o mesmo ato, especificamente o mesmo desvio da regra, seja percebido de maneiras tão diferentes e dê origem a distintos modos de justificar que dividem as opiniões. O ato de Maradona é elevado socialmente, moralmente justificado por uma série de argumentos que vão desde uma ética do *pibe*, como Maradona era chamado na Argentina quando começou – que seria uma moral dos mais fracos, uma plasticidade específica do ato, a rivalidade entre Argentina e Inglaterra, até a beleza e genialidade do segundo gol da partida que ofuscaria o seu mal feito. Por sua vez, Thierry Henry ao cometer o mesmo ato é chamado de “gatuno”, desonesto e foi desprezado pela imprensa internacional e mesmo entre os franceses que teriam sido beneficiados pelo ato.

O que ocorre em cada destas situações que leva o processo de justificação moral a percepções tão distintas? Assim, o que precisa ser problematizado não são os gols de mão em si, mas a maneira como se argumenta sobre sua necessidade ou como se lida com a vergonha que sua realização deveria causar. Antes de continuar, é importante acrescentar alguns esclarecimentos de cunho metodológico: (1) o interesse deste trabalho não é julgar os gols de mão, nem legislar sobre qualquer regra do futebol e sua conexão com a vida social, mas apenas entender como os processos de justificação ocorrem; (2) essa compreensão do modo de justificar parte de interesses teóricos e

²⁶ Ver: http://terceirotempo.ig.com.br/coluna_materia.php?id=169, em 17/08/2012. Grifos nossos.

busca criar elementos para uma teoria sociológica da moralidade nos esportes. Dessa maneira, os argumentos aqui apresentados não têm preocupação com a quantidade de pessoas que endossam certos argumentos, a sua autoridade relativa no campo futebolístico, mas tão somente com o modo como expõem suas justificativas e as referências a imagens da vida (de uma vida reta) e emoções que utilizam.

Sociologia da Moralidade

O primeiro problema que se enfrenta no desenvolvimento de uma compreensão sociológica da justificação moral é a delimitação da própria natureza da moralidade (Bauman,1998). Essa questão se torna particularmente difícil quando percebemos que o uso corrente do termo *moralidade* apresenta níveis de significado que muito dificilmente podem ser acomodados dentro de uma perspectiva sociológica.

Em primeiro lugar, existe um uso carregado de implicações ascéticas e moralistas, como sugere Adorno (2000), onde não podemos dissociar o termo “moralidade” das ações de um indivíduo “moralista”, ou seja, que prega normas e valores que nem ele mesmo é capaz de seguir. Esse uso é o que Nietzsche denuncia e está imediatamente relacionado a uma espécie de violência ou ressentimento que visa inibir sentidos e emoções vitais²⁷. Outro uso igualmente problemático para a visão sociológica é aquele que identifica a moralidade como uma forma universal. Ou seja, haveria a possibilidade de pensar um fundamento ou característica de uma boa ação que seria universalmente válido; seria possível encontrar um padrão de julgar ações boas ou más independentes de aspectos culturais, da história, classe social, etc.

O primeiro sentido precisa ser colocado em suspenso uma vez que, como demonstra Adorno (idem; 2008), apesar de sua realização ser a própria negação da Moral, não é possível descartá-lo completamente: se queremos entender o campo da experiência moral, precisamos percebê-lo como marcado por uma busca do bem e da ação reta (uma negação da reprodução do sofrimento humano) e, ao mesmo tempo, por uma constante tensão com relação às regras que se dá devido a impossibilidade de segui-las perfeitamente e a iminência de sua perversão (na forma da violência). Apesar

²⁷ Os defensores dos gols de mão acusam aqueles que demandam honestidade e jogo limpo de “moralistas”, afirmando um caráter de hipocrisia (afinal, no nível profissional onde há muitos interesses envolvidos, ninguém seria livre para agir de modo diferente) e também um certo desconhecimento do que é jogar futebol, desde que só uma visão exclusivamente exterior pode afirmar tão categoricamente o que é correto.

de, seguindo Adorno (2000), considerarmos o “momento de verdade” presente no segundo sentido, aquele universal, a sua suposição é incompatível com a perspectiva sociológica e, nesse sentido representaria um tipo de normatividade pensada em si cuja recusa está na própria origem da disciplina.

A moralidade se refere às maneiras como indivíduos interpretam o significado das suas ações e de outros na busca pela maneira correta de agir. Dito desta maneira, não existe nenhum problema em falar de uma sociologia da moralidade. Contudo, se não atribuímos ao campo da moralidade qualquer valor distintivo ou uma normatividade particular, estamos diante de um problema: não há como distinguir, por exemplo, padrões morais de padrões culturais. Também poderíamos pensar *as maneiras como indivíduos interpretam o significado das suas ações e de outros na busca pela maneira correta de agir* como exercício cultural.

A dimensão desse problema foi explicitada por Zygmunt Bauman (1989) ao demonstrar que a tradição sociológica não fornece elementos adequados para se tratar dos problemas da Ética e Moral sem que estas sejam esvaziadas. Caso se trate da moralidade como apenas mais um aspecto da vida social e se aplique a todos os valores a noção de que estes são verdadeiros porque foram ‘socialmente construídos’, não há nada com que se possa opor à imoralidade. Certos atores sociais “constroem” a ideia de que certos membros do grupo possuem natureza distinta, são como vermes ou insetos. Assim, diria Bauman, tudo que a sociologia pode fazer é registrar que certa parte de um grupo é desprezível, como vermes ou insetos.

Num outro momento, apresentamos uma proposta de como lidar com valores morais na perspectiva sociológica²⁸ através de uma perspectiva adorniana onde poderíamos pensar a existência de estruturas e valores semi-transcendentais. Dessa maneira, é possível manter na pesquisa sociológica o caráter *sui generis* da experiência moral. Na discussão aqui apresentada, tomo como pressuposto a natureza particular da moralidade: a sua dimensão de valor que não é universal, mas que só pode existir enquanto desejo de universalização. Acima identificamos a experiência da moralidade para os atores sociais como um hiato entre a regra e ação. É possível dar mais determinação a essa ideia aplicando a filosofia moral de Kant e Adorno ao pensamento sociológico e afirmando que, diferentemente de em outros hiatos existentes entre a regra e ação, o hiato moral é aquele que se busca preencher com tentativas de universalização.

²⁸ Cf. BRITO, S. M. & MORAIS, J. V. M. & BARRETO, T. V. (2011)

Assim, se buscamos entender qual é o terreno da moralidade na vida social, pode-se afirmar que é todo aquele em que o impulso que organiza ou justifica a ação não se encerra no instante do seu acontecimento, mas visa a outras ações e situações.

Nesta perspectiva, temos uma justificativa para o estabelecimento do futebol como lugar privilegiado para o estudo da experiência moral. As discussões sobre o mundo de futebol, que muitas vezes irritam os especialistas por sua falta de conhecimento técnico e histórico, são, na verdade, resultado de uma experiência moral onde os atores/jogadores tentam ordenar o sentido do jogo, compará-lo com o mundo vivido. Podemos perceber nas interpretações contrárias ou favoráveis ao gol de mão que o argumento empregado sempre visa a um sentido mais amplo, uma possibilidade de universalização. Busca-se preencher o hiato entre a regra e ação como uma consideração do que deve ser e, geralmente, percebemos que essa consideração tem pretensões de validade para além da situação em que é estabelecida. Em um dos comentários de um dos blogs esportivos analisados vemos o seguinte argumento de um torcedor que explica as razões pelas quais despreza os gols de Maradona e Henry: “[...] Não é um onda moralista. É a simples cobrança para que regras e leis sejam cumpridas à risca porque quem quer que seja e em qualquer lugar ou situação [...]”²⁹. Também podemos observar a recorrência a um padrão universalizável naqueles que defendem os gols de mão como no exemplo abaixo:

*Claro que a indignação com uma atitude errada como a de Henry é uma reação boa, mas defender a repetição do jogo ou crucificar o francês é querer modificar a natureza do ser humano. [...] Esse tipo de artifício não é bonito e nem elogiável, mas a trapaça existe e sempre vai existir. É por esse motivo que o árbitro está lá. Se o ser humano fosse bonzinho, não precisaríamos de juiz, pois os jogadores se “autopuniriam” enquanto fadas e duendes [sic] trabalhariam como gandulas, unicórnios seriam os mascotes dos times e centauros e faunos narrariam o jogo.*³⁰

O argumento apresentado acima demonstra como a justificação moral visa a padrões que estão fora da situação específica em questão: uma vez que o ato em si não

²⁹ <http://colunas.sportv.globo.com/andreizek/2010/06/12/por-que-vai-dar-espanha>. Consultado em 18/09/2012.

³⁰ <http://www.esportefino.net/henry-nao-pode-ser-tratado-como-o-maior-canalha-do-futebol>. Consultado em 16/08/2012

pode ser defendido sem cair em contradições, minimiza-se suas consequências por uma referência a natureza humana como uma forma imutável, que foi e sempre será corrupta.

Além do modo de justificação empregado nas discussões sobre o futebol, existe um outro aspecto da sua experiência que o aproxima da moralidade e torna o futebol um campo privilegiado para a construção de sociologia da moralidade. Os jogos ocorrem numa situação que seria a situação ideal para a vida moral, um momento onde há plena concordância sobre a justeza das regras. Não é possível imaginar um jogo de futebol sem a proibição de tocar a bola com as mãos (com a exceção do goleiro) e também não se inclui no jogo a possibilidade ou necessidade de quebrar as regras porque nele acontece algo que não se realiza na vida social: uma aceitação, por parte dos atores envolvidos, de todas as regras e suas implicações como justas e dignas de serem seguidas. A experiência do jogo e a reafirmação das regras se dão, nessa perspectiva, como uma oposição à violência uma vez que cada ator/jogador concorda com a norma e não questiona o fundamento de sua justiça.

Ainda, deve-se considerar o fato de que mesmo em situações de desequilíbrio, faz parte do *ethos* do jogo buscar meios de aproximar-se da igualdade entre os participantes. Nesse sentido, nem mesmo o processo de esportivização e a reificação da experiência esportiva conseguiram eliminar essa necessidade de igualdade, o que nos leva a compreender e fundamentar o *ethos* de jogar como inseparável de uma perspectiva moral.

É interessante, deste modo, perceber que em toda a polêmica sobre os gols de mão não existe, em momento algum, uma discordância das regras em si. Em nenhum momento da pesquisa e nos vários debates pesquisados sobre a polêmica em torno dos gols de mão nunca houve alguém que ousasse questionar a regra que proíbe aos jogadores tocarem a bola com as mãos. Esse argumento soa ridículo e sem sentido, mas é justamente a intensidade desse ridículo que confirma meu argumento como muito importante para a compreensão da natureza moral da prática dos esportes em geral, e do futebol em particular. O fato de que esse questionamento é impensável e de que todas as discordâncias em torno dos gols de mão nunca confrontam a regra que proíbe o uso das mãos no futebol demonstram que existe uma concordância radical em torno de uma regra que fundamenta o futebol. A experiência moral permitida pelo futebol, onde todos concordam com uma regra e não lhe atribuem um caráter violento, é muito rara na vida social.

Modos de justificar

Uma vez que o futebol é percebido como uma experiência moral e, mais ainda, como uma experiência moral privilegiada em relação à vida devido ao grau de concordância sobre suas regras, como ainda é possível haver uma justificativa para os gols de mão? Eles não são claramente um desvio, o equivalente do ‘crime’ na sociedade e, portanto, indefensáveis?

O argumento acima apresentado seria problemático se estivesse defendendo a experiência do futebol como um exemplo da prática da vida correta ou boa em si. O que está sendo apresentado aqui é um argumento que tem pretensões teórico-epistemológicas. Desta maneira, não afirmo que a prática desportiva, ou do futebol em particular, seria em si uma experiência utópica e de igualdade entre seres humanos, mas tão somente que apresenta *um sentido utópico como possibilidade prática*. Esse sentido precisa ser encenado ou, ao menos, referido pelos jogadores a cada situação de jogo.

As possibilidades utópicas e lúdicas estão presentes na lógica do jogo. Pensando as regras do jogo como uma organização moral, podemos perceber que sua normatividade está fundada em um ideal de igualdade (entre os jogadores) e cooperação (SHERIDAN, 2003) e, ainda mais, que aquela se estabelece numa temporalidade distinta daquela da vida normal. Contudo, como já afirmamos anteriormente, essas são possibilidades inscritas no código moral do jogo e códigos morais não podem ser encarados como exterioridades que se impõe ao indivíduo. A moralidade precisa ser colocada em prática através de ações e reflexividade. Essa dimensão de liberdade dos atores sociais não só permite performances diferentes para o mesmo código, como possibilita a própria quebra do código, basta considerar como violência as formas de violência tão comuns em diversos esportes.

Numa perspectiva sociológica, a imoralidade é parte da experiência moral. Essa afirmação soa comum desde o trabalho de Durkheim, contudo, é necessário enfatizá-la para fortalecer a ideia apresentada aqui. A existência de atos violentos no futebol ou as suas conexões com os interesses do mercado não refutam o argumento de que o futebol é um código moral. Na verdade, a existência dessa dimensão negativa revela a experiência moral do futebol quando as pessoas se revoltam contra o seu atual estado de reificação.

A partir de agora já é possível estabelecer uma diferença que talvez ajude a nossa compreensão da experiência moral. Se seguirmos o pensamento de Adorno (2000),

podemos afirmar que a “Moralidade” é uma busca do conhecimento da vida reta ou da melhor maneira de agir e, ainda, que o termo se refere ao que é justo, aquilo que se opõe ao mal e injusto. No modo de pensar proposto por Adorno, devemos usar o termo moralidade para falar do que é “bom” e digno dos seres humanos, mas também precisamos perceber que existe uma dialética operando na experiência da moralidade e que, portanto, na vida social os imperativos de justiça podem se transformar em perversão e frieza. Nesta perspectiva, o termo moralidade é usado para indicar um conjunto de valores ‘em si’, bem como a prática desses valores e a lacuna que se estabelece entre eles. A diferença que propomos é chamar esse segundo aspecto da moralidade de “modos de justificar” num sentido parecido, porém muito menos determinado, com aquele empregado por Boltanski e Thévenot (2006). Estes autores criaram uma tipologia ampla das formas sociais de estabelecimento da concordância ou dos modos e sistemas que atores recorrem para evitar o conflito e violência. Minha proposta, contudo, não tenta seguir a ideia dos modos definidos, de regimes específicos, apesar de concordar com o seu interesse sociológico, mas pensar como se dá essa operação de justificar no nível da ação individual.

De fato, se usamos essa oposição entre “moralidade” e “modos de justificar” e entendemos que a relação entre elas é simbiótica, podemos entender melhor a tensão presente na ação moral. O problema analisado aqui demonstra isso. Se usarmos apenas o sentido de moralidade como um ‘dever ser’, mais próximo da filosofia moral, todos aqueles que buscam justificar o gol de mão de Maradona são imorais e não há muito para ser argumentado. Não estou afirmando que estas pessoas não são imorais, que seu entendimento do futebol não é problemático. Mas, simplesmente, quero estabelecer que, do ponto de vista de uma sociologia da moralidade, o esforço de argumentação e justificação que eles fazem, a tentativa de permanecer no campo da moral (e convencer outros disso) mesmo quando se trata de uma ação desviante, compõe ainda o campo da experiência moral. Por sua vez, se me refiro tão somente ao modo de justificar empregado pelos atores sociais e não o confronto com sua relação substantiva com a Moralidade (o que é reto e justo), também esvazio uma dimensão fundamental da ação social. No caso discutido aqui, não é possível entender corretamente a operação realizada pelos defensores do gol de mão sem fazer referência a uma certa perspectiva moral alternativa que estes procuram delinear em oposição à Moralidade, especificamente uma perspectiva que se opõe aos ideais de *fair play*: uma suposta visão realista da ação humana.

Entre as leis de Deus e as leis dos homens

Uma vez que procuramos entender o modo de justificar empregado pelos atores sociais, percebemos que a defesa dos gols de mão, apesar da imoralidade destes, não é uma defesa da injustiça e da trapaça. O que está em jogo é a proposta de outra perspectiva moral que se considera mais adequada à compreensão do futebol e capaz de interpretar os nexos de significado entre esta prática e a vida.

Quando analisamos as diferentes interpretações para o gol de mão de Maradona e o de Thierry Henry, poderíamos afirmar que está sendo realizada uma disputa entre o que é mais ou menos perverso. Contudo, de um ponto de vista da lógica social de construção da moralidade, são os próprios argumentos utilizados na busca de uma vida reta que estão sendo empregados. Essa ideia nos leva a uma importante compreensão da sociologia da moralidade que, de certa forma, dá razão a perspectivas relativistas e imorais de toda lavra: enquanto ação social, a moralidade é muito mais um jogo de argumentos do que ações em si.

Assim, como podemos entender que o mesmo ato receba interpretações morais opostas? É possível afirmar que esta distinção se dá devido aos modos de justificar empregados por cada jogador. Quando Maradona afirma que se houve mão na bola, teria sido a mão de Deus, a lógica empregada está relacionada a um mundo encantado. Apesar de ser uma trapaça, o seu ato foi inserido num mundo mágico, onde alegria e tragédia são possíveis porque Deus ou a Fortuna, possuem poderes de intervir e, provavelmente, não somos capazes de entender suas razões. Maradona torna-se um Ulisses que, num mundo de tragédias e monstros, precisa de artimanhas para sobreviver. Mais do que a plasticidade da cena, o argumento empregado fecha um círculo de significados morais que são muito poderosos, especialmente num mundo reificado. Diante de um intenso processo de esportivização do futebol, a ‘magia y dolor’ que caracterizam Maradona apresentam-se como elementos de resistência capazes até de suplantar seu ‘crime’, fornecendo assim elementos para a organização de uma justificativa moral que não estaria em contradição com a Moralidade.

No caso de Thierry Henry, o argumento empregado tem significados exatamente opostos a este. O jogador não só admitiu que teria tocado na bola antes de cruzar para Gallas marcar o gol, como teria dito que ‘não era o juiz’. Esse argumento não é apenas de um tipo realista que admite que a vida é organizada de uma maneira a sempre

permitir o dolo e a injustiça, ele também é ‘legalista’ num sentido muito específico. O legalismo apresentado por Henry separa as leis do futebol da Moralidade de uma maneira radical. Como consequência, as regras que orientam a disputa se tornam regras a serem usadas contra o adversário, como força e violência, para saber quem tem mais capacidade de usá-las a seu favor. Essa visão das regras está claramente ligada a um mundo desencantado, dominado por imperativos estranhos à prática do futebol como experiência lúdica e de inversão do tempo. Um dos defensores de Henry expõe os seus argumentos reclamando claramente uma atitude de aceitação da possibilidade das injustiças:

*No futebol se faz faltas – e infelizmente algumas delas machucam os outros, ainda que sem intenção. O ideal é que o juiz apite todas elas. Mas ele não apitar todas elas, hoje, faz parte do jogo. Faz parte de qualquer esporte.*³¹

O argumento legalista não é problemático em si mesmo, na verdade é uma posição moral defensável e que, num certo modo de compreender o significado de ‘lei’, pode ter uma dimensão utópica. Admitir o rigor da lei não significa necessariamente uma imposição perversa da norma, pode significar uma ruptura com contextos e particularidades, pode também indicar uma maior possibilidade de autonomia a indivíduos e grupos minoritários em situações coercivas. Contudo, no contexto do futebol contemporâneo, o argumento de Henry possui afinidade com processos de esportivização e reificação. Por isso, a reação de desprezo do público em geral ao seu ato foi tão mais intensa se comparada a “mão de Deus”. A melhor reação do público argentino não tem relação com suas características culturais particulares, mas com o argumento transcendental utilizado que, apesar de sua dimensão de engano, pode ser justificado com os mesmos elementos que compõem o ‘espírito do jogo’.

Quando estabelecemos uma separação entre a Moralidade e os modos de justificar, percebemos que, de acordo com a primeira, os gols de mão são uma espécie de crime. Contudo, quando analisamos o modo de justificar, percebemos que não é possível, na vida social, apontar o ato em si, mas um *tour de force* argumentativo que elabora reflexivamente práticas discursivas ou justificações morais tendo como base a própria Moralidade e sem, em nenhum momento, rejeitar seu fundamento e sua pretensão

³¹ <http://colunas.sportv.globo.com/andrerizek/2010/06/10/gol-de-mao-e-a-falta-de-etica/comment-page-8/>. Consultado em 16/08/2012

transcendental. Em outros termos, a compreensão sociológica da moralidade requer reconhecimento da tensão permanente entre Moralidade e modos de justificar.

Considerações Final

Neste trabalho apresento uma teoria sociológica da moralidade que busca interpretar os gols de mão e seu lugar no futebol entendido como um código moral. Através das argumentações e comparações em torno dos gols de mão de Maradona e Thierry Henry, procurei demonstrar uma perspectiva sociológica da moralidade e como esta pode se beneficiar de uma análise do futebol. A discussão sobre os gols de mão permitiu delinear uma ideia bastante relevante para uma perspectiva sociológica da moralidade, ao afirmar que não importa tanto analisar o ato em si quanto o contexto de disputas argumentativas no qual ele se insere ou, em outros termos: a tensão entre Moralidade e modos de justificar.

Bibliografia

ADORNO, T. W. (2000), *Problems of Moral Philosophy*, Cambridge: Polity Press

ADORNO, T. W. (2001): *Metaphysics: Concepts and problems*. Cambridge: Polity Press

ADORNO, T. W. (2007) *Introdução à Sociologia*. São Paulo: UNESP.

ADORNO, T. W. (2008): *Minima Moralia. Reflexões a partir da vida lesada*. Rio de Janeiro: Azougue.

ALEXANDER, J. (2001), "Towards a Sociology of Evil", In Maria Pía Lara (ed.) *Rethinking Evil: Contemporary Perspectives*, Los Angeles and Berkeley: University of California Press, pp. 153-72.

BAUMAN, Z.(1998) *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BOLTANSKI, L. & L. THÉVENOT, L. (2006), *On Justification: Economies of Worth*, Princeton: Princeton University Press.

BRITO, S. M. & MORAIS, J. V. & BARRETO, T. V. (2011) Regras do jogo versus Regras Morais: para uma teoria sociológica do *fair play*. *RBCS*, Vol. 26. n° 75, fevereiro.

DUNNING, E. (1997), "Sport in the Quest for Excitement: Norbert Elias's Contributions to the Sociology of Sport", *Group Analysis*, 30, 4: 477-487.

- DURKHEIM, E. (1953), *Sociology and Philosophy*, London, Cohen & West.
- ELIAS, N. (2009), "Figuration", in *Essays III: on Sociology and the Humanities*, Dublin: University College Dublin Press.
- ELIAS, N. & Dunning, E. (2008), *Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilising Process*, Dublin: University College Dublin Press.
- ELIAS, N. & SCOTSON, J. (1994), *The Established and the Outsiders*. London: Sage.
- GIULIANOTTI, R. (org.) (2004), *Sport and Modern Social Theorists*, Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- KEW, F. (1992), "Game-Rules and Social Theory", *International Review for the Sociology of Sport*, 27, 4: 293-307.
- KORSGAARD, C. M. (1996), *The Sources of Normativity*, Cambridge and New York: Cambridge University Press.
- MACINTYRE, A. (1997), *After Virtue: a Study in Moral Theory*, London: Gerald Duckworth & Co Ltd.
- SHERIDAN, H. (2003), "Conceptualizing 'Fair Play': a Review of the Literature", *European Physical Education Review*, 9, 2: 163-184.
- TORRES, C. R. & CAMPOS, D. G. (org.) (2006), *La Pelota no Dobla? Ensayos Filosóficos en Torno al Fútbol*, Buenos Ayres: Libros de Zorzal.

CAPÍTULO III

Dissenso e valores morais no mundo do futebol: o debate em torno das tecnologias de monitoramento

Túlio Velho Barreto (Fundaj)

Simone Magalhães Brito (UFPB)

Jorge Ventura de Moraes (UFPE)

Resumo: Neste artigo analisamos os argumentos sobre o uso de tecnologias de monitoramento no futebol elaborados por agentes envolvidos direta (jogadores, treinadores e árbitros) ou indiretamente (jornalistas esportivos). Partindo de entrevistas com membros de clubes (Série A) e jornalistas do país, mapeamos três tipos de argumentos: (a) amplamente favorável com base em ideias de justiça; (b) também favorável, mas apenas em lances capitais já consumados e (c) contrário, baseado na imprecisão do futebol em analogia com o cotidiano. Seguindo Boltanski e Thévenot, discutimos como se dá a construção da justificação moral dessas posições em disputa. A partir das falas, foi analisado (1) que ideias de moralidade no futebol foram utilizadas como recurso persuasivo e (2) o seu efeito na interpretação das regras com o intuito de compreender não uma moralidade *da* interação, mas a moralidade *na* interação.

Palavras-Chave: *Tecnologias de monitoramento, moralidade, justificação*

Fairness, emotion and normativity: Moral justification processes on the debate over goal monitoring technologies

Abstract: This work analyzes the debate over the use of goal monitoring technology between football professionals (players, coaches and judges) and sport journalists in Brazil. Drawing from interviews realized with those professionals (mainly on the A League), we found three kinds of arguments over the use of monitoring technology: (a) total acceptance of monitoring technologies use based on the idea of fairness and justice; (b) partial acceptance where the technologies should be used only for decisions on crucial sequences; (c) against its use because it would affect the role of fortune (that would allow the connection between the game and life). Following Boltanski and Thévenot, we discussed the processes of justification enacted by those conflicting arguments in two ways: (1) how arguments over the connection between morality and football were used as persuasive claims and (2) how disputing claims constructs not the morality of interaction but morality in the interaction.

Keywords: *Goal monitoring technology, Morality, justification.*

Introdução

Existe um debate que divide as opiniões no mundo do futebol: o uso ou não de tecnologias de monitoramento. O corrente desenvolvimento da tecnologia supostamente permitiria respostas mais precisas para as dúvidas sobre certos lances: se foi gol ou não, se havia ou não impedimento, se houve um toque de mão, etc. No entanto, não existe um consenso acerca da importância de utilização de tais tecnologias para a prática do futebol. A ideia de que é possível obter uma maior precisão nas decisões do juiz a partir do uso de câmeras, softwares ou microchips, que parece bastante razoável num primeiro olhar, não é unânime. A famosa frase de Nelson Rodrigues “o vídeo tape é burro!”, surgida no calor de uma disputa sobre a validade de um pênalti contra o seu time, seria a melhor representação da resistência contra a eliminação da ação da fortuna nos jogos de futebol.

É importante perceber que esse problema não se refere à tecnologia em si, uma vez que esta vem sendo constantemente empregada no desenvolvimento histórico deste esporte, desde mudanças no gramado, na bola e no uniforme até o preparo físico de atletas. A maior controvérsia está relacionada ao uso de artefatos que permitam afetar ou auxiliar a decisão do juiz. Ainda que o uso de novas tecnologias possa sempre envolver dilemas éticos, o problema do monitoramento está imerso em tantas disputas porque sua natureza é eminentemente valorativa. Como buscamos argumentar, o debate sobre o uso de tecnologias de monitoramento, diferentemente de outras aplicações, toca num nervo central da organização moral do jogo: o papel da fortuna ou do destino. A posição de Nelson Rodrigues é, nesse sentido, uma defesa do inexplicado ou do encantamento, contra o controle e a instrumentalidade da razão.

Assim, além de sua clara influência no uso das regras e na expectativa sobre sua aplicação, o uso das tecnologias de monitoramento está diretamente envolvido com (1) o ‘espírito do jogo’, (2) o equilíbrio das emoções e (3) a conexão entre jogo e vida (base de sua caracterização moral). A configuração social estabelecida em torno deste debate tem o particular caráter de persuadir os atores sociais a revelar sua posição com relação a cada um daqueles três aspectos. Em outros termos, a análise dessa disputa nos permite uma posição privilegiada para compreensão dos aspectos pragmáticos da experiência moral.

Inicialmente, nossa pesquisa mapeou o debate sobre o tema no Brasil a partir da posição dos agentes envolvidos, direta (jogadores, treinadores e árbitros) ou indiretamente (jornalistas esportivos). Entrevistamos membros de clubes da Série A e diversos jornalistas do país. Como resultado, identificamos, então, três posições: a primeira, amplamente favorável ao uso de tais recursos, baseada em argumentos racionais e de justiça; a segunda, também favorável, mas apenas em lances capitais e factuais já consumados (foi ou não foi gol); e uma terceira, contrária, baseada na emoção, imprecisão e imperfeição do futebol em clara analogia com o cotidiano.

Neste artigo buscamos apresentar uma análise dos argumentos elaborados em cada uma dessas posições. Interessa apresentar como, a partir da experiência do futebol e do uso de suas regras, são elaboradas as ideias de justo e injusto, bom e mau, certo e errado. Seguindo a perspectiva de Boltanski e Thévenot, pretendemos analisar como se dá a construção da justificação moral das posições em disputa sobre o uso das tecnologias de monitoramento. Seguindo esta perspectiva teórica, tentaremos identificar que elementos cada uma dessas posições utiliza na tentativa de estabelecer o consenso sobre sua posição e como, ao assim fazer, estabelecem uma prática moral. A partir das falas dos entrevistados, foi analisado (1) que ideias de moralidade no futebol foram utilizadas como recurso persuasivo e (2) o seu efeito na interpretação das regras com o intuito de compreender não uma moralidade *da* interação, mas a moralidade *na* interação.

Três gols fantasmas

O debate sobre o uso de tecnologias de monitoramento no futebol é bastante amplo, mas é possível dizer que grande parte do debate é suscitado e mantido devido aos ‘ghost goals’: aqueles lances onde existe um questionamento da decisão do árbitro devido à impossibilidade de se afirmar de forma imediata se a bola cruzou ou não a linha de gol. Assim, antes de discutirmos o problema moral em torno do uso das tecnologias de monitoramento é interessante perceber alguns exemplos das situações ou lances que sustentam esse debate. Os três momentos descritos abaixo são exemplos que marcaram a história do futebol de maneira radical, como traumas em torno dos quais se construiu uma ordem de valores própria do futebol.

Para o desenvolvimento de uma discussão sobre a experiência moral no futebol é importante refletir acerca desses casos tendo em mente a idéia de formação de uma “comunidade”. Não nos referimos a um senso de ‘irmandade’ ou unidade que estaria presente na experiência do futebol, como poderia propor uma perspectiva mais filosófica. De forma mais sociológica, entendemos a existência de uma ‘comunidade futebolística’ como um conjunto de indivíduos que partilham suas práticas, regras e valores. Nesse sentido, os casos apontados abaixo são como marcos na história dessa comunidade, traumas que precisam ser revividos e superados coletivamente. Por isso, consideramos que essas três experiências estão diretamente relacionadas à construção de valores que analisamos.

- (1) O “Ghost Goal”: Na final da Copa do Mundo de 1966 entre a Inglaterra e a Alemanha Ocidental, no Estádio de Wembley em Londres, o jogo estava empatado (2-2) quando, aos 8 minutos da prorrogação, o jogador inglês Geoff Hurst chutou e a bola bateu no travessão e quicou exatamente sobre a linha. O árbitro suíço Gottfried Dienst inicialmente duvidou do lance e num momento dramático consultou o auxiliar Tofik Bakhrarov que através de linguagem corporal, uma vez que eles não falavam uma língua comum, teria indicado que havia sido gol. O juiz terminou considerando o gol válido, dando início a uma polêmica que persiste até os dias de hoje e ao próprio termo “ghost goal” (gol fantasma) para indicar a validação dúbia de um gol. Em seguida, Hurst marcou novamente, mas, provavelmente o terceiro gol foi fundamental para desestabilizar o time alemão. Para os alemães, o argumento é que se, de fato, houvesse ocorrido um gol (que, de acordo com a regra ocorre apenas quando a bola cruza a linha), a bola não teria quicado para fora e nem tampouco teria sido visto a pequena nuvem de giz da linha. Dentre as lendas do futebol, uma diz que no leito de morte Bakhrarov foi perguntado se realmente viu a bola cruzar a linha e ele, em seus últimos estertores, teria respondido: “*Stalingrado...*”



Figura 1: "Ghost Goal". Fonte:

http://en.wikipedia.org/wiki/1966_FIFA_World_Cup_Final

(2) “La mano de Dios”: Em 1986, nas quartas de finais da Copa do México, num jogo entre Inglaterra e Argentina, Maradona classificou a Argentina para as semifinais com dois gols, um deles feito com a mão. A dimensão moral deste gol se tornou ainda mais problemática quando Maradona o justificou como “*La mano de Dios*”. O herói trágico teria expressado como realizou o primeiro gol da partida: "un poco con la cabeza y un poco con la mano de Dios".



Figura 2: “La mano de Dios”. Fonte: <http://withfriendship.com/user/mithunss/hand-of-god-goal.php>

(3) O “Gol Anti-Wembley”: Nas oitavas de final da Copa do Mundo de 2010 na África do Sul foi dito que o erro do juiz uruguaio Jorge Larrionda fez a Inglaterra provar do “veneno de 66”. Quando a Inglaterra perdia para a Alemanha de 2 a 1, o inglês Lampard faz um gol que não foi considerado pela arbitragem. Lampard chutou, a bola tocou o travessão e quicou 33 centímetros dentro do gol, mas a arbitragem mandou que o jogo continuasse. O lance provocou uma enorme polêmica na imprensa inglesa e reacendeu o debate sobre o uso de tecnologias de monitoramento. Para os tabloides ingleses, Joseph Blatter, presidente da Fifa, não estaria se importando com o erro da arbitragem uma vez que ele beneficiava sua pátria. Mas, o fato é que ele publicamente pediu desculpas por todos os erros de arbitragem cometidos durante a Copa de 2010 e supostamente teria admitido a importância de pensar sobre o uso de tecnologias de monitoramento no futebol.



Figura 3: Ingleses provam do veneno de 66. Esta imagem mostra muito claramente o tipo de percepção que está em jogo no debate sobre as tecnologias de monitoramento.
Fonte: http://news.bbc.co.uk/sport2/hi/football/world_cup_2010/8766423.stm

Moralidade e Modos de justificar

É possível afirmar que, nos últimos anos, estamos assistindo ao que Michéle Lamont chamou de “retorno da moralidade” na pesquisa sociológica (Hitlin, S. & Vaisey, 2010). A ideia de um recente ‘renascimento’ da pesquisa sobre valores (idem) e normatividade nas Ciências Sociais apresenta imediatamente alguns problemas para a perspectiva sociológica: a compreensão da natureza da experiência moral requer uma perspectiva sobre os valores que confronta a tradição da disciplina³². Apresentando esse problema de forma simplificada, teríamos uma tradição disciplinar marcada pela tendência a entender os valores a partir de suas determinações sociais (Bauman, 1999) em oposição a uma ideia de valores universais. Assim, a análise sociológica da moralidade operou no sentido de transformá-la em “cultura”, mas, segundo alguns autores (Adorno, Bauman), existe uma dimensão da experiência moral que é radicalmente diferente da cultura.

Esse debate é extremamente difícil porque envolve os fundamentos mesmo da disciplina e, ainda, não é possível estabelecer nenhum acordo sobre de que tipo de filosofia da moral podemos nos aproximar. Nesse sentido, o debate mais amplo

³² Ver: Brito, Morais e Barreto (2011)

sobre a sociologia da moralidade precisa se alimentar de pesquisas e esforços de compreensão da experiência das normas regras e valores ao mesmo tempo que necessita de sua fundamentação teórica. É nesse ponto que o diálogo com a Sociologia dos Esportes se mostra de grande interesse. Se tomarmos a perspectiva da filosofia dos esportes e o problema dos valores nesta (Sheridan, 2003), é possível pensar nas práticas desportivas como “experimentos morais”. O debate sobre os processos de esportivização e reificação do mundo dos esportes, na verdade, como forma de reação e crítica aos processos sociais correntes no mundo dos esportes, confirmam essa ideia.

Neste sentido, este trabalho busca contribuir para a pesquisa sociológica à medida que constrói pontes de diálogo entre a problematização sociológica da moralidade e a sociologia dos esportes, mas particularmente do futebol.

Pensando nos três casos traumáticos da história do futebol apresentados acima, percebemos que não é possível compreender a sua dimensão, e nem muito menos o que eles significam para a experiência dos membros da comunidade futebolística, se não entendermos sua natureza ética³³. Sem a percepção de sua dimensão moral, o debate apaixonado que os gols fantasmas suscitam perdem o sentido. Aqueles que costumam argumentar que “é só futebol” ou que “não faz sentido ver tantos homens correndo atrás de uma bola” estão tão desconectados da experiência do futebol exatamente por não conseguirem perceber essa dimensão no jogo. Os supostos erros dos juízes nos casos de gol fantasma tornaram-se ‘traumas coletivos’ porque são importantes eventos no processo de desenvolvimento dessa experiência moral do futebol. Assim como, por exemplo, golpes, reverses e discursos do passado são inscritos na nossa vida política e passam a ecoar na nossa visão do presente, os erros de um árbitro de futebol em momentos cruciais marcam a experiência do jogo e de sua comunidade.

Seguindo esta perspectiva, esta pesquisa está baseada na hipótese de que as disputas em torno das tecnologias de monitoramento adquiriram centralidade devido a sua relação direta com a experiência moral e a construção e performance de valores. Nesse sentido,

³³ Aqui usamos o termo “ética” pelas mesmas razões que Adorno em suas aulas intercambiava os termos moral e ética, mesmo sabendo de suas distinções históricas: o simples cansaço de repetir a mesma palavra. (Adorno, 2000)

o problema do uso das tecnologias de monitoramento se torna tão fundamental porque a sua “resolução”, ou, pelo menos, uma tomada de posição, implica a necessidade de ordenação e exposição dos fundamentos normativos do futebol: as ideias de justiça, fortuna, beleza, o valor da vitória, dentre outros. O uso do vídeo tape não pode ser pensado como apenas mais um recurso porque, além da maneira como afeta o papel do juiz em campo, o seu uso pode implicar no fim da ação da ‘fortuna’ no jogo³⁴ (enquanto a sua presença, ou a certeza de que algo nos escapa, garante a possibilidade de aproximar o jogo e a vida). Ainda do ponto de vista de uma sociologia dos valores, é importante perceber que, apesar das muitas concordâncias que organizam a experiência do futebol, os atores sociais precisam construir argumentos que reelaborem a experiência comum ou os fundamentos do jogo a seu favor (necessidades pragmáticas). Assim, o debate sobre os usos de tecnologias de monitoramento permite-nos perceber um aspecto importante da vida moral: como atores sociais relacionam regras e valores na tentativa de estabelecer suas posições e justificar suas ações.

Boltanski e Thévenot (2006) apresentam uma perspectiva teórica e metodológica para lidar com os problemas da sociologia da moralidade. Através da análise dos modos de justificação, sua teoria sai do debate sobre os elementos transcendentais da moralidade - do tipo apresentado, por exemplo, por Bauman (1997) -, mas, ao reconhecer a relativa autonomia dos processos constitutivos das ‘ordens de valor’, não desconhece as especificidades da constituição da experiência moral. “Justificação” envolve mais que “apenas palavras” (Lamont e Thévenot, 2000) ou explicações, ela envolve o engajamento de todos os entes da situação na tentativa de atender às necessidades pragmáticas do processo de legitimação (idem).

A experiência social da moralidade requer dos atores o desenvolvimento de práticas capazes de evitar a violência através do seu engajamento em estratégias de convencimento (Boltanski e Thévenot, 2006). A forma de convencer ou provar argumentos, a maneira como situações e objetos são avaliados e referidos varia de acordo com as situações e, especialmente de acordo com cada tipo de valor (ou ordem de valor) em questão.

³⁴ Cf. Brito, Morais e Barreto (2011b)

Portanto, na discussão que se segue, buscamos, a partir da comparação entre as maneiras pelas quais cada grupo coordena recursos normativos e elabora justificações, compreender como se dá a construção de repertórios de avaliação e da moralidade nas interações do mundo futebolístico.

O problema da adequação entre futebol e vida

Em nossas entrevistas encontramos um maior número de posições favoráveis ao uso das tecnologias de monitoramento. Contudo, não nos interessa pensar aqui a representatividade dessa posição, mas a sua articulação como um valor moral ou os elementos da experiência utilizados para apresentá-la como a melhor representação da posição justa ou reta. Dessa maneira, como nos interessa perceber os recursos argumentativos, é necessário notar que as três posições encontradas não são grupos ou seções, como partidos dentro do futebol, mas uma série de disputas em que os atores se movem tentando ‘cativar’ a partir de valores comuns ou tornar efetivas o seu modo de valoração da experiência.

Para os defensores das tecnologias de monitoramento, o seu uso viria para corrigir uma suposta injustiça fundamental que se estabelece a partir da televisão e do vídeo tape: quem está em campo não tem direito ao mesmo ‘olhar’ ‘certo’ e ‘verdadeiro’ daquele que vê o jogo pela televisão:

Pra mim novas regras que eu poderia incluir no futebol era o juiz poder ter acesso a algumas câmaras. No caso de dúvida, né?, ele deixa seguir o impedimento e depois ele vê, sai o gol e depois ele vê se realmente estava impedido ou não, ele volta. ele ter acesso a esse tipo de material, seria importantíssimo. Ter essa tecnologia, como no futebol americano, não usam né? Os vídeos tão lá. Acho que no futebol seria interessante os juízes poderem usar essa tecnologia pra não serem tão criticados. Muita gente acaba vendo na TV com tantos lances, tantos ângulos e o juiz acaba vendo por um ângulo só e ali quem tá jogando, quem tá atuando é muito mais complicado do que quem tá assistindo, eu acho que a tecnologia poderia ajudar um pouco nisso também.

Eu acho que o recurso eletrônico ajudaria o árbitro, isso eu sou plenamente a favor, isso não é mudar a lei, é justamente ter certeza para aplicar a lei, (...) a

coisa profissional, com câmeras de qualidade, com equipamentos para reprisar o lance na hora em poucos segundos como você vê na TV. Você está em casa assistindo na televisão, o gol é repetido imediatamente, você às vezes está lá na cozinha preparando um suco... e o jogo rolando... Quando o locutor grita gol você vem logo para sala e vê o gol de novo, você perdeu o gol, mas vê o gol porque a televisão repete, quer dizer, isso podia ser feito para o árbitro ali, duas, três vezes talvez ele precisasse da repetição, haveria um operador para fazer isso na beira do campo. Eu sou favorável.

Seguindo essa lógica, os argumentos favoráveis ao uso de tecnologias tentam se mostrar como uma representação da possibilidade de ‘veracidade’ do jogo. Nas palavras de um técnico, a tecnologia garante uma espécie de bom termo entre o jogo e a justiça:

Daqui a pouco vamos botar tocha, dá choque, não vamos exagerar, mas porque você não pode usar a tecnologia? Ela não está influenciando, ela está garantindo a veracidade do jogo, isso sim. Ela está garantindo, não está atrapalhando em nada, nem favorecendo [...]

Reconhecendo o erro como possibilidade inerente à tarefa da arbitragem, os recursos de monitoramento contrabalançariam essa tendência. Aqueles que simpatizam com as tecnologias de monitoramento não mencionam a possibilidade de dúvida mesmo com o uso de tecnologia, ao contrário, parece haver uma relação diretamente proporcional e progressiva entre tecnologia e certeza:

[...] poderia usar o recurso da televisão, porque tanto o árbitro quanto o bandeirinha às vezes eles acabam errando muito durante o jogo, por pressão ou por alguma coisa, eu acho que poderia beneficiar usando o recurso da TV”
“(...) hoje você vê dentro do campo de futebol são mais de 20 câmaras em cada parte, então hoje eu acho que o futebol tá muito mais limpo, porque às vezes até quando o árbitro ele não acerta, aí o lance de você vê deslealdade ou alguma coisa, a TV hoje não deixa passar nada, até o que você fala dentro de campo é captado. Então eu acho que hoje você tá muito vigiado [...].

Como se percebe, a vigilância é uma necessidade contra uma possibilidade intrínseca ao jogo que é o erro. Pode parecer muito óbvio, mas é muito importante perceber como esse modo de argumentar associa o erro à injustiça ou a algo que deve ser evitado com

todos os esforços. Estamos diante de uma argumentação onde a vigilância propiciada pela técnica é que garante a adequação entre jogo e realidade. Como já começa a ficar claro, a adequação entre o jogo e a realidade seria a própria representação da justiça. Mais ainda, vigilância, adequação e verdade não são valores usados em si, mas pela sua aproximação com a justiça onde cada um recebe de acordo com seus esforços:

Eu acho que tem que melhorar, como eu falei, eu acho que você tem que usar sempre a tecnologia para melhorar. Então, como eu falei, hoje como tem muitos árbitros preparados, tem muitos árbitros também despreparados fisicamente e mentalmente, então eu acho que qualquer construção, eu acho que desde que os árbitros se preparam bem... Você faz um trabalho de um ano todo, o árbitro em dez segundos, 30 segundos, ele joga todo o trabalho a perder [...].

[...] a questão de que as emissoras de televisão usam que é a questão de tira-teima certo, eu acho muito interessante porque aí tira a dúvida, por mais que tenha ente que não goste, mas eu acho que tirando a duvida, tirando o prejuízo tanto da arbitragem quanto da equipe eu acho interessante que use a tecnologia [...].

[...] eu acho interessante pra gente para melhorar o nível, e nós como jogadores também, a nossa arbitragem comete erros e isso deixa o jogador irritado, e pra a equipe o trabalhado que tá sendo feito, isso pode atrapalhar uma partida [...].

Nesse argumento, a ideia de justiça buscada na experiência do futebol está diretamente relacionada à compensação pelos esforços em seguir a rotina racionalizada da prática futebolística:

“[...] a atacante além de ‘tá’ impedido, muitas vezes ele usa a mão e de repente você treina a semana toda e você acaba perdendo o jogo por causa de uma infração errada, você acaba perdendo o jogo, então eu acho que poderia ser usada essa tecnologia para no momento do árbitro [...] ser usada dentro de campo [...].

É o reconhecimento da posição ou compromisso com a rotina racionalizada do futebol que delineia a oposição mais marcante entre os argumentos que defendem o uso das tecnologias de monitoramento e as posições contrárias a ele. Assim, podemos observar no argumento de um juiz a clara distinção entre as necessidades dos profissionais e daqueles que tem uma relação ‘meramente’ afetiva ou emocional com o futebol. Os profissionais precisam das formas mais desenvolvidas de adequação entre (a) o jogo e a realidade, (b) o ato e a sua avaliação, (c) o esforço despendido e o ganho. Enquanto os outros arcaiam com custos que seriam “apenas emocionais”, eles precisariam lidar com prejuízos que seriam ‘concretos’:

Porque eu penso assim muito em prejuízos e, por mais que a polêmica no futebol não seja boa para a arbitragem, é boa para massa em geral, para torcida, a questão da polêmica, mas para a arbitragem eu não acho legal... mas a questão da tecnologia eu acho interessante para a questão do prejuízo, porque sempre uma das equipes vai sair prejudicada (certo?) em alguns lances polêmicos mesmo, e talvez a tecnologia evite isso. Por exemplo, se fala num chip na bola: a bola entra, a bola sai, talvez se já se usasse isso no Brasil, outros assistentes ou árbitros deixariam de ser punidos, não ficariam no prejuízo se ele não acusasse um gol, mas o chip acusasse... Não iria prejudicar uma equipe, não iria prejudicar o assistente, pois não teria como voltar atrás.

Note-se que o uso desse argumento não tenta retirar sua força de aspectos puramente racionais e profissionais. A estes motivos é incorporado uma forte recorrência a um modo de justificar baseado em valores da família, da casa, do salário, da sobrevivência. A necessidade de sair da ordem de valor do ‘Mercado’ e a ‘Indústria’ (Bolstanski e Thévenot) para se aproximar das ordens ‘Doméstica’ e “inspirada ou da graça” (idem) é evidente na construção desse argumento. O argumento de um jogador apresentado abaixo é realmente importante porque nele vemos esse esforço de recurso a distintas ordens de uma maneira muito clara: a própria emoção, humanidade ou caráter de sonho (base do argumento contrário) passa a ser associada com a posição do profissional uma vez que sua vida estria mais ‘verdadeiramente’ ligada ao futebol como sobrevivência mesmo:

É que na dúvida, é que as pessoas, o que para nós é trabalho para os outros é espetáculo né? Então, com certeza no trabalho deles não gostaria de perder ou ganhar na dúvida, por causa de uma dúvida de alguém né? Mas como aquilo

ali é um espetáculo que eles não têm envolvimento nenhum, financeiro nem emocional pra eles aquilo ali tanto faz. Agora pra quem depende do pão, pra quem depende da família, pra quem depende de todo um trabalho humano, às vezes um sonho, uma vida, tudo mais, as vezes uma simples jogada, por causa de um erro, é muito, eu acho que é muita punição, pra gente, a gente que trabalha o ano inteiro e tem um monte de dificuldade e tudo o mais. Eles só veem lá o espetáculo, não veem o lado humano do jogador também. O que pra nós é trabalho, pra eles é diversão, Eu acho que se eles olharem por esse lado, com certeza, no ramo de trabalho da advocacia ou qualquer outro ramo desses, ninguém gostaria de perder ou ganhar o ano dele por causa do erro de alguém. Porque todo mundo disse que estava errado, mas ele errou e não tem como voltar atrás.

A transição das ordens de valor é um aspecto importante para entender o esforço argumentativo em favor dos usos das tecnologias de monitoramento. Percebemos que não estamos diante de uma simples valorização do que é ‘racional’ e ‘profissional’ no futebol, mas este tipo de argumento tenta trazer para sua visão da experiência futebolística o valor das emoções, da fortuna e graça. De fato, estamos diante de uma tentativa de combinação dos valores onde o argumento oposto, ou a ordem de valor que se opõe, é reinterpretada. Nesse sentido, aqueles que são favoráveis ao monitoramento e vigilância não pretendem negar a ‘magia’ do futebol, porém usá-la a seu favor. Nesse sentido, a magia e emoção são parte do jogo, mas numa posição delimitada e associada a certas posições no mundo do futebol como os ‘velhinhos da International Board’, instância que define as regras do futebol, ou ‘João Havelange’, ex-presidente da FIFA:

A outra coisa que eles nunca aceitaram e aí foram os velhinhos da International Board que implicaram, que não querem fazer e que não fizeram até agora é na mesa você ter um monitor de televisão que lhe dá a resposta que o árbitro não pode ter, ele tem frações de segundos para decidir uma coisa e que nunca tinha garantia, o que quê se quiser? A lisura do espetáculo?, então se é a lisura do espetáculo você tem que ter a garantia de que a bola entrou e de que a bola não entrou ou que se o sujeito botou a mão na bola ou não botou. Se você tem uma mesa, se você tem um monitor na mesa onde está o quarto árbitro, etc, o juiz vem aqui, ele não consulta o bandeira? Esta controvérsia faz parte da magia do jogo, faz parte, vamos dizer, desse

espetáculo que é ansiedade, que é não sei o que... É meio literário isso, eu acho. [mas] o cabra sai arretado do jogo porque o time dele levou um gol que não entrou né, então eu advogo que isso devia ser modificado, assim como tem, já colocou a faixa nas linhas eletrônicas que a bola bater ele apita 'pim' saiu, aí não tem conversa.

Mas, João Havelange, uma autoridade nossa aqui, que todo mundo conhece, que foi o presidente da CBD, antes da CBF, e que depois presidente da FIFA, ele foi enquanto presidente da FIFA totalmente contrário a isso achando que o erro do árbitro era um molho para o futebol, era um incentivo, algo mais para se discutir. Mas João Havelange partia também de uma ideia de inocência, de que achando que o árbitro era um homem puro e que errava por um erro humano, hoje a gente vê dolo nisso aí, vê erro tendencioso que você desconfia que é corrupção. Então se ele tivesse o direito de usar o sistema eletrônico e não procurasse usar, aí você via no árbitro dolo, porque que ele não foi ver o tape e deu o pênalti? assim mesmo, sem ver o tape? Ele não tinha saída se desse o lance errado (não é verdade?) tendo à disposição dele a tecnologia da imagem.

O discurso sobre o lugar dos velhinhos da IB e de João Havelange nessa argumentação é bastante interessante porque tenta criar a imagem do argumento contrário e suas bases pragmáticas. Quem, no mundo racionalizado e profissional, defende esse tipo de perspectiva? Apenas pessoas de uma outra época, que viveram uma outra experiência de futebol “mais inocente”, supostamente mais descompromissado com a vida (e com a necessidade de sobrevivência) para poder se preocupar com a discussão posterior ao jogo e não com a seriedade e veracidade do momento do jogo (que seria mais real por estar ligada à sobrevivência de muitas pessoas).

Na tentativa de destituir a centralidade destes argumentos para a pragmática do futebol, os argumentos contrários ao uso de tecnologias de monitoramento se esforçam para tentar estabelecer a centralidade da das ordens ‘Doméstica’ e ‘Inspirada’ (Bolstanski e Thévenot) para a vida. De maneira curiosa, os valores presentes na ordem do ‘Mercado’ e ‘Indústria’ (idem) não aprecem nesse modo de argumentar. O modo de apresentar a posição contrária às tecnologias revela uma preocupação com a realidade do futebol ou

com a natureza de sua experiência que seria distinta de outras práticas desportivas. Assim, nas palavras de um treinador, temos:

Em relação àquela questão de ter, de o árbitro poder observar o lance, eu sou contra. Eu acho que acabaria com a realidade do futebol, viraria uma situação... Eu acho que perderia a graça, porque o árbitro tem direito de errar. E o lance aconteceu, aconteceu, eu acho isso que é o interessante do futebol. Ele um dia vai errar a favor do teu time e a favor do outro time, eu acho que essa questão não pegaria e é muito difícil, por exemplo, no Brasil seria muito difícil, têm campos que não teriam essas condições, ia dar muita polêmica. Mesmo pela televisão, às vezes pode dar uma interpretação difícil, eu acho que o árbitro tem que tomar a decisão numa fração de segundos e isso que é a graça do futebol.

A ideia de “virar uma situação” só ganha sentido em oposição à “graça”. Nessa oposição está contida aquela ideia mencionada acima de que o futebol teria natureza distinta, uma experiência que se opõe à complexificação e racionalização. Nesse modo de argumentar percebemos uma aproximação do futebol com uma espécie de naturalidade que é associada a uma espécie de experiência humana ou primeira: reforçam essa ideia as associações com “o povo”, “as crianças”, “a rua”. O que garantiria a adequação ou nexos entre a experiência do futebol e a vida, nesse caso, seria a sua própria imprecisão ou emoção. Uma oposição que apareceu foi entre o futebol e o tênis, este último não seria afetado pela pausa a cada dúvida, pelo controle meticuloso das câmeras e dos juizes por que sua própria natureza é adequada à essa ordem. Nas palavras daquele mesmo treinador:

Eu acho que o futebol é muito mais envolvente, muito mais abrangente, tem muita coisa a mais do que outros esportes... E é um esporte do povo, de maneira geral é o esporte do povo, então eu acho que você não pode sofisticar demais, criar coisas demais, que você pode tirar a graça do próprio esporte, que é sem dúvida nenhuma o esporte que enche os estádios ainda, com todos os nossos problemas.

Neste modo de justificar, o valor da justiça vem de sua adequação à vida como ela é: imprevisível, sujeita aos humores da fortuna, e não de uma compensação pelo esforço realizado. A lógica aqui apresentada está muito mais próxima de uma tragédia onde a

relação entre os atos é desmedida. Os argumentos favoráveis a “La mano de Dios” mostram essa ideia: Maradona não mereceu sua sorte pela quantidade de treino durante a vida, mas pela sua vida mesmo: seu sofrimento, sua posição social, a posição da Argentina no cenário mundial-aspectos incomensuráveis que não podem ser pagos segundo uma lógica do preço justo³⁵. A imprecisão é parte do futebol e razão de sua conexão tão forte com a ‘vida’:

Mas eu acredito que, tem uma coisa dúbia, também você tirando isso você é... Determinando aquilo ali e é o que eu disse que move o futebol que é a discussão, que é a diferença. No futebol você pode fazer um gol de costas, de bicicleta, de calcanhar, de cabeça, de mão sem que o juiz veja né, de várias formas, contra, aí você vai e vai fazer o gol (...).

Apesar de não tentarem encontrar uma posição intermediária ou um acordo com aqueles que defendem o uso das tecnologias, esse tipo de argumentação procura também estabelecer uma dimensão de racionalidade em sua posição: primeiro, lembrando que nem todos os casos se resolveriam com o uso da tecnologia e que, portanto, a ideia de que a dúvida deixará de existir é falsa. Segundo, talvez essa discussão nem seja tão relevante quanto se pensa e talvez o uso da tecnologia pudesse provar aos outros a sua própria inutilidade:

“A tecnologia [deveria ser usada] entrar para sabermos qual o percentual de erros, começaria por aí, para ver se realmente existiriam esses erros tão absurdos que a gente acha que existe.

Os argumentos favoráveis ao uso das tecnologias de monitoramento constroem seu argumento tendo como base uma visão que se pretende mais pragmática que as outras uma vez que, ainda que aberta para as dimensões de magia e fortuna, afirma reconhecer e aceitar a natureza da vida com seus altos e baixos, suas glórias e tragédias. Eles não se percebem como “sonhadores” em oposição aos “racionalistas”, mas de uma maneira oposta: como pessoas que conseguem encarar que a vida é feita de reveses.

É nessa posição que se enquadra a ideia de Nelson Rodrigues de que o ‘vídeo tape é burro!’ Essa frase expressa muito claramente a posição contrária ao uso das tecnologias se percebermos que ela não é uma afirmação ou demanda pura e simples por magia e

³⁵ Para uma discussão sobre os aspectos morais de “La Mano” cf. BRITO, S. M.; MORAIS, J. V.; BARRETO, T.V. (2011b)

emoção, mas uma crítica à ideia de que o vídeo tape pode controlar ou legislar sobre a experiência do futebol. Outro sintoma da “burrice” do vídeo, para este modo de justificar os valores do mundo do futebol, é o fato de que ele opera uma cesura profunda na emoção do futebol e estabelece uma hierarquia entre a ‘emoção de quem joga’ e a ‘emoção de quem assiste’. Assim, torna-se evidente na posição contrária à vigilância e monitoramento uma reação à desvalorização da emoção de quem assiste ao jogo, como se acompanhá-lo não fosse também uma forma de vivê-lo. A posição rodrigueana pode ser entendida como uma espécie de fundamentação filosófica dos argumentos que encontramos. Apresentar a burrice do vídeo tape no momento em que ele estria supostamente dizendo a “verdade” pretende estabelecer uma distinção radical entre a lógica do futebol e o mundo da técnica em todas as suas demandas. Alguns dos entrevistados, inclusive técnicos e árbitros, expressaram a ideia de que o que acontece fora de campo, as ondas de emoção, o debate emocionado (que aqui podemos identificar como um tipo específico de modo de justificação) são também um componente do resultado ou experiência do jogo:

O gol de mão que ele não viu, e segue... mas, você di um gol de mão foi legal?? Sim... originou-se numa mão, mas faz parte do corpo... não dá direito do jogador fazer o gol, mas é o risco que eu falo que acontece... Agora, impedimento, lance de interpretação, não! Porque vai estar toda hora parando jogo? Mas é a política do convencimento, às vezes você chega com uma opinião, mas depois muda, com os argumentos.

Há ainda uma posição intermediária nesse debate, uma tentativa de condensar os melhores argumentos de das posições apresentadas anteriormente para criação de uma ordem de valores ‘mais racional’. O seu processo de adequação entre vida e jogo se dá através do reconhecimento da tensão entre os valores e da consequente necessidade de elaborar ‘compromissos’ entre as posições distintas. Assim, para a disputa entre controle e vigilância e a natureza do jogo, a proposta é usar as regras apenas em momentos cruciais:

Eu acho que a ideia da FIFA, que muitos falam, de criar um ponto eletrônico, principalmente para aqueles jogos importantes, finais de campeonato, eu acho que importante principalmente dentro do gol, como regra de impedimento, ou os lances de pênalti também. Exemplo: nos 40 minutos do segundo tempo, foi

fora ou foi dentro, o juiz tá na duvida, aquilo ali para uma comissão para tirar a dúvida pra dizer se foi dentro ou foi fora.

É, no gol, impedimento e lance de área, isso em jogos de finais de campeonato, jogos decisivos; em todos os jogos eu não acho necessário, isso não.

Eu acho que deveria ser criado outros mecanismos, principalmente nesses jogos decisivos, certo? [Jogos] de finais de campeonato, jogos decisivos que você sabe que o futebol tá ali jogando milhões... mas aí, por causa de um erro do bandeira, acaba com o campeonato... então esses jogos decisivos assim deveria ter um ponto eletrônico, vamos ver se aquela bola estava impedida ou não; se não estava, dá o gol e se estava anula.

Esse argumento reconhece a possibilidade de que o jogo perca parte de sua ‘graça’, “ritmo” e “emoção”, mas tenta fazer concessão aos milhões que estão envolvidos na prática de esportes de alta performance. Assim, a ideia é criar uma separação simples (que, de fato, é muito difícil de se estabelecer na prática já que cada time há de considerar sua necessidade de ganhar e, portanto, os jogos de todas as divisões podem se tornar “fundamentais”) entre momentos que precisam e que não precisam das tecnologias de monitoramento:

Mas eu acho que o futebol perderia um pouco de graça, a polêmica, por isso que eu digo que esses pontos eletrônicos só devem ser usados em jogos decisivos, não pode ser em todo jogo não. Por exemplo, no campeonato brasileiro são 38 rodadas, um jogo desse, para, bota o ponto eletrônico, o jogo fica monótono, por isso que eu acho que tem que ser só na final em jogos decisivos, porque vai um time para a série B, então pronto, vamos usar o ponto eletrônico, pra ver realmente se o gol foi legal ou não, se não foi e pronto.

Ainda que a proposição destas perspectivas tente se sobrepôr às outras com recurso a uma noção de racionalidade, plausibilidade e conhecimento da realidade, é preciso reconhecer que seu estabelecimento é dos mais difíceis. Ainda que esta venha a ser uma postura adotada no futuro, não podemos deixar de perceber que, em termos da construção de uma ordem de valor, as suas propostas de ação não podem ser identificadas imediatamente com a experiência do futebol. Como o exemplo dado

acima, quem pode realmente estabelecer ‘momentos cruciais’ ou lances capitais no momento em que eles acabaram de ocorrer? Diferentemente dos dois outros modos de justificar que possuem fundamentos normativos claros para a interpretação de cada situação de jogo, essa tentativa de organização dos valores pode ter o problema de funcionar apenas como análises *a posteriori*.

Considerações Final

Ao analisarmos os argumentos e recursos normativos empregados no debate sobre o uso das tecnologias de monitoramento, buscamos apresentar alguns aspectos que compõem os processos de construção social da moralidade no mundo futebolístico. Não temos ainda condição de estabelecer de forma clara a posição do futebol entre as seis (Bolstanski e Thévenot, 2000) ou mais (Lamont e Thévenot, 2000) ordens de valor, mas é possível perceber os elementos fundamentais que configuram os aspectos morais *da* e *na* interação ou, em outros termos, os fundamentos do seu modo de justificação. Desde o exemplos dos três ‘gols fantasmas’ até os argumentos apresentados por nosso entrevistados, podemos perceber que o debate sobre o uso ou não das tecnologias de monitoramento é tão marcado por desacordos porque requer a construção de um posicionamento sobre os fundamentos normativos do jogo. Nesse sentido, cada participante do debate precisa apresentar (1) a sua interpretação sobre a experiência do jogo, e seu posicionamento quanto (2) relação do futebol com as emoções e (3) com a justiça.

Este trabalho não apresenta uma resposta direta à questão das tecnologias de monitoramento, nem muito menos sobre a efetividade do futebol como experiência moral. Mas, acreditamos que a partir dessa discussão contribuímos para uma discussão sociológica sobre a experiências dos valores e da normatividade. Quando enfatizamos a idéia de moralidade na interação, mais do que moralidade da interação, tínhamos em mente esse objetivo que é compreender como são compostos os argumentos morais. Dessa forma, demonstramos como o futebol está dividido num debate moral entre duas posições antagônicas sobre o valor da justiça e a relação jogo e vida. Mas, nossa principal contribuição foi demonstrar que em termos dos processo de justificação moral essas posições não são estanques ou totalmente opostas, mas de fato ambas recorrem a

certos valores considerados fundamentais para o jogo e nesse processo argumentativo terminam por construir/reestabelecer os fundamentos normativos do jogo.

Bibliografia

ADORNO, T. W. (2000): *Problems of Moral Philosophy*. Cambridge: Polity Press

ADORNO, T. W. (2008): *Minima Moralia: Reflexões a partir da vida lesada*. Rio de Janeiro: Azougue.

ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. (1985) *A Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ALEXANDER, J. (2001) 'Towards a Sociology of Evil'. In; Maria Pía Lara (ed). *Rethinking Evil: contemporary perspectives*. pp: 153-72. Berkeley: University of California Press.

BARRETO, T. V.; MORAIS, J. V. *Aprendizes de futebol recriam as regras do jogo*. Revista Coletiva, v. 1, p. 1-4, 2010.

BAUMAN, Z. (1997) *Ética Pós-Moderna*. São Paulo: Paulus.

BAUMAN, Z.(1998) *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BOLTANSKI, L. & THÉVENOT, L. (2006) *On Justification: Economies of Worth*. Princeton University Press.

BOLTANSKI, L. (1999) *Distant Suffering: Morality, Media and Politics*. Cambridge:Cambridge University Press.

BRITO, S. M.; MORAIS, J. V.; BARRETO, T.V . (2011a) *Regras do Jogo versus Regras Morais: Para uma Sociologia do 'Fair Play'*. Revista Brasileira de Ciências Sociais (Impresso), v. 77, p. 133-147.

BRITO, S. M.; MORAIS, J. V.; BARRETO, T.V . (2011b) *Regras do Jogo e Regras Morais*. In: Edilson Fernandes de Souza; José Luís Simões. (Org.). *Escritos a Partir de Norbert Elias* 2. 1 ed. |Recife: Editora Universitária UFPE, 2011b, v. 1, p. 173-192.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (2007). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teoria e abordagens*. Porto Alegre: Artmed.

DUNNING, E. (1997), "Sport in the Quest for Excitement: Norbert Elias's Contributions to the Sociology of Sport", *Group Analysis*, 30, 4: 477-487.

ELIAS, N. & DUNNING, E. (1995) *Deporte y ocio en el proceso de civilización* . México: Fondo de Cultura Economico

- ELIAS, N. & DUNNING, E. (2008), *Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilising Process*, Dublin: University College Dublin Press.
- ELIAS, N. (1994) *O processo civilizador*. Vol1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ELIAS, N. (1997) *Os alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus no século XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ELIAS, N. (2009), “Figuration”, in *Essays III: on Sociology and the Humanities*, Dublin: University College Dublin Press.
- GIULIANOTTI, R. (org.) (2004), *Sport and Modern Social Theorists*, Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- HITLIN, S & VAISEY, S. (eds.s) (2010) *Handbook of the sociology of morality*. New York: Springer.
- KEW, F. (1992), “Game-Rules and Social Theory”, *International Review for the Sociology of Sport*, 27, 4: 293-307.
- KORSGAARD, C. M. (1996), *The Sources of Normativity*, Cambridge and New York: Cambridge University Press.
- KOURY, M. G. P. (2009b). *Emoções, Sociedade e Cultura. A categoria de análise das emoções como objeto de investigação na Sociologia*. Curitiba: Editora CRV.
- LAMONT, M. & THÈVENOT, L. (2000) *Rethinking comparative Cultural Sociology. Repertoires of Evaluation in France and the United States*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- LEMERT, E. M. (1997) *The trouble with Evil, social control at the edge of Morality*. New York: State University of New York Press.
- MORAIS, J. V.; BARRETO, T. V. (2011). *The Flexibility of Football Rules and the Dynamics of the Game: A Figurational Analysis of The Offside Law*. *Soccer and Society*, v. 12, p. 212-227.
- MORAIS, J. V.; BARRETO, T. V. *As Regras do Futebol e o Uso de Tecnologias de Monitoramento*. *Estudos de Sociologia (Recife)*, v. 14, p. 129-156, 2008.
- SHERIDAN, H. (2003), “Conceptualizing ‘Fair Play’: a Review of the Literature”, *European Physical Education Review*, 9, 2: 163-184.
- SMITH, D. (2001) *Norbert Elias and modern social theory*. London: Sage Publications.
- TORRES, C. R. & CAMPOS, D. G. (org.) (2006), *La Pelota no Dobla? Ensayos Filosóficos en Torno al Fútbol*, Buenos Ayres: Libros de Zorzal.

CAPÍTULO IV

O DEBATE EM TORNO DA ADOÇÃO DE 'TECNOLOGIAS DE MONITORAMENTO' NO FUTEBOL: OS ATORES E SEUS ARGUMENTOS

Túlio Velho Barreto

Diretoria de Pesquisas Sociais,
Fundação Joaquim Nabuco (Dipes/Fundaj)

Jorge Ventura de Moraes

Programa de Pós-Graduação em Sociologia,
Universidade Federal de Pernambuco (PPGS-UFPE)

Simone Magalhães Brito

Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba
(PPGS-UFPB)

1. Introdução

Este trabalho dá continuidade à pesquisa que os autores realizaram em 2008-2010 sobre o uso de “tecnologia de monitoramento” no futebol. Nesta segunda etapa, iniciada em 2012, aprofundamos várias questões suscitadas nas entrevistas realizadas naquela ocasião. Assim, procuramos analisar o debate acerca da adoção de tecnologias para eliminar dúvidas sobre lances tidos como capitais. O debate envolve treinadores, jogadores, jornalistas, árbitros e dirigentes, que se dividem entre os que defendem e os que rejeitam a adoção de tecnologias para tirar ou eliminar dúvidas em lances que podem decidir o resultado de uma partida ou de um campeonato.

A partir das entrevistas identificamos, por um lado, há um crescente número de atores sociais envolvidos com o mundo do futebol favoráveis ao uso de artefatos tecnológicos que auxiliem os árbitros; por outro, há um número talvez menor que são contra, total ou parcialmente, o uso de tais artefatos. No primeiro caso, o argumento central é que o futebol não pode mais ignorar tecnologias que contribuam para tornar os resultados das partidas mais justos. No segundo, o argumento baseia-se na ideia de que o futebol reflete a própria vida. E que neste, tal como na vida, ocorrem erros que devem

ser aceitos como parte da própria dinâmica e emoção proporcionada pelo futebol. Entre estes, identificamos também os que, mesmo aceitando a introdução de certos artefatos, assim o fazem com ressalvas, seja em termos da aceitação de somente algumas tecnologias e não de outras, e/ou somente em alguns lances e não em outros.

2. Futebol e Tecnologia: uma Modelagem Teórica

O debate sobre o uso de tecnologias de monitoramento no futebol é bastante amplo, mas é possível dizer que grande parte do debate é suscitado e mantido devido aos ‘ghost goals’: aqueles lances onde existe um questionamento da decisão do árbitro devido à impossibilidade de se afirmar de forma imediata se a bola cruzou ou não a linha de gol, por exemplo. Assim, antes de discutirmos o problema moral em torno do uso das tecnologias de monitoramento é interessante perceber alguns exemplos das situações ou lances que sustentam esse debate. Os três momentos descritos abaixo são exemplos que marcaram a história do futebol de maneira radical, como traumas em torno dos quais se construiu uma ordem de valores própria do futebol.

Para o desenvolvimento de uma discussão sobre a experiência moral no futebol é importante refletir acerca desses casos tendo em mente a ideia de formação de uma “comunidade”. Não nos referimos a um senso de ‘irmandade’ ou unidade que estaria presente na experiência do futebol, como poderia propor uma perspectiva mais filosófica. De forma mais sociológica, entendemos a existência de uma ‘comunidade futebolística’ como um conjunto de indivíduos que partilham suas práticas, regras e valores. Nesse sentido, os casos apontados abaixo são como marcos na história dessa comunidade, traumas que precisam ser revividos e superados coletivamente. Por isso, consideramos que essas três experiências estão diretamente relacionadas à construção de valores que analisamos: (1) o terceiro gol da Inglaterra contra a Alemanha na final da Copa do Mundo de 1966, no Estádio de Wembley em Londres, quando a bola bateu no travessão e quicou exatamente sobre a linha. O árbitro suíço Gottfried Dienst inicialmente duvidou do lance e num momento dramático consultou auxiliar Tofik Bakhramov que através de linguagem corporal, uma vez que eles não falavam uma língua comum, teria indicado que havia sido gol. O árbitro terminou considerando o gol válido, dando início a uma polêmica que persiste até os dias de hoje e ao próprio termo “ghost goal” (gol fantasma) para indicar a validação dúbia de um gol; (2) o gol que ficou conhecido como o feito com “La mano de Dios”, marcado pelo argentino

Maradona, nas quartas de finais da Copa do México, em 1986, em um jogo contra a Inglaterra, vencido pela Argentina. A dimensão moral deste gol se tornou ainda mais problemática quando Maradona o justificou como “*La mano de Dios*”; e (3) o chamado “Gol Anti-Wembley” não anotado para a Inglaterra em jogo contra a Alemanha, vencido pelos germânicos, nas oitavas de final da Copa do Mundo de 2010, na África do Sul. O gol não foi validado apesar da bola ter ultrapassado claramente a linha fatal. O lance provocou uma enorme polêmica na imprensa inglesa e reacendeu o debate sobre o uso de tecnologias de monitoramento. Para os tabloides ingleses, Joseph Blatter, presidente da Fifa, mas preocupado com o sucesso financeiro da Copa, não estaria se importando com o erro da arbitragem. Mas, o fato é que ele publicamente pediu desculpas por todos os erros de arbitragem cometidos durante a Copa de 2010 e supostamente teria admitido a importância de pensar sobre o uso de tecnologias de monitoramento no futebol.

Mas, pode-se indagar: o que tal debate tem de interesse sociológico?

Bem, é possível afirmar que, nos últimos anos, estamos assistindo ao que Michéle Lamont chamou de “retorno da moralidade” na pesquisa sociológica (Hitlin e Vaisey, 2010). A ideia de um recente ‘renascimento’ da pesquisa sobre valores (*idem*) e normatividade nas Ciências Sociais apresenta imediatamente alguns problemas para a perspectiva sociológica: a compreensão da natureza da experiência moral requer uma perspectiva sobre os valores que confronta a tradição da disciplina³⁶.

Apresentando esse problema de forma simplificada, teríamos uma tradição disciplinar marcada pela tendência a entender os valores a partir de suas determinações sociais (Bauman, 1999) em oposição a uma ideia de valores universais. Assim, a análise sociológica da moralidade operou no sentido de transformá-la em “cultura”, mas, segundo alguns autores (Adorno, 2000 e 2008; Bauman, 1997 e 1999), existe uma dimensão da experiência moral que é radicalmente diferente da cultura.

Esse debate é extremamente difícil porque envolve os fundamentos mesmo da disciplina e, ainda, não é possível estabelecer nenhum acordo sobre de que tipo de filosofia da moral podemos nos aproximar. Nesse sentido, o debate mais amplo sobre a sociologia da moralidade precisa se alimentar de pesquisas e esforços de compreensão da experiência das normas regras e valores ao mesmo tempo em que necessita de sua fundamentação teórica. É nesse ponto que o diálogo com a Sociologia dos Esportes se

³⁶ Ver Brito, Morais e Barreto (2011)

mostra de grande interesse. Se tomarmos a perspectiva da filosofia dos esportes e o problema dos valores nesta (Sheridan, 2003), é possível pensar nas práticas desportivas como “experimentos morais”. O debate sobre os processos de esportivização e reificação do mundo dos esportes, na verdade, como forma de reação e crítica aos processos sociais correntes no mundo dos esportes, confirma essa ideia.

Neste sentido, este trabalho busca contribuir para a pesquisa sociológica à medida que constrói pontes de diálogo entre a problematização sociológica da moralidade e a sociologia dos esportes, mas particularmente do futebol.

Pensando nos três casos traumáticos da história do futebol apresentados acima, percebemos que não é possível compreender a sua dimensão, e nem muito menos o que eles significam para a experiência dos membros da comunidade futebolística, se não entendermos sua natureza ética³⁷. Sem a percepção de sua dimensão moral, o debate apaixonado que os gols fantasmas suscitam perdem o sentido. Aqueles que costumam argumentar que “é só futebol” ou que “não faz sentido ver tantos homens correndo atrás de uma bola” estão tão desconectados da experiência do futebol exatamente por não conseguirem perceber essa dimensão no jogo.

Os supostos erros dos árbitros nos casos de ‘gol fantasma’ tornaram-se ‘traumas coletivos’ porque são importantes eventos no processo de desenvolvimento dessa experiência moral do futebol. Assim como, por exemplo, golpes, reverses e discursos do passado são inscritos na nossa vida política e passam a ecoar na nossa visão do presente, os erros de um árbitro de futebol em momentos cruciais marcam a experiência do jogo e de sua comunidade.

Boltanski e Thévenot (2006) apresentam uma perspectiva teórica e metodológica para lidar com os problemas da sociologia da moralidade. Através da análise dos modos de justificação, sua teoria sai do debate sobre os elementos transcendentais da moralidade – do tipo apresentado, por exemplo, por Bauman (1997) –, mas, ao reconhecer a relativa autonomia dos processos constitutivos das ‘ordens de valor’, não desconhece as especificidades da constituição da experiência moral. “Justificação” envolve mais que “apenas palavras” (Lamont e Thévenot, 2000) ou explicações, ela envolve o engajamento de todos os entes da situação na tentativa de atender às necessidades pragmáticas do processo de legitimação (*idem*).

³⁷ Aqui usamos o termo “ética” pelas mesmas razões que Adorno em suas aulas intercambiava os termos moral e ética, mesmo sabendo de suas distinções históricas: o simples cansaço de repetir a mesma palavra. (Adorno, 2000)

A experiência social da moralidade requer dos atores o desenvolvimento de práticas capazes de evitar a violência através do seu engajamento em estratégias de convencimento (Boltanski e Thévenot, 2006). A forma de convencer ou provar argumentos, a maneira como situações e objetos são avaliados e referidos varia de acordo com as situações e, especialmente de acordo com cada tipo de valor (ou ordem de valor) em questão.

Portanto, como mostraram Morais e Barreto (2008), a partir da comparação entre as maneiras pelas quais cada grupo coordena recursos normativos e elabora justificações, é possível compreender como se dá a construção de repertórios de avaliação e da moralidade *nas* interações do mundo futebolístico, o que pretendemos aprofundar com esta pesquisa.

A utilização de tecnologias de monitoramento para auxiliar na decisão dos juízes diante de lances polêmicos é alvo de um intenso debate no mundo do futebol. O corrente desenvolvimento da tecnologia supostamente permitiria respostas mais precisas para as dúvidas sobre certos lances: se foi gol ou não, se havia ou não impedimento, se houve um toque de mão etc. No entanto, apesar da ‘precisão’ associada às tecnologias de monitoramento, não existe um consenso acerca da necessidade de sua utilização para a prática do futebol. A ideia de que as decisões do juiz podem se beneficiar do uso de câmeras, *softwares* ou *microchips*, que parece bastante razoável num primeiro olhar, gera um severo desacordo entre os atores no campo futebolístico.

Esse debate nos traz uma posição peculiar diante da tecnologia: é possível perceber o seu emprego constante no desenvolvimento do futebol (desde mudanças no gramado, na bola e no uniforme até o preparo físico de atletas), mas quando se trata especificamente de tecnologias de monitoramento ou de possíveis interferências na decisão do árbitro, um grande dissenso se estabelece. O interesse deste trabalho não é determinar o melhor caminho para o uso das tecnologias de monitoramento, mas, antes, tentar entender a natureza desse dissenso, ou como esse tipo específico de uso da tecnologia mobiliza tantos interesses no campo futebolístico.

Dessa maneira, partimos do pressuposto de que as disputas em torno das tecnologias de monitoramento adquiriram centralidade devido a sua relação direta com a experiência moral e a construção e performance de valores. Nesse sentido, o problema do uso das tecnologias de monitoramento se torna tão fundamental porque a sua “resolução”, ou, pelo menos, uma tomada de posição, implica a necessidade de ordenação e exposição dos fundamentos normativos do futebol: as ideias de justiça,

fortuna, beleza, o valor da vitória, dentre outros. O uso do vídeo tape não pode ser pensado como apenas mais um recurso porque, além da maneira como afeta o papel do árbitro em campo, o seu uso pode implicar no fim da ação da ‘fortuna’ no jogo³⁸ (enquanto a sua presença, ou a certeza de que algo nos escapa, garante a possibilidade de aproximar o jogo e a vida).

Ainda do ponto de vista de uma sociologia dos valores, é importante perceber que, apesar das muitas concordâncias que organizam a experiência do futebol, os atores sociais precisam construir argumentos que reelaborem a experiência comum ou os fundamentos do jogo a seu favor (necessidades pragmáticas). Observa-se que o debate sobre os usos de tecnologias de monitoramento permite-nos perceber um aspecto importante da vida moral: como atores sociais relacionam regras e valores na tentativa de estabelecer suas posições e justificar suas ações.

Assim, além de sua clara influência no uso das regras e na expectativa sobre sua aplicação, o uso das tecnologias de monitoramento está diretamente envolvido com (1) o ‘espírito do jogo’³⁹, (2) o equilíbrio das emoções⁴⁰ e (3) a conexão entre jogo e vida⁴¹ (base de sua caracterização moral). A configuração social estabelecida em torno deste debate tem o particular caráter de persuadir os atores sociais a revelar sua posição com relação a cada um destes três aspectos. Em outros termos, a análise dessa disputa nos permite uma posição privilegiada para compreensão dos aspectos pragmáticos da experiência moral.

Portanto, buscamos, aqui, identificar os modos de justificação elaborados em cada uma dessas posições. Interessa-nos apresentar como, a partir da experiência do futebol e do uso de suas regras, são elaboradas as ideias de justo e injusto, bom e mau, certo e errado. Seguindo a perspectiva de Boltanski e Thévenot (2006), procuramos expor como se dá a construção da justificação moral das posições em disputa sobre o uso das tecnologias de monitoramento. Seguindo esta perspectiva teórica, tentamos identificar que elementos cada uma dessas posições utiliza na tentativa de estabelecer o consenso sobre sua posição e como, ao assim fazer, estabelecem uma prática moral. Enfim, analisar como diferentes posições e necessidades pragmáticas dentro do campo futebolístico, a partir de debate sobre o uso de tecnologias de monitoramento, interpretam os fundamentos normativos do jogo e organizam modos de justificação.

³⁸ Brito, Morais e Barreto, 2011b.

³⁹ Brito, Morais e Barreto, 2011a.

⁴⁰ Elias e Dunning, 1995.

⁴¹ Sheridan, 2003.

3. Esportes e Tecnologia: Usar ou Não Usar?

A relação entre tecnologia e esportes é antiga. No caso dos equipamentos básicos usados pelos jogadores de futebol, a bola e o uniforme têm evoluído, foram introduzidas caneleiras para todos os jogadores e luvas para os goleiros. Eles têm modificado a dinâmica do futebol, mas também têm afetado positivamente o físico dos jogadores.

Por outro lado, existem as tecnologias que aqui chamamos de monitoramento. Assim, a questão do erro humano no que respeita à arbitragem de jogos é tema de conversa tanto de torcedores, quanto de profissionais do futebol, incluindo os próprios jogadores. Quando o torcedor tem algum tipo de *expertise*, há uma condenação da posição de perpetuar o erro humano e comumente se faz uma proposta de introdução de tecnologias para dirimir dúvidas. Este é o caso do médico espanhol Francisco Belda Maruenda, que

Em 1991 estava vendo pela TV uma partida pela Copa dos Campeões (Real Madrid x Spartak Moscou). O Real marcou um gol que foi anulado por impedimento. Os comentaristas da TV concordaram na hora [...] A jogada foi repetida por câmeras localizadas em três diferentes ângulos, e todas acusavam a posição irregular do jogador do Real. Mas em uma quarta repetição em um novo ângulo deu para perceber com toda a clareza que não havia impedimento [...] O gol, portanto, tinha sido mal anulado pelo árbitro assistente. Neste dia começou a minha investigação, pois pensei que poderia haver algo que impedia o olho humano de assinalar corretamente o impedimento em certas ocasiões

(<http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/impressa/esportes/conteudo>).

Ele termina por argumentar que “esta regra [a do impedimento] deveria ser eliminada, com toda a repercussão que isso traria, ou modificada, *utilizando a repetição das jogadas da TV*” (Grifamos).

No entanto, tal posição não é pacífica. Como veremos ao longo deste trabalho, os dados que coletamos mostram, de forma mais específica, que este debate se encontra também no coração do futebol brasileiro e revelam a convivência de diferentes concepções acerca do tema.

4. “Eu Acho Que Tinha de ‘Botar’ Tecnologia, Sim!”

Cada torcedor deve ter uma história de alguma ‘injustiça’ cometida no futebol, especialmente contra seu time, por algum tipo de erro de arbitragem: ora um pênalti não marcado, ora um gol adversário em posição de impedimento, ora um gol validado sem que a bola tenha ultrapassado a linha. São muitas as situações e algumas se tornaram quase que canônicas como o gol de mão de Diego Maradona, da Argentina, contra a Inglaterra, na Copa de 1986, no México. Os árbitros (o principal e o assistente) não viram, mas quase todos os torcedores viram. Principalmente, a televisão “viu”. É contra tais erros que muitos propõem a introdução de sofisticados recursos tecnológicos disponíveis para o auxílio dos árbitros para dirimir dúvidas ou corrigir erros.

A posição dos defensores da tecnologia baseia-se no fato de que é necessário procurar ser justo e que o seu uso preveniria ou corrigiria injustiças já que possíveis erros seriam sanados. Neste caso, um time não veria todo um trabalho de um ano destruído por um erro de arbitragem. Adicionalmente, no que se refere à relação entre dinâmica do jogo e a emoção dos espectadores, eles não veem problema no uso da tecnologia, pois, pensando por analogia, outros esportes (por exemplo: tênis e rúgbi) não são afetados no que respeita à manutenção de altos níveis de emoção entre os espectadores e os próprios jogadores.

O que para nós é trabalho, para outros é espetáculo, né? Então, com certeza, no trabalho deles [os torcedores], [ninguém] gostaria de perder ou ganhar na dúvida, por causa de uma dúvida de alguém, né? Mas, como aquilo ali é um espetáculo, que eles não têm envolvimento nenhum, [nem] financeiro, nem emocional, para eles aquilo tanto faz. Agora, pra quem depende do pão..., pra quem depende de todo um trabalho humano, às vezes um sonho, uma vida, tudo mais, às vezes uma simples jogada, por causa de um erro, é muito. Eu acho que é muita punição pra gente que trabalha o ano inteiro e tem um monte de dificuldade... (Ticão, jogador. Este e outros depoimentos citados foram recolhidos por nós em pesquisa de campo).

Nesse depoimento, o que podemos capturar de comum é o apelo a um sentido de justiça que deveria prevalecer no resultado. Embora o futebol seja entendido como uma atividade inerentemente com certo grau de imprevisibilidade, há um apelo ao sentido de justiça, que corresponderia ao esforço despendido pela equipe que mereceu ganhar sem artifícios ou “ajuda” do juiz.

O depoimento traz outra especificação desse argumento: o próprio “destino” do jogador, como profissional, pode ser decidido por causa de um erro de arbitragem. Para

os torcedores, a polêmica é parte do espetáculo e do divertimento; para os jornalistas, a polêmica causada pelo erro é o que alimenta o seu trabalho. Porém, segue o argumento, o jogador é um profissional que não está em campo para se divertir, mas para trabalhar, e, ao contrário do trabalho jornalístico, o erro do árbitro pode ser fatal.

Outro argumento para o uso de tecnologias de monitoramento está ligado à manutenção de níveis ótimos de emoção proporcionada pelo futebol como espetáculo, claramente colocado na resposta do jogador Fumagalli quando ele afirma que “a nossa arbitragem comete erros e isso deixa o jogador irritado, e para a equipe, o trabalho que está sendo feito, isso pode atrapalhar uma partida”.

Neste tipo de argumento não há uma ligação com a ideia de justiça apresentada mais acima, mas com o bom andamento da partida, que pode ser comprometido pela atuação dos árbitros.

5. “Sou a Favor, Porém...”

É importante reter o fato de que as posições com relação ao uso de tecnologias de monitoramento no futebol, apesar de representarem duas visões completamente opostas, são marcadas por alguns “porém” e “mas”. Com isso, queremos chamar a atenção para um grupo de atores nesse ambiente social que defendem o uso de tecnologias sofisticadas no futebol, mas somente em alguns lances ou em ocasiões especiais.

O argumento, nesse caso, situa-se a meio caminho entre uma e outra posição. A tecnologia deveria ser utilizada somente para dirimir dúvidas em certos lances que não envolvessem ou comprometessem a emoção e a dinâmica da partida, muito frequentemente entendidas como inseparáveis.

Um primeiro ponto em que se baseia esta visão do “sim, porém” é a valorização da discussão e da diferença de opiniões dentro do futebol. Muitos dos que defendem a introdução de recursos tecnológicos de monitoramento no futebol entendem também que eles poderiam ser úteis para ajudar a dirimir dúvidas. Mas, é um fato interessante a ser assinalado, permanece certa dúvida acerca de que nível tal recurso à tecnologia poderia ser atingido, haja vista o fato de que talvez um alto nível de interferência poderia prejudicar algo que é entendido como próprio da cultura do mundo do futebol: a polêmica. “Eu acho que poderia acontecer alguma coisa que a tecnologia entrasse aí [...] tinha condições de dizer se era ou não [...] Mas, eu acredito que tem uma coisa dúbia

[...] Você tirando isso, você é... determinando aquilo ali, e é o que eu disse que move o futebol, que a discussão, que é a diferença” (Charles Muniz, técnico).

Mais uma vez o que parece ser o ponto nodal desse argumento é a visão do futebol como espetáculo, que se caracteriza por proporcionar emoção aos seus participantes. Assim é que uma dinâmica inerente ao futebol – fluência sem muitas interrupções – não pode ser sacrificada, já que mantém o nível ótimo da emoção e, por consequência, no nível mais geral, o futebol como espetáculo, pela interferência de tecnologia.

Por outro lado, o fato de que o risco e o erro – o fato de que a própria vida é aberta a possibilidades múltiplas – são inerentes ao futebol convive lado a lado com o argumento da introdução limitada da tecnologia para garantir um resultado mais justo das partidas. Aqui, diferentemente da visão acima exposta de que a tecnologia poderia ser utilizada somente em alguns jogos, mas em todos os lances, na visão alternativa referida a seguir defende-se o argumento de que a tecnologia de monitoramento poderia ser usada em todas as partidas, mas somente em alguns lances. E um ponto interessante agora colocado está novamente relacionado à emoção como parte do futebol como espetáculo e à idéia de que é preciso guardar a possibilidade de vários cursos de ação neste esporte.

Aqui a separação, na dinâmica de uma partida de futebol, para efeito de utilização de tecnologias de monitoramento, proposta pelos atores sociais do mundo futebolístico, tem a ver com as perspectivas que vimos enfatizando ao longo deste trabalho: justiça, por um lado, e risco e erro como inerentes à vida e, portanto, ao futebol, por outro lado. Assim é que se aceita que a tecnologia de monitoramento, se vier a ser empregada, que o seja somente em lances já consumados. Neste sentido, aceita-se que ela seja empregada para se decidir se a bola ultrapassou ou não a linha de gol. Porém, em lances onde a interpretação do árbitro é primordial para o futebol como espetáculo carregado de emoção há a recusa da introdução de tal tecnologia, “porque o pênalti é um lance capital, mas não fatal; porque [o jogador] vai cobrar a penalidade ainda e há uma possibilidade de perder; digamos que ele tem 90 por cento de fazer e dez para perder, e esses dez... A gente, nós estamos vendo sempre goleiro defendendo para fora e batendo no travessão” (Valdomiro Matias, comentarista de arbitragem e ex-árbitro).

Embora no depoimento não fique claro em que sentido haveria necessidade do uso de tecnologias de monitoramento, é bastante evidente o que é central nesse tipo de concepção: o risco e as múltiplas possibilidades de cursos de ação são inerentes à própria dinâmica do jogo.

6. “O Erro é Humano!”

Aqui é necessário deixar claro que aqueles que argumentam contra o uso de tecnologias para corrigir erros no futebol não são contra o uso de tecnologia em geral, afinal, os equipamentos dos jogadores e a bola têm passado por refinamentos e melhoramentos decorrentes da inovação tecnológica. Também outras tecnologias que possam auxiliar a arbitragem são aceitas sem maiores problemas a exemplo daquelas que facilitam a comunicação entre o árbitro e os seus auxiliares tais como o *bip* da bandeira e o sistema de conversa entre eles.

A posição dos contrários ao uso de tecnologia tem em vista a questão também da emoção que o jogo proporciona tanto a espectadores quanto aos jogadores. Neste caso, sua posição baseia-se no argumento de que o futebol é uma espécie de retrato da vida, portanto, sujeito aos erros humanos. Assim, o erro e a incerteza dele decorrentes são o que proporcionam a emoção inerente ao jogo. Eliminar ou mesmo diminuir o erro humano através da introdução de tecnologia prejudicaria não somente o jogo, mas também no que respeita ao jogo como espetáculo. Adicionalmente, argumenta-se que o custo da tecnologia necessária é tão alto que nem mesmo canais de TV pertencentes a grandes conglomerados privados de comunicações poderiam arcar. Pelo lado dos clubes, seria um investimento muito alto para pouco benefício (um ou dois lances em um campeonato inteiro), por mais importantes que eles sejam.

Podemos bem exemplificar esta concepção através dos escritos de Julian Carosi, intérprete oficial das Regras do Jogo da Federação Inglesa de Futebol sobre este aspecto:

“Apesar de eu poder entender as razões comerciais pela defesa do uso de tecnologia, pessoalmente não sou favorável ao uso de [toda e] QUALQUER tecnologia. Tem-se falado particularmente do uso de câmaras para se decidir se a bola cruzou a linha do gol ou não [...] Mas, e com relação à maioria dos árbitros que apitam nos estádios comuns onde a tecnologia jamais será usada? Eu sou um grande defensor de que os erros genuínos cometidos pelos árbitros e pelos jogadores são parte fundamental do próprio jogo – esta é a razão pela qual o futebol atrai tanta gente em todo o mundo. Tire os erros e você pode muito bem ficar em casa sem fazer nada! [...] Eu acho que vamos descer uma ladeira muito perigosa com a utilização de tecnologia – especialmente se nossas decisões forem constantemente mudadas pela opinião de alguma máquina glorificada ou de um grupo que se reunirá dois dias após o jogo ter acabado. Eu acho que essa discussão acerca do uso de tecnologia no futebol bate fundo nos meus nervos, pois pessoalmente sou completa e totalmente contrário pelo seguinte: ‘o uso de tecnologia é inversamente proporcional ao desaparecimento do jogo’. Em outras

palavras, a grande coisa do futebol é sua imprevisibilidade e os erros cometidos pelos jogadores, técnicos e árbitros. Sobre o que falaríamos se robôs mandassem no jogo?! [...]”. (www.corshamref.com. Grifo no original. Acessado em 18/07/2013).

Claramente o que Carosi defende é que o uso de tecnologias, quaisquer que sejam, é uma interferência na própria essência do jogo, visto aqui como refletindo a complexidade da própria vida. Tal como na vida cotidiana existem regras, normas e leis, no futebol – espelho da vida real – tais erros – os genuínos, devemos enfatizar – fazem parte da própria dinâmica do jogo e da vida. É impossível, para Carosi, pensar no futebol sem erros como querem a mídia com seus interesses próprios e aqueles que defendem que os resultados devem expressar a justiça do jogo. Em outras palavras, não se pode pensar utopicamente em um jogo “limpo”, sem as “sujeiras” da vida. Essas fazem parte do próprio fluxo do futebol e definem a sua identidade, pois, segue o argumento, isto é o que tem provocado o interesse de milhões de pessoas ao redor do globo por este esporte.

Além disso, é preciso lembrar que a crença no poder, digamos, panóptico, da tecnologia, especialmente no da televisão, comumente pode nos levar à crença na sua infalibilidade. Este ponto se torna claro em vários depoimentos que recolhemos de atores sociais do mundo futebolístico que defendem a introdução de tecnologias de monitoramento como a solução de certos impasses no futebol, particularmente no que respeita ao que se percebe como crescentes erros de arbitragem. Porém, a própria tecnologia é passível de erros ou mesmo incapaz de fornecer, em certas situações, elementos suficientes e necessários para a tomada de decisão por parte dos árbitros. Assim, o técnico Caio Jr. afirma: “Mesmo pela televisão, às vezes pode dar uma interpretação difícil. Eu acho que o árbitro tem que tomar a decisão numa fração de segundos e isso que é a graça do futebol”.

Um argumento relacionado, mas menos “filosófico”, encontra-se na recusa de certos artefatos tecnológicos por causa da possível imposição de um ritmo lento às partidas, o que poderia redundar em prejuízo para o futebol como espetáculo. O que parece sustentar esse argumento é a ideia de que o público preferiria um jogo dinâmico e emocionante mesmo que às custas de um resultado mais justo, que só se tornaria possível graças a constantes interrupções. Esse argumento é bem sintetizado no editorial do *site* *Mente & Cérebro* onde se pergunta retoricamente, depois de noticiar a pesquisa de Belda Maruelda, referida acima: “O argumento do médico passa por cima de um

ponto crucial: o que seria do futebol sem as controvertidas decisões provocadas pela regra do impedimento?”. (www2.uol.com.br/vivermente/noticias/futebol_impedimento_nao_faz_sentido.html. Acessado em 18/07/2013).

Já Valdomiro Matias alerta para o fato de que em lances com alto grau de interpretação por parte da arbitragem, como é o impedimento, que pode ocorrer várias vezes durante uma partida, constantes interrupções poderiam provocar um efeito não desejado, qual seja, apatia e desinteresse por parte do público. Em outras palavras, se o intuito é fazer com que a justiça reine (o melhor vença), e as regras sejam estritamente cumpridas, há de se pensar na possibilidade de que um “efeito perverso”, para utilizarmos o jargão de Raymond Boudon, bem pode ser a quebra da emoção e, portanto, do espetáculo.

7. Considerações Finais

Ao mapearmos os argumentos e recursos normativos empregados no debate sobre o uso das tecnologias de monitoramento, buscamos apresentar alguns aspectos que compõem os processos de construção social da moralidade no mundo futebolístico. Não temos ainda condição de estabelecer de forma clara a posição do futebol entre as seis (Bolstanski e Thévenot, 2000) ou mais (Lamont e Thévenot, 2000) ordens de valor, mas é possível perceber os elementos fundamentais que configuram os aspectos morais *da* e *na* interação ou, em outros termos, os fundamentos do seu modo de justificação. Desde o exemplos dos três ‘gols fantasmas’ até os argumentos apresentados por nosso entrevistados, podemos perceber que o debate sobre o uso ou não das tecnologias de monitoramento é tão marcado por desacordos porque requer a construção de um posicionamento sobre os fundamentos normativos do jogo. Nesse sentido, cada participante do debate precisa apresentar (1) a sua interpretação sobre a experiência do jogo, e seu posicionamento quanto (2) relação do futebol com as emoções e (3) com a justiça.

Este trabalho não apresenta uma resposta direta à questão das tecnologias de monitoramento, nem muito menos sobre a efetividade do futebol como experiência moral. Mas, acreditamos que a partir dessa discussão contribuimos para uma discussão sociológica sobre a experiências dos valores e da normatividade. Quando enfatizamos a idéia de moralidade na interação, mais do que moralidade da interação, tínhamos em mente esse objetivo que é compreender como são compostos os argumentos morais.

Dessa forma, demonstramos como o futebol está dividido num debate moral entre distintas posições sobre o valor da justiça e a relação jogo e vida. Mas, nossa principal contribuição foi demonstrar que em termos dos processo de justificação moral essas posições não são estanques ou totalmente opostas, mas, de fato, recorrem a certos valores considerados fundamentais para o jogo e nesse processo argumentativo terminam por construir/reestabelecer os seus fundamentos normativos.

Para finalizar, podemos dizer que o futuro aponta para a ampliação do uso de tecnologia de monitoramento no futebol no plano internacional. No que respeita à posição da FIFA, depois de algumas experiências relativamente frustrantes, a entidade máxima do futebol decidiu testar recentemente uma bola com *chip* durante a Copa das Confederações, no Brasil, o que não foi necessário diante da inexistência de lances duvidosos na competição. A experiência será retomada na Copa do Mundo de 2014. Dependendo do que ocorrer na ocasião, o debate poderá tomar outro rumo na comunidade dos que fazem o mundo do futebol.

8. Bibliografia

- ADORNO, T. W. (2000). *Problems of Moral Philosophy*. Cambridge: Polity Press
- ADORNO, T. W. (2008). *Minima Moralia: Reflexões a partir da vida lesada*. Rio de Janeiro: Azougue.
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. (1985). *A Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ALEXANDER, J. (2001). 'Towards a Sociology of Evil'. In: Maria Pía Lara (ed). *Rethinking Evil: contemporary perspectives*. pp: 153-72. Berkeley: University of California Press.
- BARRETO, T. V.; MORAIS, J. V. *Aprendizes de futebol recriam as regras do jogo*. Revista Coletiva, v. 1, p. 1-4, 2010.
- BAUMAN, Z. (1997). *Ética Pós-Moderna*. São Paulo: Paulus.
- BAUMAN, Z. (1998). *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BELDA MARUENDA, F. (2004). "Can the human eye detect an offside position during a football match?". *British Medical Journal*, 329: 1470-1472.
- _____ (2005). "Ref's eye for the fast guy". *StudentBMJ*, 13: 8-9.
- BOLTANSKI, L.; THÉVENOT, L. (2006). *On justification: economies of worth*. Princeton, Princeton University Press.
- BRITO, S. M.; MORAIS, J. V.; BARRETO, T.V. (2011a). *Regras do Jogo versus Regras Morais: Para uma Sociologia do 'Fair Play'*. Revista Brasileira de Ciências Sociais (Impresso), v. 77, p. 133-147.

- BRITO, S. M.; MORAIS, J. V.; BARRETO, T.V. (2011b). *Regras do Jogo e Regras Morais*. In: Edilson Fernandes de Souza; José Luís Simões. (Org.). *Escritos a Partir de Norbert Elias* 2. 1 ed. |Recife: Editora Universitária UFPE, 2011b, v. 1, p. 173-192.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (2007). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teoria e abordagens*. Porto Alegre: Artmed.
- DUNNING, E. (1997). "Sport in the Quest for Excitement: Norbert Elias's Contributions to the Sociology of Sport", *Group Analysis*, 30, 4: 477-487.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. (1995). *Deporte y ocio en el proceso de civilización*. México: Fondo de Cultura Económico
- ELIAS, N.; DUNNING, E. (2008). *Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilising Process*, Dublin: University College Dublin Press.
- ELIAS, N. (1994). *O processo civilizador*. Vol1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ELIAS, N. (1997). *Os alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus no século XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ELIAS, N. (2009). "Figuration", in *Essays III: on Sociology and the Humanities*, Dublin: University College Dublin Press.
- FLICK, Uwe (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- GIULIANOTTI, R. (org.) (2004). *Sport and Modern Social Theorists*, Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- HITLIN, S; VAISEY, S. (eds.) (2010). *Handbook of the sociology of morality*. New York: Springer.
- KEW, F. (1992), "Game-Rules and Social Theory", *International Review for the Sociology of Sport*, 27, 4: 293-307.
- KORSGAARD, C. M. (1996). *The Sources of Normativity*, Cambridge and New York: Cambridge University Press.
- KOURY, M. G. P. (2009b). *Emoções, Sociedade e Cultura. A categoria de análise das emoções como objeto de investigação na Sociologia*. Curitiba: Editora CRV.
- LAMONT, M.; THÈVENOT, L. (2000). *Rethinking comparative Cultural Sociology. Repertoires of Evaluation in France and the United States*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- LEMERT, E. M. (1997). *The trouble with Evil, social control at the edge of Morality*. New York: State University of New York Press.
- MORAIS, J. V.; BARRETO, T. V. (2011). *The Flexibility of Football Rules and the Dynamics of the Game: A Figurational Analysis of The Offside Law*. *Soccer and Society*, v. 12, p. 212-227.
- MORAIS, J. V.; BARRETO, T. V. *As Regras do Futebol e o Uso de Tecnologias de Monitoramento*. *Estudos de Sociologia (Recife)*, v. 14, p. 129-156, 2008.
- SHERIDAN, H. (2003). "Conceptualizing 'Fair Play': a Review of the Literature", *European Physical Education Review*, 9, 2: 163-184.

SMITH, D. (2001). *Norbert Elias and modern social theory*. London: Sage Publications.

TORRES, C. R.; CAMPOS, D. G. (org.) (2006). *La Pelota no Dobla? Ensayos Filosóficos en Torno al Fútbol*, Buenos Ayres: Libros de Zorzal.



CAPÍTULO V

MARADONA E AS REGRAS DO JOGO: UMA INTERPRETAÇÃO SOCIOLÓGICA DE ‘A MÃO DE DEUS’⁴²

RESUMO: Partindo de uma discussão sobre o gol de Maradona conhecido como “a mão de Deus”, o objetivo deste trabalho é apresentar os problemas teóricos da relação entre regras de jogo e regras morais na Sociologia Figuracional de Norbert Elias.

Palavras-chave: Regras morais, “*La mano de Dios*”, Sociologia Figuracional

ABSTRACT: based on the moral problem of Maradona’s goal known as “the hand of God”, this work presents a theoretical discussion of how game rules and moral rules are related within Figural Sociology.

Key-words: Moral rules, ‘the hand of God’, Figural Sociology.

Simone Magalhães Brito⁴³
Jorge Ventura de Morais⁴⁴
Túlio Velho Barreto⁴⁵

⁴² Versão em castelhano deste artigo foi publicado na revista *Estudios Sociológico*, publicada pelo El Colegio de México, em seu volume XXX, número 90, setembro-dezembro de 2012, pp. 721-738, com o título “Maradona y las reglas de juego: una interpretación sociológica de ‘la mano de Dios’” (Cf. próxima página).

⁴³ É doutora em sociologia pela Universidade de Lancaster (Inglaterra). É professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba (Brasil). Também é pesquisadora do Núcleo de Estudos em Sociologia do Futebol (UFPE/Fundaj). Em 2007, publicou “Vida Falsa: Adorno e a experiência moderna sob o ponto de vista da moral” em *Política & Trabalho*, v. 26, p. 57-83; em 2009, publicou “Sobre regras de jogo e justiça: uma contribuição metodológica à sociologia da moralidade” na revista. *Política & Trabalho*, v. 30, p. 110. Email: simonebritto@hotmail.com.

⁴⁴ É doutor em Sociologia pela London School of Economics (Inglaterra). É professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (Brasil), onde coordena o Núcleo de Estudos em Sociologia do Futebol (UFPE/Fundaj), sua principal área de interesse nos últimos anos. Entre agosto de 2009 e julho de 2010, é Honorary Research Fellow na Universidade de Exeter (Inglaterra). Em 2008, coorganizou número dedicado à Sociologia do Futebol da Revista de Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS-UFPE) e, em 2009, publicou em coautoria o artigo “Las reglas del fuera de juego y la dinámica del fútbol: un análisis a partir de la sociología figuracional” no livro *Poder, Prácticas Sociales y Proceso Civilizador: los usos de Norbert Elias*, editado pela Noveduc (Buenos Aires; México-DF). Endereço: Flat 40 Silsoe House, 50 Park Village East, London NW1 7QH, Inglaterra. Fones: 44 020 7387-5167 (Residencial): 55 077 22338326 (celular). Email: venturademorais@gmail.com.

⁴⁵ É mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Atualmente é pesquisador adjunto da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), órgão do Ministério da Educação do Brasil, e vice-coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Sociologia do Futebol (UFPE/Fundaj), sua principal área de interesse nos últimos anos. Em 2008, coorganizou número dedicado à Sociologia do Futebol da Revista de Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS-UFPE) e, em 2009, publicou em coautoria o artigo “Las reglas del fuera de juego y la dinámica del fútbol: un análisis a partir de la sociología figuracional” no livro *Poder, Prácticas Sociales y Proceso Civilizador: los usos de Norbert Elias*, editado pela Noveduc (Buenos Aires; México-DF). Endereço: Rua Capitão Sampaio Xavier, 420/202 - Recife, PE - Brasil - CEP 52050-210. Fones: +55 81 32417131 (residencial); +55 81 30736520 (profissional); +55 81 91425519 (celular); Fax: +55 81 30736509. Emails: tulio@fundaj.gov.br.



MARADONA E AS REGRAS DO JOGO⁴⁶ : UMA INTERPRETAÇÃO SOCIOLÓGICA DE ‘A MÃO DE DEUS’

O que dizer de um gol marcado com as mãos? Na sistematização das regras do futebol feita pela Fifa⁴⁷ é muito claro que, com exceção do goleiro, em sua área, “*tocar a bola com as mãos deliberadamente*” é uma infração. De um ponto de vista puramente formal, não há dúvidas acerca dos “gols de mão”: estes não têm (e não devem ter) um lugar na prática do futebol. E ainda, considerando que a proibição do uso das mãos a todos os jogadores (com exceção do goleiro em uma área restrita) é fundamental para a identidade do futebol “association”, a realização de um gol de mão é, para a economia dos valores própria deste esporte, não apenas um desvio, mas uma espécie de ameaça ou patologia.

Contudo, os gols de mão acontecem. Sua versão mais célebre e que o alçou à categoria de “trauma cultural” – no sentido analisado por Alexander (2002 e 2004) – ocorreu quando Diego Maradona, em 1986, em um jogo entre Inglaterra e Argentina, classificou a Argentina para as semifinais da Copa do México. A dimensão moral deste gol se tornou ainda mais problemática quando Maradona o justificou como “*La mano de Dios*”. O herói trágico teria expressado como realizou o primeiro gol da partida: “un poco con la cabeza y un poco con la mano de Dios”. A discussão deste gol suscita tantas paixões e inúmeros debates porque traz em si as principais contradições da vida moral. Seria a “mão de Deus” um resultado da sorte e, portanto, algo que devemos aceitar como parte do jogo e da vida? Ou seria, antes, resultado de ação deliberada, má-fé, que precisa sempre ser desprezada e punida, caso queiramos justiça nos jogos (na vida)? Especificamente sobre a atitude de Maradona, devemos considerá-la pura e simplesmente como a ausência de *fair play*, um exemplo de atitude imoral, ou uma ação racional justificada pela necessidade de ganhar? Seria o exemplo da falta de virtude ou da forma de sobreviver dos mais fracos? Sentiriam os ingleses a mesma revolta caso *the hand of God* tivesse jogado a seu favor?⁴⁸ O que deveriam os ingleses fazer diante

⁴⁶ Empregamos a expressão “regras do jogo” no mesmo sentido que a Fifa, que assim se refere ao conjunto de regras e demais normas que regem o ‘football association’ (ou o ‘soccer’).

⁴⁷ Criada em 1904, a Fédération Internationale de Football Association (Fifa) regula a prática do futebol em todo o mundo.

⁴⁸ Na coleção de DVDs intitulado A História do Futebol: um Jogo Mágico (Terceiro Episódio: Superpotências Sul-Americanas há referências ao episódio, que transcrevemos acrescidos de nossa própria descrição: Maradona (agora muito sério, olhando para a câmera e com o dedo em riste): “Shilton, você pensa que é o herói, o fenômeno! [Maradona muda a fisionomia e já está com o tom irônico].

daquela “mão do diabo”⁴⁹: clamar por justiça ou aceitar seu destino? O desenvolvimento do futebol deve ser um esforço para evitar as vitórias baseadas nos gols de mão ou eles são, como a presença do infortúnio na vida, inevitáveis?

Apesar do desvio da regra presente no gol de mão, as tentativas de justificá-lo contêm inequívocos argumentos morais e posições éticas defensáveis que se tornam mais problemáticas quanto mais consideramos seu uso corriqueiro na vida social. Todavia, este trabalho não pretende resolver a querela moral trazida pela atuação da ‘mão de deus’ no futebol, mas concentrar-se numa discussão muito mais limitada (e que certamente interessa a um universo bem mais restrito de pessoas) que é a sua compreensão sociológica⁵⁰. De fato, acreditamos que “*la mano de Dios*” é um fato paradigmático para a razão sociológica. Não que a sociologia possa lhe dar respostas definitivas, mas, num sentido oposto, a tentativa de compreender o valor do ‘gol de mão’ pode ser muito importante para a compreensão dos limites da razão sociológica.

O interesse deste trabalho é, portanto, revelar a teoria sociológica da moral presente na Sociologia Figuracional ou processual de Norbert Elias. Assim sendo, é parte fundamental do argumento apresentado aqui que o processo civilizador é também um processo de transformação da experiência moral. Esse argumento poderia ser desenvolvido através de cada uma das áreas específicas da Sociologia Figuracional, mas tal esforço parece ser facilitado quando nos voltamos para as figurações esportivas devido à possibilidade de comparação entre as regras do jogo e as regras morais. Há, porém, um argumento que será bem mais difícil de provar: que os limites da sociologia da moralidade de tipo figuracional são os limites da própria sociologia. No entanto, esperamos mais uma vez que os dilemas vindos do futebol possam ser esclarecedores.

Processo Civilizador e Moralidade

Shilton, se uma bola passa pela linha um pouquinho assim [mostra com as mãos o quanto seria “um pouquinho”], e você a pega sem o juiz ver, você diria a ele que foi um gol? (Maradona silencia e fica encarando a câmera com um tom bem grave e desafiador). Maradona (agora muito sério, olhando para a câmera e com o dedo em riste): “Shilton, você pensa que é o herói, o fenômeno! [Maradona muda a fisionomia e já está com o tom irônico]. Shilton, se uma bola passa pela linha um pouquinho assim [mostra com as mãos o quanto seria “um pouquinho”], e você a pega sem o juiz ver, você diria a ele que foi um gol? (Maradona silencia e fica encarando a câmera com um tom bem grave e desafiador).

⁴⁹ Em 2008, Tom Wells, escrevendo para o tabloide inglês “The Sun” (31 de janeiro de 2008, pp. 14-15), em uma reportagem intitulada “I hold my hands up”, publicou o suposto arrependimento de Maradona. Uma vez que este revelou a distorção realizada pela reportagem, o jornal passou a chamar o evento de “a mão do diabo” (http://www.elporvenir.com.mx/notas.asp?nota_id=317824. Acesso em 04/02/2009).

⁵⁰ Para uma discussão filosófica do valor moral dos gols feitos com mão ver Torres & Campos (2006).

De fato, a comparação entre regras do jogo e regras morais parece, à primeira vista, simples. Contudo, o que está em foco é a própria caracterização da experiência moral e uma elaboração da natureza e origem da normatividade. Assim, ao tratar do desenvolvimento dos esportes, a Sociologia Figuracional também elabora uma teoria da moralidade: constrói um modelo de sujeito moral. Mas, que moralidade é essa? Quem é esse sujeito moral?

A caracterização do desenvolvimento do processo civilizador tem como aspecto chave uma mudança da ‘sensibilidade’ dos indivíduos. Segundo Elias:

[...] no curso de séculos, o padrão de comportamento humano, [...] muda muito gradualmente em uma direção específica. Vemos pessoas à mesa, seguimo-las quando vão para a cama ou se envolvem em choques hostis. Nestas e em outras atividades elementares, muda lentamente a maneira como o indivíduo comporta-se e sente (Elias, 1994: 14).

Esta transformação nos sentimentos e na conduta é “uma mudança muito específica nos sentimentos de vergonha e delicadeza” (Elias, 1994: 14). A expressão dos sentimentos na relação com os outros passou a ser um objeto fundamental do controle social, não de maneira difusa ou dúbia, mas como um conjunto de regras específicas:

as normas sociais de conduta e de sentimentos, especialmente em alguns círculos da classe alta, começou a mudar de maneira bastante clara a partir do século XVI e em uma direção muito concreta. A regulação da conduta e dos sentimentos se tornou mais estrita, mais diferenciada e englobadora, contudo, também mais equilibrada e moderada ao eliminar o excesso de autopunição (Elias & Dunning, 1995: 37).

As regras de etiqueta são uma dimensão da vida social privilegiada para a percepção desta transformação histórica em curso. Entretanto, seu alcance sociológico é mais amplo: implica uma transformação geral na relação com o corpo, especialmente com o corpo do outro e com os ‘aspectos’ deste que devem tomar parte na vida social. As regras de controle de sons e fluidos corporais junto com regras de comportamento e comunicação estabelecem não apenas um conjunto de normas mundanas e superficiais, mas são internalizadas de um modo em que a sensibilidade com relação ao outro (e sua proximidade – o próprio material da moralidade) é modificada radicalmente. Comportamentos que em outras épocas não eram objeto de interesse passam a ser considerados repugnantes e proibições sociais são criadas como se novos tabus estivessem se institucionalizando, estabelecendo um novo limiar para os sentimentos de medo, repugnância e vergonha.

O mundo das atividades que hoje denominamos ‘esportes’ é capaz de revelar de maneira mais direta a natureza moral destes novos tabus que se instituem. Como exemplo, podemos pensar na história do boxe onde um aumento da sensibilidade e controle da violência se manifestou numa sucessão de modificações das suas regras: na proibição do uso das pernas, no uso de luvas e seu posterior acolchoamento, na divisão dos lutadores por categoria e na delimitação do campo da luta. Ainda que permaneça nos esportes o *ethos* de imitação de batalha (Elias *in* Elias & Dunning, 1995: 38), sua principal característica, que a diferencia das práticas antigas e medievais, é a tentativa de minimizar a violência. Assim, “la mayoría de los deportes entrañan un factor de competitividad. Son competiciones que implican el uso de la fuerza corporal o de habilidades no militares” (Elias *in* Elias & Dunning, 1995: 35), mas o uso das regras se desenvolveu no sentido de minimizar a violência e reduzir a agressão física. Foi neste sentido que Elias demonstrou a existência de certo grau de afinidade entre a forma parlamentar e os jogos esportivos (Elias *in* Elias & Dunning, 1995: 41).

A perspectiva histórica permite que tenhamos uma verdadeira compreensão da natureza e do grau de transformação ocorrida nos padrões de sensibilidade. Se pensarmos uma atividade esportiva que hoje consideramos violenta como, por exemplo, a luta livre, e a comparamos com as lutas realizadas na antiguidade podemos perceber como se operou a mudança de sensibilidade captada pela ideia de ‘civilização’. Nas lutas de pancrácio da Grécia antiga, todo o corpo era usado (pés, cotovelos, joelhos, pescoço e cabeça), sendo que na versão espartana também se usava os dentes.

Los pancratistas podían sacarse los ojos uno al otro (...), dislocarle los dedos de las manos, los huesos de los brazos y aplicarle las llaves de estrangulamiento. Si uno lograba derribar al otro, podía sentársele encima y golpearlo en la cabeza, el rostro, las orejas, también podía darle patadas e pisotearlo. No hace falta decir que en este brutal torneo los luchadores recibían en ocasiones las heridas más horribles y no pocas veces uno resultaba muerto (Mezoe *apud* Elias & Dunning, 1995: 169).

A nossa sensibilidade com relação às formas violentas se modificou de tal forma que, dificilmente, um espetáculo como esse poderia ser tolerado hoje. Mesmo a luta livre possui uma série de limitações como a proibição de golpes traumáticos, dedos nos olhos, beliscões, chave de rins, golpes nos olhos, nariz, boca e ouvido, puxões de cabelo e mordidas⁵¹. Tem-se ainda que considerar o fato de que tais lutas acontecem em lugar e tempo delimitados, diante da presença de juízes que tem sua ação garantida e controlada

⁵¹ Fonte: <http://luta.livresubmission.com.br/?fx=pagina1>. Acesso em 18/09/2009.

por regras e instituições. No caso específico do futebol, a Sociologia Figuracional demonstrou como a versão praticada hoje difere grandemente dos jogos com bola da Idade Média onde, por exemplo, no “hurling a campo aberto” o jogo era realizado no espaço entre duas ou mais localidades sem a limitação do número de jogadores entre os times e nem tampouco a sua diferenciação. A descrição seguinte pode dar uma boa ideia da mudança operada historicamente:

[...] Cuando se reúnen, no se equipara el número de jugadores ni se contrasta a los hombres: solo se lanza al aire una pelota de plata y el equipo que logre atraparla y llevarla, por su fuerza o pericia, hasta el lugar que se le ha asignado, obtiene la pelota y la Victoria. Quienquiera que tenga en su poder esta pelota se ve perseguido generalmente por el bando adversario; y este no le dejará hasta que (sin ninguno respeto) el portador sea derribado a la bendita tierra de Dios [...].”(Carew, 1602 *apud* Elias & Dunning, 1995: 225-227).

Através dessa descrição é possível entender porque durante tanto tempo os jogos coletivos foram considerados perigosos. Em 1302, o rei Eduardo II tentou banir os jogos com bola de Londres fazendo referência aos males despertados durante sua realização. A bola chegou a ser muitas vezes considerada como um objeto tomado por um espírito demoníaco pela fúria e paixão que suscitava sua disputa. Naquele mesmo relato antigo sobre o hurling, o cronista questiona o valor daquela prática:

“pues si por un lado proporciona fuerza, resistencia y agilidad a sus cuerpos e infunde valor a sus corazones para enfrentarse el enemigo, también, por otro, va acompañado de numerosos peligros. Algunos dos cuales siempre les tocan en su suerte a los jugadores (...) cuando el hurling ha terminado, se les ve retirarse a sus casas como quien regresa de una dura batalla, con la cabeza abierta, huesos rotos e dislocados, y con tales heridas que hacen menguar sus días” (idem).

O que a Sociologia Figuracional chama de uma transformação da sensibilidade pode muito bem ser descrito como uma transformação da moralidade. Se tomarmos uma concepção particular de moralidade, especialmente uma de tipo emotivista, transformações no umbral de vergonha, medo e repugnância são a base para o estabelecimento da experiência moral. Partindo-se do ponto de vista de uma teoria da moral, é possível questionar esta particular fundamentação e apresentar seus problemas. Contudo, o que está sendo expresso aqui não é uma consideração do ‘processo civilizador’ como o desenvolvimento da moralidade por excelência, e sim um argumento mais simples: o processo civilizador como um tipo específico de teoria da moral. Em outros termos, compreender o estabelecimento de padrões de sociabilidade

ditos ‘civilizados’ implica discutir transformações sociais nos padrões de moralidade. Adiante, discutiremos alguns problemas desta concepção particular ou quais os dilemas de uma sociologia processual da moralidade. Antes, é preciso destacar que sua grande contribuição foi demonstrar como hábitos simples (por exemplo: usar garfo) podem estar relacionados a uma complexa transformação das relações sociais e morais.

Do ponto de vista da moralidade como a preocupação com a vida correta, a importância da Sociologia Figuracional está em demonstrar como as mínimas ações sociais, especialmente aquelas que parecem naturais ou idiossincráticas, são na verdade parte de um conjunto de valores que orienta a dinâmica social. Nesse caso, os esportes são mais um exemplo de como se deu esta transformação. De fato, “os jogos são microcosmos da natureza fundamental da vida social” (Giulianotti, 2004: 147) onde é possível perceber a falsidade da dicotomia entre indivíduo e sociedade e a sua real interdependência (Cf. Elias e Dunning, 1966 e 1995). De práticas que comportavam uma extrema dose de violência (de acordo com nossos padrões ‘civilizados’) tanto entre os que “jogavam” quanto entre aqueles que assistiam, de situações que podiam se estender até a morte, os esportes se transformaram em situações marcadas por regras claras, comportamentos pré-determinados e controlados onde o sofrimento e a crueldade devem ser evitados.

O entendimento do processo civilizador como um processo moral precisa ainda de duas qualificações importantes. Primeiro, é importante notar que o termo “civilizado” não tem, para Norbert Elias, um valor em si, mas é simplesmente um termo que só tem sentido comparativamente⁵². Ao referir-se aos limiares de autocontrole e repressão de certos atos, não está se apresentado uma transformação da espécie, mas simplesmente um padrão que organiza as ações dos conjuntos de indivíduos e que, portanto, pode ser revertido.

Segundo, Elias não considera o processo civilizador como o desenvolvimento de relações sociais mais justas ou de um processo de moralização (nem caberia à sociologia esse tipo de julgamento), mas sim como o desenvolvimento de uma “moralidade contraditória” (Elias & Dunning, 1995: 167). A cisão ou contradição desta moralidade está no fato de que o controle e a repulsa pela violência dentro do grupo social não se estabelecem de maneira equivalente na relação entre grupos. As

⁵² “No se puede decir en sentido absoluto: nosotros somos ‘civilizados’, ellos son ‘incivilizados’. Pero si puede decirse con gran confianza: ‘las pautas de conducta e de sentimiento de la sociedad A son más civilizadas que las de la sociedad B’ siempre que se tenga a la mano un medidor claro y preciso del desarrollo.” (Elias & Dunning, 1995: 178).

barreiras e o autocontrole que devem ser erguidos contra a violência no interior do grupo são constantemente confrontados por demandas contrárias devido a conflitos, guerras etc. Em outros termos, a regra moral válida para o ‘nós’ não é equivalente a regras que devem ser usadas para os ‘outros’. Essa ideia é esclarecida quando se pensa a relação entre os antigos e novos moradores de Winston Parva (Elias & Scotson, 2000) onde os padrões de reconhecimento moral que organizam e mantêm internamente o primeiro grupo não são empregados para as relações com os “outros”. A organização da vida social entre dois grupos: o “nós” e os “outros”, naquele caso particular estabeleceu também a criação de dois padrões de justificação e regulação moral⁵³. Essa cisão presente em várias figurações vai ser explicitada no mundo dos esportes de maneira fundamental na oposição de vontades que caracteriza qualquer jogo e seus desenvolvimentos: necessidade da vitória, nas ideias de vergonha, honra e sacrifício e na experiência de torcer, independentemente do processo de esportivização.

“A mão de Deus”

A Sociologia Figuracional desnaturaliza nossa compreensão da experiência e fundamenta o pressuposto básico da sociologia: de que a realidade é socialmente construída. Com relação ao estudo dos esportes, tem-se que ressaltar sua importância não apenas pelo lugar que estes ocupam na sociedade hoje, mas principalmente por deslocar a abordagem sociológica de uma hierarquização implícita de atividades no interior da vida social. Se o interesse é compreender a formação da vida social, a Sociologia Figuracional demonstrou que tanto quanto o trabalho, o ócio é parte fundamental da organização social. Essa quebra de uma suposta hierarquia intrínseca às esferas da vida social (comum na Sociologia Clássica) realiza uma ruptura epistemológica e metodológica fundamental para a disciplina.

Contudo, como já afirmamos, aqui interessa uma discussão bem mais restrita: a relação entre as regras do jogo e as regras morais, ou, o que a razão sociológica pode nos dizer sobre fatos morais como os gols de mão. Assim, elencamos algumas considerações que podem ser feitas, partindo da sociologia, sobre “la mano de Dios”. Mas, antes de passarmos a discussão específica sobre este gol, é necessário

⁵³ Assumimos como pressuposto duas ideias sobre o argumento apresentado em “Os estabelecidos e outsiders” (Elias & Scotson, 2000): (1) O desenvolvimento das relações de poder como se apresenta na comunidade estudada é também a construção de uma moralidade, e (2) o desequilíbrio entre os dois grupos revela uma versão sociológica da temática hegeliana da dialética entre senhor e servo.

contextualizar ou historiar as relações futebolísticas entre Argentina e Inglaterra no momento em que ele ocorreu. Com efeito, ao situarmos as relações entre aqueles dois países, confirmamos a ideia de que o jogo em que ocorreu ‘a mão de Deus’ foi um evento moral. E damos um passo adiante ao constatar que o confronto futebolístico não se tornou ‘acidentalmente’ um evento moral, mas ocorreu em meio a um confronto de valores ou de distintas tradições valorativas.

Argentina vs. Inglaterra no Futebol Antes da ‘Mão de Deus’

É preciso lembrar que no mundo futebolístico havia uma grande rivalidade entre a Argentina e a Inglaterra, que, segundo a avaliação de Dave Bowler (1998), influenciou na ocorrência da ‘Mão de Deus’ de Maradona.

Lembremos que, até a Segunda Guerra Mundial, a Inglaterra se recusava a participar da Copa do Mundo organizada pela Fifa. O motivo de tal recusa era simples: além de fundadores do “football association”, os ingleses se consideravam os melhores do mundo no futebol e não aceitavam a ideia de disputar tal torneio com outras nações. No entanto, resolveram participar da Copa do Mundo de 1950, no Brasil, e o resultado foi desastroso: a Inglaterra foi eliminada ainda na primeira fase, incluindo uma derrota histórica para os Estados Unidos. Entre os jogadores da Inglaterra estava Alfred Ramsey, futuro técnico campeão do mundo em 1966.

Segundo seu biógrafo (Bowler, 1998), Ramsey desenvolveu uma atitude muito negativa com relação aos jogadores latino-americanos, particularmente os do Uruguai e da Argentina. Para ele, o comportamento dos jogadores destes dois países feria o espírito do jogo, o próprio espírito de *fair play*. E mais: embora os ingleses jogassem de forma viril, nada se comparava às artimanhas dos uruguaios e argentinos.

O desempenho da Inglaterra na Copa do Mundo de 1950 mostrou que o país estava completamente alienado dos desenvolvimentos do futebol tanto na Europa continental quanto na América Latina. A partir de então, a Inglaterra passou a procurar jogar mais vezes contra times europeus e latino-americanos.

Portanto, antes da Copa do Mundo de 1966, que seria sediada na Inglaterra, como parte dos preparativos, Alfred Ramsey, já então técnico da seleção deste país, levou-a para participar de um torneio, em 1964, no Rio de Janeiro. Durante a competição, apesar de Ramsey ter apreciado a técnica dos argentinos, sua concepção

negativa dos argentinos se fortaleceu ainda mais devido ao que ele viu como falta de lealdade destes jogadores.

O próximo encontro futebolístico entre ingleses e argentinos ocorreria nas quartas de final da própria Copa do Mundo de 1966. Segundo várias apreciações, foi um jogo extremamente duro e marcado pela violência. Para se ter uma ideia, Antonio Rattín, capitão e cérebro da seleção argentina, foi expulso ainda no primeiro tempo do jogo. Após ter sido expulso, ele passou cerca de 20' minutos discutindo com o árbitro alemão Rudolf Kreitlein. Depois, ao passar pela bandeira que demarca um dos corners do campo, em que havia uma pequena bandeira inglesa, amassou-a com a mão em clara manifestação de desagrado com o que ocorrera. Sua explicação: não havia entendido o que o árbitro argumentava. Tal fato levou a Fifa a instituir os cartões amarelos e vermelhos para simbolizar o tipo de advertência imposta aos jogadores a partir da Copa do Mundo de 1970, no México.

Um comentarista, Hugh McIlvanney, chegou a definir o jogo “não tanto uma partida de futebol, mas mais um incidente internacional” (Citado por Bowler, 1998: 210). Também Gordon Banks, famoso goleiro daquela seleção inglesa – e da seleção inglesa da Copa do Mundo no México em 1970 –, em sua biografia, também se refere à violência praticada pelos argentinos (Banks, 2003: 256), que terminaram sendo advertidos pela FIFA acerca do seu mal comportamento.

Indo mais além, Alfred Ramsey, com sua experiência negativa dos outros encontros futebolísticos com a Argentina – e com outros países latino-americanos –, referiu-se aos jogadores argentinos como “animais”. O resultado foi um incidente diplomático, tendo sido o embaixador britânico na Argentina hostilizado por torcedores e precisado de proteção policial (Bowler, 1998: 214).

Outro resultado, de acordo com Bowler (1998: 213), foi o seguinte:

Ele [Ramsey] achava que havia sofrido, de uma forma ou de outra nas mãos dos sul-americanos desde 1948 [...] No entanto, ele não tinha idéia de que o uso da palavra ‘animais’ seria tão provocativa, tendo ramificações até quatro anos depois [na Copa do Mundo do México em 1970] quando um continente [inteiro] uniu-se contra ele. Vinte anos depois, para os argentinos, a ‘Mão de Deus’ pareceu uma vingança contra 1966. Maradona teria usado uma justificativa tão espúria contra qualquer outro time?.

O contexto de relações futebolísticas entre Argentina e Inglaterra pode assim ser entendido como um conflito de tradições ou um conflito entre ‘comunidades imaginadas’ (Anderson, 2003). As considerações abaixo tentam desenvolver a idéia de

uma disputa moral entre comunidades para entender ‘a mão de Deus’. Caso se queira entender sociologicamente a natureza moral deste gol, é preciso ter em mente essa história e o quê ou quem cada personagem buscou vingar. Um argumento óbvio contra essa historização dirá que tais paixões não podem interferir com as regras do jogo, o que nos levará ao dilema de Antígona: dividida entre as leis do estado e as leis do coração. Contudo, se a filosofia pode escolher entre uma dessas posições, a sociologia pode apenas revelá-las.

Fair Play

Dada a extensão da polêmica gerada pelo gol e o fato de que os próprios argentinos se dividem quanto ao valor de uma vitória dada pela ‘mão de deus’, percebe-se que a idéia de *fair play* se universalizou. A extensão do debate não pode ser creditada apenas ao tamanho do evento e ao caráter midiático do futebol. É óbvio que qualquer fato ocorrido em uma Copa do Mundo tenderá a ser mais discutido do que fatos de um evento futebolístico menos midiático. Contudo, nesse caso não foi a Copa do Mundo que dramatizou o gol de mão, mas o seu inverso. O fato de que ‘*la mano de Dios*’ dramatizou a Copa do México está intimamente ligado ao fato, nada natural, de que o futebol precisa ser jogado dentro de parâmetros de Justiça e que sua figuração (que é específica, histórica e situada) pode ser entendida pela quase totalidade de indivíduos sobre a terra. Se o pensamento político no Capitalismo Tardio é um grande debate sobre os termos e a possibilidade de uma justiça transnacionalmente aplicável, na Copa do México esse problema está num patamar muito mais avançado. Pois, o fundamento da justiça já está definido nas regras e a grande frustração, que é um reconhecimento trágico dos problemas inerentes ao jogo/vida, é porque a sua promessa não foi cumprida – por que se perde a oportunidade da justiça?

Assim, temos um importante aspecto para a problematização das regras morais: ainda que a moralidade fosse algo relativo a culturas particulares, o fenômeno de esportivização não só dissemina a compreensão de um fundamento moral específico (o *fair play* que surgiu a partir de uma figuração histórica inglesa), mas estabelece, ainda que não intencionalmente, um padrão universal. Se, por um lado, há uma dificuldade em falar sociologicamente de valores universais, por outro lado, estamos diante de valores que se tornaram universais, de um tema ou, especificamente, um embate sobre a noção de justo/bom que não soa estranho a indivíduos de culturas muito distintas.

Falklands ou Malvinas?

Para Elias, é muito claro que a necessidade de violência na relação entre os Estados interfere na tentativa de diminuição do patamar de violência dentro do Estado. Assim, uma outra dimensão que não pode ser retirada da partida é a guerra em que anos antes Inglaterra e Argentina travaram. Há que ser reconhecido o caráter extremamente civilizador e civilizado do futebol ao permitir que poderosas emoções coletivas organizadoras da identidade dos dois países pudessem ser resolvidas sem violência física. Se faz parte das regras do jogo uma suspensão do mundo e a criação de um mundo particular, um microcosmo mais controlável do que a vida, não há como evitar que ‘sentidos’ da vida sejam transportados para este mundo mimético. Assim, os argentinos não entraram em campo como simples jogadores, eram também responsáveis por resolver em campo as seguidas feridas causadas à identidade argentina pela nação inglesa, inclusive ou sobretudo as aqui apontadas. A vingança não poderia ser realizada através da violência física, mas o futebol permitiu o exercício simbólico e antropológico do sacrifício.

Na verdade, ao fim e inesperadamente, o que foi sacrificado naquele jogo foi o próprio futebol argentino, que mesmo sendo mais bonito e alegre que o inglês⁵⁴ passou a ser suspeito. O futebol argentino foi sacrificado para que a identidade nacional fosse vingada através da visão do sofrimento inglês. Que o futebol alegre seja sacrificado atende perfeitamente a lógica do sacrifício, afinal o que se deve levar ao altar é sempre o exemplar mais puro e perfeito. Assim, pensando de um ponto de vista especificamente sociológico, e dentro da lógica de disputa entre duas comunidades, o ato de Maradona não pode ser considerado imoral. Ao percebermos os fatos pelo viés do processo de organização moral de uma comunidade, o sacrifício passa a ser necessário para sua própria continuidade. Seguindo a economia moral que organiza os conflitos entre mundos de diferentes (comunidades), Maradona apenas fez o que precisava ser feito para vingar o mal que no passado foi infringido a sua comunidade⁵⁵.

⁵⁴ Reconhecemos o problema sociológico desta afirmação.

⁵⁵ No documentário em DVD já citado, Jorge Valdano afirma o seguinte: “Na Argentina, o gol ilícito (malo) foi mais celebrado que o gol legítimo (bueno), porque foi contra os Ingleses, e eles nos pareciam merecê-lo”.

Maradona: um *Gentleman*

Não podemos dizer que a ação cometida por Maradona é, em si, civilizada. Contudo, se a colocarmos numa perspectiva do desenvolvimento histórico dos jogos com bola, temos que o episódio ‘da mão de Deus’ é na verdade um autêntico símbolo do processo de civilização. Tomando como exemplo a história dos jogos e da violência que estes comportavam, chegando até a morte dos competidores, o que foi ‘la mano de Díos’? Considerando que no futebol do início do século XX não era um fato extraordinário que um jogador tivesse a perna quebrada, a indignação causada pela atitude de Maradona revela como o futebol internalizou normas de autocontrole e *fair play*. O ato em si foi um simples toque, não visto pelo juiz devido a sua própria sutileza.

A falha de outros atores envolvidos também contribuiu para que a ação fosse traduzida em uma vantagem diminuindo, assim, a culpabilidade social de Maradona: ele não poderia orquestrar sozinho todas as posições que lhe deram a vantagem, cada um dos jogadores contribuiu para aquele resultado. Seria equivocado, especialmente se considerarmos as constantes admoestações eliasianas de que não há pura liberdade ou indivíduo sem sociedade, conferir a um único jogador toda responsabilidade por uma ação que é social. Assim, quando afirmamos que o gol de mão é civilizado não estamos dizendo que ele é bom e justo, mas que é uma vantagem adquirida sem violência nem coerção e permitida pela incapacidade de ação (que sociologicamente é uma ação válida e normal) de outros atores. Nesse sentido, Maradona se portou durante a partida como um *gentleman* ao estabelecer, a despeito de seus sentimentos pessoais, um padrão de ação não violento e ao respeitar o árbitro. Fosse esta uma antiga disputa entre cavalheiros, onde não haveria a intervenção do olhar da câmera e apenas a palavra por fiador, seria até deselegante desconfiar do gol de Maradona.

Maradona 1, Sociologia 0

Para o desenvolvimento do argumento presente neste artigo é necessário que o leitor tenha, em algum momento desta exposição, experienciado alterações no seu limiar de raiva ou desprezo. Aquilo que, como sujeitos morais queremos ouvir, não ocorreu: a condenação ao gol de mão. Em termos teóricos, questionamos nossa exposição acima perguntando: o que a sociologia faz com aquela sensação dos amantes do futebol de que não é apenas a vitória que importa? A questão mais fundamental sobre o gol feito com a

‘mão de Deus’ é se ele é certo ou errado. E, diante da certeza de que é errado, a pergunta ainda mais crucial precisa ser feita: quem faria diferente de Maradona e autodenunciar-se-ia? Se poucos fariam isso, como podemos cobrá-lo de Maradona? O fato de que pouquíssimos fariam diferente não daria uma validade ao gol de mão? É isso o que Maradona deseja demonstrar ao desafiar Shilton no documentário (passagem aqui já citada).

Do ponto de vista das regras do futebol, a resposta é muito simples. E mesmo pode-se afirmar do ponto de vista da moral própria do jogo: o gol de mão é desonesto e sua desonestidade não pode sair impune porque ela afronta o próprio fundamento do jogo. Se há espírito (no sentido hegeliano) no futebol, o gol de mão é sua reificação. Se o futebol for considerado uma expressão (também no sentido hegeliano), então o gol de mão aliena todos os jogadores do sentido verdadeiro do futebol. Caso usemos o momento ou a dificuldade de agir de outro modo para justificar a atitude de Maradona, abrimos espaço para toda sorte de casuísmo. Quem julgará cada situação, cada momento? Desse ponto de vista, entendemos que as regras de jogo são regras morais, e, como na moralidade as ações, precisam ser universalizáveis sob pena de uma patologia se instaurar.

Contudo, o que nossa exposição procurou demonstrar é que o sentido de certo ou errado, justo e injusto, parece não ter lugar na Sociologia. Ainda que possamos entender como um padrão de justiça se dissemina, não podemos afirmar que tal padrão é a própria encarnação da justiça ou que é bom em si. Certamente, momentos históricos distintos terão diferentes padrões para entender e julgar a mesma ação. Apesar da compreensão das regras do futebol ser ampla e da possibilidade encontrada pelos atores em comparar futebol e vida, isso ainda não implica a possibilidade de aceitarmos sua universalidade ou a validade de suas regras como exemplo de justiça. Do ponto de vista da Sociologia, percebemos que no futebol, bem como em outras práticas desportivas, estão em desenvolvimento também as formas de julgar suas ações particulares.

Quando Maradona atribuiu o seu gol à mão de Deus, ele definiu a natureza de valores que a sociologia não pode compreender: qualquer um que faça referência a estruturas transcendentais. Não acreditamos que esse seja um problema particular da Sociologia Figuracional. Entretanto, tal perspectiva revela muito bem os dilemas que se apresentam quando esse tipo de valor não é tematizado. Não se trata de requerer que a Sociologia possa incorporar ao seu corpo o problema do transcendental, porém, é

importante perceber que existe uma dimensão da experiência social (os sentimentos morais) que precisa ser mais bem entendida no seio da disciplina.

Do ponto de vista sociológico existe um modelo teórico de equalização entre regras do jogo e regras morais que as interpreta e transforma em regras de coerção. Mas, o apego dos indivíduos às regras morais possui um caráter mais amplo que a internalização do medo ou constrangimento e, portanto, não pode ser entendido simplesmente como uma relação com as convenções socialmente aceitas. O *sentido* que anima a revolta contra o gol de mão ou a admiração diante de demonstrações de *fair play* é, do ponto de vista da filosofia moral, completamente distinto de outras convenções sociais. Todavia, mesmo que a sociologia não possa incorporar completamente essa dimensão sob pena de contradizer seu próprio fundamento, é necessário reconhecer a diferença desses sentidos para as experiências dos atores.

Considerações Final

Este artigo buscou, através de uma interpretação do gol de mão feito por Maradona na Copa do Mundo de 1986, no México, problematizar a relação entre regras do jogo e regras morais na Sociologia Figuracional. Tentamos demonstrar como a ideia de um processo civilizador contribui não apenas para o entendimento de práticas esportivas, mas também fornece as bases para a compreensão sociológica da moralidade. Esperamos ter deixado claro que a resposta mais fundamental sobre a natureza do gol feito com 'la mano de Díos' não pode ser dada com base no conhecimento sociológico. Nosso propósito não é escolher entre uma perspectiva sociológica ou filosófica, mas apenas demonstrar como a segunda apresenta um 'sentido' experienciado pelos atores que pode ser tematizado pela razão sociológica.

Bibliografia

ADORNO, Theodor W. (2000), *Problems of Moral Philosophy*, Cambridge, Polity Press.

ADORNO, Theodor W. (2005), *Minima Moralia: Reflections from Damaged Life*, Londres, Verso.

ALEXANDER, Jeffrey (2001), "Towards a Sociology of Evil", In Maria Pía Lara (ed) *Rethinking Evil: Contemporary Perspectives*, Los Angeles e Berkeley, University of California Press, pp. 153-72.

ALEXANDER, Jeffrey (2002), "On the Social Construction of Moral Universals: the 'Holocaust' from War Crime to Trauma Drama", *European Journal of Social Theory*, vol. 5, núm. 1, pp. 5-82.

ALEXANDER, Jeffrey (2004), "Toward a Theory of Cultural Trauma", In Jeffrey Alexander et al., *Cultural Trauma and Collective Identity*, Los Angeles and Berkeley, University of California Press, pp.1-30.

ANDERSON, Benedict (2003). *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*, Edição revisada, Londres e Nova York: Verso.

BANKS, Gordon (2003), *Banksy: my Autobiography*, Londres, Penguin.

BOLTANSKI, Luc & Laurent THÉVENOT, L. (2006), *On Justification: Economies of Worth*, Princeton, Princeton University Press.

BOWLER, Dave (1998), *Winning Isn't Everything...: a Biography of Sir Alfred Ramsey*, Londres, Orion.

DUNNING, Eric (1996), "On Problems of the Emotions in Sport and Leisure: Critical and Counter-Critical Comments on the Conventional and Figurational Sociologies of Sport and Leisure", *Leisure Studies*, vol. 15, núm. 3, pp. 185-207.

DUNNING, Eric (1997), "Sport in the Quest for Excitement: Norbert Elias's Contributions to the Sociology of Sport", *Group Analysis*, vol. 30, núm. 4, pp. 477-487.

DUNNING, Eric (2003), *El Fenómeno Deportivo: Estudios Sociológicos en Torno al Deporte, la Violencia y la Civilización*, Barcelona, Editorial Paidotribo.

DUNNING, Eric (2004), "Sociology of Sport in the Balance: Critical Reflections on Some Recent and More Enduring Trends", *Sport in Society*, vol. 7, núm. 1, pp. 1-24.

DUNNING, Eric, Dominic MALCOLM & Ivan WADDINGTON (orgs.) (2004), *Sport Histories: Figurational Studies of the Development of Modern Sports*, Londres e Nova York, Routledge.

DUNNING, Eric & Graham CURRY (2006), "Escolas Públicas, Rivalidade Social e o Desenvolvimento do Futebol", in Ademir Gebara & Luiz Alberto Pilatti (orgs.), *Ensaio Sobre História e Sociologia nos Esportes*, Jundiaí, Fontoura.

DURKHEIM, Émile (1953), *Sociology and Philosophy*, Londres, Cohen & West.

ELIAS, Norbert (1993), *O Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

ELIAS, Norbert (1994a), *O Processo Civilizador: uma História dos Costumes*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

ELIAS, Norbert (1994b), *A Sociedade dos Indivíduos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

ELIAS, Norbert (1998a), *Envolvimento e Alienação*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

ELIAS, Norbert (1998b), *The Norbert Elias Reader: a Biographical Selection*, Oxford, Blackwell Publishers.

ELIAS, Norbert (2005), *Introdução à Sociologia*, Lisboa, Edições 70.

ELIAS, Norbert (2006), “Figuração”, in *Escritos & Ensaio 1: Estado, Processo, Opinião Pública*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

ELIAS, Norbert & Eric DUNNING (1966), “Dynamics of Group Sports with Special Reference to Football”. *British Journal of Sociology*, vol. 17, núm. 4, pp. 388-402.

ELIAS, Norbert & Eric DUNNING (1995), *Deporte y Ocio en el Proceso de la Civilización*, 2ª edição, México, Fondo de Cultura Económica.

ELIAS, Norbert & John SCOTSON (2000), *Os Estabelecidos e Outsiders: Sociologia das Relações de Poder a Partir de uma Pequena Comunidade*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor.

GEBARA, Ademir & Luiz Alberto PILATTI (orgs.) (2006), *Ensaio Sobre História e Sociologia nos Esportes*, Jundiaí, Fontoura.

GIULIANOTTI, Richard (2002), *Sociologia do Futebol: Dimensões Históricas e Socioculturais do Esporte das Multidões*, São Paulo, Nova Alexandria.

GIULIANOTTI, Richard (org.) (2004), *Sport and Modern Social Theorists*, Basingstoke, Palgrave Macmillan.

GOODGER, John M. & Brian C. GOODGER (1989), “Excitement and Representation: Toward a Sociological Explanation of the Significance of Sport in Modern Society”, *Quest*, vol. 41, núm. 3, pp. 257-272.

KALLSCHEUER, Otto (1995), “And Who is my Neighbor?: Moral Sentiments, Proximity, Humanity”, *Social Research*, vol. 62, núm. 1, pp. 99-127.

KEW, Francis (1992), “Game-Rules and Social Theory”, *International Review for the Sociology of Sport*, vol. 27, núm. 4, pp. 293-307.

KING, Anthony (2000), “Football Fandom and Post-National Identity in the New Europe”, *British Journal of Sociology*, vol. 51, núm. 3, pp. 419-442.

KORSGAARD, Christine M. (1996), *The Sources of Normativity*, Cambridge e Nova York, Cambridge University Press.

MACINTYRE, Alasdair (2001), *Depois da Virtude*, Bauru, Edusc.

SHEARD, Kenneth G. (1997), “Aspects of Boxing in the Western ‘Civilizing Process’”, *International Review for the Sociology of Sport*, vol. 32, núm. 1, pp. 31-57.

SHERIDAN, Heather (2003), “Conceptualizing ‘Fair Play’: a Review of the Literature”, *European Physical Education Review*, vol. 9, núm. 2, pp. 163-184.

SMART, Barry (2003), “Sociology, Morality and Ethics: on Being with Others”, In George Ritzer & Barry SMART (orgs), *Handbook of Social Theory*, Londres, Sage.

TESTER, Keith (1994), *Media, Culture, and Morality*, Londres e Nova York, Routledge.

TESTER, Keith (1997), *Moral Culture*, Londres e Thousand Oaks, Sage.

TORRES, Cesar R. & Daniel G. CAMPOS (orgs) (2006), *La Pelota no Dobla? Ensayos Filosóficos en Torno al Fútbol*, Buenos Ayres, Libros de Zorzal.

TURNER, Bryan (2003), “Warrior Charisma and the Spiritualization of Violence”, *Body & Society*, vol. 9, núm. 4, pp. 93-108.

Vídeo

A História do Futebol. Um Jogo Mágico. Coleção em sete DVDs com 13 episódios.
Fremantle Media Enterprises Ltda, 2001.

CAPÍTULO VI

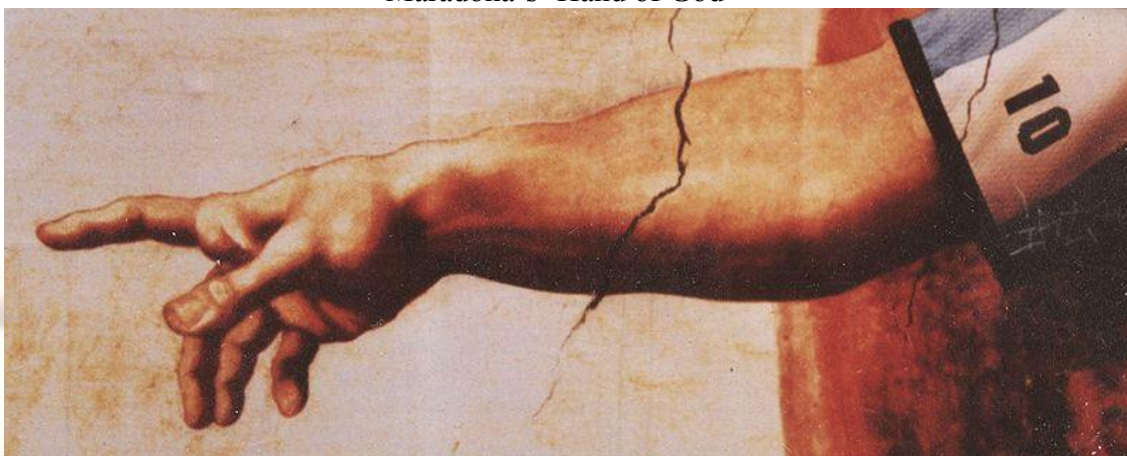
THE HAND OF GOD, THE HAND OF THE DEVIL: A SOCIOLOGICAL INTERPRETATION OF MARADONA'S HAND GOAL⁵⁶

Simone Magalhães Brito⁵⁷
Jorge Ventura de Moraes⁵⁸
Túlio Velho Barreto⁵⁹

ABSTRACT: based on the moral problem of Maradona's goal, known as the 'Hand of God,' this essay presents a theoretical discussion using the perspective of figurational sociology of how game rules and moral rules are related.

Key-words: Moral rules; 'the Hand of God'; Figural Sociology.

Maradona's 'Hand of God'⁶⁰



“After many years in which the world has afforded me many experiences, what I know most surely in the long run about morality and obligations, I owe to football.”
(Albert Camus, *France Football*, 1957, quoted by Perryman, 1997: 1)

“Pelé had nearly everything. Maradona has everything. He works harder, does more and is more skilful. Trouble is that he'll be remembered for another reason. He bends the rules to suit himself.”
(Sir Alfred Ramsey quoted by Burns, 2002: viii)

⁵⁶ We would like to thank Eric Dunning for his comments on an earlier version of this paper.

⁵⁷ Professor of Sociology at the Federal University of Paraíba (Brazil).

⁵⁸ Professor of Sociology at the Federal University of Pernambuco (Brazil).

⁵⁹ Senior researcher at the Joaquim Nabuco Foundation (Brazil).

⁶⁰ “Refined graphite wall in Helsinki, Finland, shows a re-reading of Michelangelo Buonarroti's divine finger in the Sistine Chapel with the Maradonian 'Hand of God' Maradonian (Photo published on Wikipedia)” (<http://blogs.estadao.com.br/ariel-palacios/maradona-e-o-fracasso-que-produz-dinheir/> Access on 22 February 2010)





Introduction

What could one say about a goal in Association football scored with the hands? Since the Laws of the Game were first codified it is very clear that “to deliberately touch the ball with one’s hands”, with the exception of the goalkeeper in the penalty area, is illegal. From a purely formal point of view, there is no doubt about “hand goals”: they do not (and must not) have a place in the practice of Association football. Even more: considering that the prohibition on the use of the hands by all field players and also by goalkeepers outside their penalty areas is fundamental to Association football’s identity, scoring a hand goal is, according to this sport’s economy of values, not only a deviation, but a sort of threat or pathology.

However, such goals do happen. Thierry Henry scored one recently. Its most famous version, which could be regarded as a kind of “cultural trauma” in Alexander’s sense (2002 and 2004) – happened in 1986, in a match between England and Argentina, when Diego Maradona qualified Argentina for the semi-finals of the World Cup in Mexico. This goal’s moral dimension became much more controversial when Maradona justified it under the label of the ‘Hand of God.’ The tragic Argentine hero explained how he scored the first goal of the match: “a bit with the head and a bit with the hand of God.” The discussion about this goal leads to so many passionate debates because it brings in itself the main contradictions of moral life. Would the ‘Hand of God’ be a result of good luck and, therefore, something we must accept as part of the game and, consequently, of life? Or, would it be only the result of deliberate bad faith? In that case, it needs to be punished and condemned if we wish for justice in games as we do in life. Especially regarding Maradona’s attitude, should we consider it as a lack of fair play, an example of an immoral attitude or as a rational action justified by the necessity of winning? Would it be an example of lack of virtue or that the end justifies the means? Would the English team’s supporters feel the same kind of anger if the ‘Hand of God’ had played in their favour?⁶¹ What should the English team (and its supporters) do in

⁶¹ In a DVD collection entitled *The History of Soccer: A Magic Game* (Third Episode: South American Superpowers) there are references to the episode, which we transcribe below with our own description: Maradona (looking very seriously at the camera and with his finger upraised): “Shilton, you think you are the hero, the phenomenon! [Maradona then changes his face and shows an ironic mode]. Shilton, if a ball goes through the line a little bit like this [he shows with his own hands what ‘a bit’ would be], and you hold it without the referee seeing it, would you say to him that was a goal? [Maradona remains silent and stares at the camera with a very serious and challenging look].

the face of that ‘hand of the Devil’⁶²: to claim justice or to accept their fate? Should the development of football be based on an effort to avoid winning by hand goals, or are they inevitable just like misfortune in life?

Despite the fact that hand goals clearly involve a breaking of the rule, attempts at justifying them contain clear moral arguments and ethically defensible positions that become more problematic once we consider their use in everyday social life.

This paper does not aim to solve the moral dispute occasioned by actions like the ‘hand of god’, but concentrates on a much more limited discussion (appealing to far fewer people) in which we strive to reach a proper sociological understanding.⁶³ Indeed, we believe that the ‘Hand of God’ is a paradigmatic event for sociological reasoning. This is not to claim that sociology can give any final answers, but to suggest the opposite, namely that an understanding of the value of ‘hand goals’ can be very important for understanding the limits of sociological reason.

In this way, this paper attempts to reveal the sociological theory of morality which is arguably implicit in Norbert Elias’s figurational or process sociology. It is fundamental to the argument presented here to point out how the civilizing processes also involve changes in moral experience. This argument could be developed by reference to any specific area of figurational sociology, but the effort seems to be easier when we turn to sports figurations because of the possibility of comparing game rules and moral rules. Nevertheless, there is an argument that will be much more difficult to prove; namely that the boundaries of the figurational sociology of morality are the limits of sociology itself. However, once again, we believe that football dilemmas can help our argumentation.

Civilizing Process and Morality

The comparison between game rules and moral rules seems simple. However, what it is at stake is actually the characterization of moral experience itself and an elaboration of the nature and origin of ‘normativity’. In this way, when dealing with the social development of sports, figurational sociology also elaborates a theory of

⁶² In 2008, Tom Wells, writing in the English tabloid *The Sun* (31 January 2008: 14-15), in a report titled “I hold my hands up,” published an alleged repentance by Maradona. After he showed the distortion made by the reporter, the newspaper renamed the event the “hand of the devil” (http://www.elporvenir.com.mx/notas.asp?nota_id=317824. Access on 04 February 2009). In the wake of his alleged excuses *El Clarín* from Buenos Aires published a poll which showed that 66.6% out of 12,426 surveyed Argentines disapproved of Maradona, saying ‘sorry’ to the English. (www.clarin.com/diario/2008/01/31/um/m-01597524.htm . Access on 20 December 2009)

⁶³ For a philosophical discussion of the moral value of hand goals see Torres and Campos (2006).

morality: it indirectly constructs a model of a moral subject. One has to ask: what particular kind of morality is this? Who is this moral subject?

One of the key aspects of the characterization of the developing civilizing process is a change in individuals' "sensitivity". According to Elias:

"(...) In the course of centuries the standard of human behaviour on the same occasion very gradually shifts in a specific direction. We see people at table, we see them going to bed or in hostile clashes. In these and other elementary activities the manner in which individuals behave and feel slowly changes." (Elias, 2004: x)

This change in feelings and behaviour is "a very specific change in the feelings of shame and delicacy." (Elias, 2004: x) People's relations with others, the social expression of their feelings, became a fundamental object for social control, not in a diffuse or dubious way, but as a very strict set of rules:

"[...] The social standard of conduct and sentiment, particularly in some upper-class circles, began to change fairly drastically from the sixteenth century onwards in a particular direction. The ruling of conduct and sentiment became stricter, more differentiated and all embracing, but also more even, more temperate, banishing excesses of self-castigation as well as of self-indulgence." (Elias in Elias & Dunning, 2008: 5)

The rules of etiquette are an important dimension of social life which allows us to understand the course of this historical transformation. However, its sociological scope is broader: it involves a general transformation in our relationships with bodies, the bodies of others as well as our own, and with the specific 'aspects' that are allowed to take part in differing ways in social life. Rules for controlling body sounds and fluids, together with rules of overt behaviour and communication, not only came to provide a set of mundane and superficial rules, but are internalized in a manner in which sensitivity about 'the other' (and 'its' proximity – the very issue of morality) is radically changed. Some behaviours that in past times were not objects of interest started to be considered disgusting. This process led into the establishment of new social prohibitions and the institutionalization of new taboos, setting a new threshold for the feelings of fear, disgust and shame.

The set of activities that we now call 'sports' can reveal more directly the nature of these new moral taboos. As an example, we can think of boxing's history where an increasing sensitivity and control of violence manifested itself in a succession of rule changes: prohibition of using the legs and feet; wearing gloves, eventually padding; the

division of fighters by weight categories and the delimitation of size and shape of the battle field. Even if an ethos of the imitation of battle remains in sports (Elias in Elias & Dunning, 2008: 9), the main feature of these ‘mock battles’, the one which differentiates them most from ancient and medieval practices, is the attempt at minimizing violence. Thus, “most types of sport embody an element of competition. They are contests involving bodily strength or skills of a non-military type” (Elias in Elias & Dunning, 2008: 3), but the rules were developed in order to minimize violence and to reduce physical aggression. It was in this sense that Elias showed the existence of some degree of affinity between the parliamentary form of government and what he called sportgames (Elias in Elias & Dunning, 2008: 11).

A historical perspective allows us to have a more adequate understanding of the nature and degree of transformation in patterns of sensitivity that was involved. If we think of a sport that is today considered to be violent, for example, wrestling, and if we compare it with the struggles which happened in ancient times, we can see how the change in sensitivity captured by the idea of ‘civilization’ has occurred. In the struggles of the pankration in ancient Greece, for example, the whole body was used (feet, elbows, knees, neck and head), and in the Spartan version a pankratiast could also use his teeth.

“(…) The pankratiasts were allowed to gouge one another’s eyes out... they were also allowed to trip their opponents, lay hold of their feet, noses and ears, dislocate their fingers and arms and apply strangle-holds. If one man succeeded in throwing the other, he was entitled to sit on him and beat him about the head, face and ears; he could also kick him and trample on him. It goes without saying that the contestants in this brutal contest sometimes received the most fearful wounds and that not infrequently men were killed!” (Mezoe quoted by Elias in Elias & Dunning, 2008: 117)

Our sensitivity towards violence has now changed to such a degree that a spectacle like this could hardly be tolerated nowadays. Even wrestling has a number of limitations such as the prohibition of traumatic blows, sticking fingers in the eyes of an opponent, pinching, slashing eyes, nose, mouth and ears, pulling hair and biting.⁶⁴ One also has to consider the fact that these fights happen in delimited time and place, in the presence of referees whose acts are guaranteed and controlled by rules and institutions. In the case of football, figurational sociology has demonstrated how the versions practised today differ greatly from the ball games of the Middle Ages, such as, for

⁶⁴ Source: <http://luta.livresubmission.com.br/?fx=pagina1>. Access on 18 September 2009.

example, Cornish hurling which was played in an open field or across country (Elias and Dunning, 2008: 183-186). The game was held in the space between two or more villages without any restriction as to numbers of players and without much differentiation between them. The following description in early modern English provides a good idea of the changes that have historically occurred:

“(...) When they meet, there is neyther comparing of numbers, nor matching of men: but a silver ball is cast up, and that company, which can catch, and cary it by force, or sleight, to their place assigned, gaineth the ball and victory. Whosoever getteth seizure of this ball, findeth himself generally pursued by the adverse party; neither will they leave, till (without all respects) he be layd flat on Gods deare earth”. (Carew quoted by Elias and Dunning, 2008: 185)

Through this description it is possible to understand why collective games were considered dangerous by the authorities for so long. In 1314, King Edward II attempted to ban ball games in London based on the ‘evils’ they use to arouse. The ball came often to be regarded, because of the fury and passion involved in its dispute, as an object possessed by an evil spirit. In the same description of hurling cited above, the chronicler questions the value of the practice.

“For as on the one side it makes their bodies strong, hard, and nimble, and puts courage into their hearts, to meete an enemie in the face: so on the other part, it is accompanied with many dangers, some of which do ever fall to the players share. For profe whereof, when the hurling is ended, you shall see them retying home, as from a pitched bataille, with bloody pates, bones broken, and out of joynt, and such bruises as serve to shorten their daies (...)” (Carew quoted by Elias and Dunning, 2008: 185-186)

It is our view that what figurational sociologists call ‘a transformation of sensitivity’ may well also be described as a transformation of morality. If we take a particular conception of morality, especially one of an emotivist type, changes in the threshold of shame, fear and disgust are the basis for the establishment of moral experience. From the standpoint of moral or ethical theory, this particular line of reasoning leads into a lot of questioning and difficulties just like any emotivist theory would have to confront, for example, the more continental type of moral philosophy. However, what it is being expressed here is not a consideration of ‘civilizing process’ as the development of morality in itself, but a much more simple argument: that what Elias called the ‘civilizing process’ can be regarded as particular type of moral theory. In other words, to understand the establishment of patterns of sociability that we call

‘civilized’ implies a discussion of social changing standards of morality. Below, we discuss some problems of this particular conception or what the dilemmas of a figurational sociology of morality are. Before that, it is necessary to emphasize that the great contribution made by Elias was to demonstrate how simple habits (for example, the use of forks) may be related to a complex transformation of social and moral relations.

From the perspective of morality as a concern with the ‘correct’ life, the importance of figurational sociology is to demonstrate how small social actions, especially those that seem natural or idiosyncratic, are actually part of a set of values that guides social dynamics. In this case, sports are another example of how this transformation took place. In fact, “games are small scale figurations where we can observe fundamental aspects of social life” (Giulianotti, 2004: 147) through which it is possible to realize the falsity of the dichotomy between individual and society and its genuine interdependence (see Elias and Dunning, 1966 and 2008). From practices that involved an extreme amount of violence (according to our ‘civilized’ standards) both among those who “played” as well as among those watching, from situations that could extend to death, sports were transformed into situations marked by written rules, pre-determined and controlled behaviour, where the suffering and cruelty must to a large extent be avoided.

The understanding of the civilizing process as a moral process still requires two important qualifications. First, it is important to note that the term “civilized” does not have, for Norbert Elias, a value in itself, but is simply a term that has a meaning only in a comparative sense.⁶⁵ On referring to the thresholds of control and repression of certain acts, what is being presented is not a transformation of the species, but simply a pattern of organising the actions of groups of individuals and one which can therefore be reversed.

Secondly, Elias did not consider the civilizing process as a development of more equitable social relations or a process of moralization (nor would sociology be up to making such judgments), but as the development of “a double morality, a split and contradictory consciousness formation.” (Elias in Elias & Dunning, 2008: 114) The breach or contradiction of this morality lies in the fact that the control of and the

⁶⁵ “One cannot say in any absolute sense: we are ‘civilised’, they are ‘uncivilised’. But one can say with great confidence: ‘the standards of conduct and feeling of society A are more, those of society B, less civilised’, provided one has worked out a clear and precise developmental gauge.” (Elias in Elias & Dunning, 2008: 125)

repulsion from violence within a social group is not established in an equivalent way in the relationships between groups. The barriers and self-control that must be erected against violence within a group are constantly confronted by opposite demands due to conflicts, wars, etc. In other words, the moral rule which applies to the 'us' is not equivalent to rules that must be used for the 'other'. This idea is clarified when one considers the relationship between the old and new residents of Winston Parva (Elias & Scotson, 1994) where the standards of moral recognition that organize and maintain internally the first group are not used in relations with the "other". The organization of social life between two groups: the "us" and the "others" in that particular case also establishes the creation of two standards of justification and moral regulation.⁶⁶ This split, which exists in several figurations, becomes explicit in the sports world with the opposed interests that characterizes any game and its development: the the desire or need to win, the ideas of shame, honour and sacrifice, and the experience of supporting a team or group.

The 'Hand of God'

Figurational sociology denaturalizes our understanding of experience and lays down the basic premise of sociology: that reality is socially constructed. Regarding the study of sports, one has to emphasize their importance not only because of the place they occupy in society today, but mainly for the way they changed sociological approach displacing an implicit hierarchy of activities within the social life. If there is an interest in understanding social life, figurational sociology has showed that, just like work, family and gender, for example, leisure is a fundamental part of social organization. This 'break' in a supposed hierarchy intrinsic to the spheres of social life (common in Classical Sociology) led to a fundamental methodological and epistemological rupture within the discipline.

Nevertheless, our study has a much more restricted focus: it is concerned with the relationship between game rules and moral rules. In a specific way, the question we have to answer is: what can sociological reasoning tell us about the morality of hand goals? With this question in mind, we have listed some sociological considerations or interpretations which could be directed at the 'Hand of God.' But before we proceed to

⁶⁶ We assume as a presupposition two ideas about the argument advanced in *The Established and Outsiders* (Elias & Scotson, 1994): (1) The development of power relations as presented in the community studied is also the building of a morality, and (2) the imbalance between the two groups shows a sociological version of the theme of the Hegelian dialectic between master and servant.

a specific discussion of this goal, it is necessary to contextualize football relations between Argentina and England at the time it occurred. Indeed, on situating the relationship between these two countries, we confirm the idea that the match in which the 'Hand of God' occurred was a moral event. And we take a step forward to note that this football confrontation did not become a moral event 'accidentally' but amid a clash of values or of different evaluative traditions or cultures.

Argentina vs. England in Football Before the 'Hand of God'

It is almost unnecessary to remember that there was a great rivalry between Argentina and England in the football world, which, according to Dave Bowler's assessment (1998), influenced the occurrence of Maradona's 'Hand of God.'

Let us remind ourselves that, until the Second World War, England refused on several occasions to participate in the World Cup organized by FIFA. The reason for this refusal was simple: in addition to inventing Association football or 'soccer', the English considered themselves as being, not only the inventors of the game but also as the best footballers in the world. As such, they did not accept the idea of playing in this tournament with other nations. However, they did decide to participate in the 1950 World Cup in Brazil and the result was disastrous. England were eliminated in the first phase, including a historic defeat by the United States. Among England's players then was Alfred Ramsey, manager of the future World Cup winning side in 1966.

According to his biographer (Bowler, 1998), Ramsey developed a very negative attitude towards Latin American players, particularly the ones from Uruguay and Argentina. According to him, the behaviour of players from these two countries hurt the spirit of the game, the spirit of fair play itself. Even more, he also believed that while the English played in a 'virile' and 'manly' way, nothing could compare to the cunning of the Uruguayans and Argentines.

The performance of the England team in the 1950 World Cup showed that this country was completely alienated from football developments both in continental Europe and Latin America. From then on, the English football authorities seek to play more matches against continental and Latin America sides.

In 1964, as a preparation for the 1966 World Cup Finals which were due to take place in England, Alfred Ramsey took the team to a tournament in Rio de Janeiro. During the competition, despite appreciating their beautiful technique, Ramsey's

negative conception of the Argentines was further strengthened because of what he regarded as their lack of loyalty.

The next football clash between England and Argentina occurred in the quarter finals of the 1966 World Cup. According to various assessments, it was an extremely hard match which was marked by violence. To illustrate this, it is enough to realize that Antonio Rattín, the Argentine squad captain and leader, was sent off in the first half. After being sent off, he spent about 20 minutes discussing with the German referee Rudolf Kreitlein and after passing by a small “Union Jack” in one corner of the field, he tore it down in a clear expression of dissatisfaction with what had happened “and sat down on the Queen’s red carpet” (Fernández Moores, n/d: 4). His explanation was that he did not understand what the referee had said. This led FIFA to introduce the yellow and red card system to symbolize this kind of warning to players from the 1970 World Cup onwards.

The sports writer, Hugh McIlvanney, defined the game “as not so much a football match as an international incident” (Quoted by Bowler, 1998: 210). And Gordon Banks, the famous goalkeeper of that England squad – and also of the one in the 1970 World Cup – refers in his autobiography to the violence committed by the Argentinians, who ended up being warned by FIFA about their bad behaviour, with the following words:

“The game was only minutes old when Alan Ball was cynically felled by Silvio Marzolini. The referee, Rudolf Kreitlein of West Germany, took no action except to award a free kick. The tone of the match had been set. We took the game to Argentina, a signal for the body-checking and cynical fouls to gather momentum as the Argentines resorted to all manner of thuggery to keep us at bay [...] Herr Kreitlein was rapidly filling his notebook with Argentinian names and ten minutes before half time decided that the ‘unofficial referee’, the Argentine skipper, Antonio Rattin, who had disputed every booking, had to go.” (Banks, 2003: 256)

Even more, because of his allegedly negative experience playing against Argentina and other Latin American countries, Ramsey referred to Argentinian players as “animals”.⁶⁷ The result was a diplomatic incident: the British ambassador in Argentina was mistreated by fans and needed police protection (Bowler, 1998: 214).

⁶⁷ It is worth quoting a letter to the Editor published by *The Times* immediately after that match: “From Lord Lovat. Sir, - May I suggest that before England’s manager, Mr. Alfred Ramsey, publicly insults a small but friendly nation represented by a visiting football team, he might remember that, quite apart from Latin temperament, language difficulties and the different way a game is played in South America, his own side were penalized no less than 33 times against the 19 fouls perpetrated by Argentina.” (*The Times*, 26 July 1966)

Another result arising from this, according to Bowler (1998: 213), was the following:

“He [Ramsey] felt he’d suffered one way or another at the hands of the South Americans and their different attitudes since 1948 [...] though he had no idea that his use of the word ‘animals’ would be so provocative, having ramifications down the next four years [in the 1970 World Cup in Mexico] as a continent united against him (twenty years on, for Argentines, the ‘Hand of God’ seemed revenge for ’66. Would even Maradona have used such spurious justification against any other team?).”

In short, the context of football relations between Argentina and England can be understood as a conflict of traditions or a conflict between ‘imagined communities’ (Anderson, 2003). The following considerations develop the idea of a moral dispute between communities to aid in understanding the ‘Hand of God.’ If one wants to understand sociologically the moral nature of this goal, we must bear in mind this historical background and how each side taking part perceived that they had a legitimate grievance, together with the resentment that it caused. One obvious argument against this historical perspective might state that passion should not be allowed to interfere with the game rules. Immediately, this attempt to displace the problem takes us into the most radical moral dilemma, such as that experienced by Antigone between following the civil law or her heart. However, if philosophy might choose from one of these positions, sociology is only concerned to reveal them.

Fair Play

The ‘Hand of God’ goal itself was very simple:

“Five minutes into the second half, and with no goals scored, Robson’s [the England manager] worst fears were confirmed. Maradona launched an attack on the English defence, beating a couple of players, before losing the move in a failed pass to Valdano. In the ensuing confusion near the English goal, Steve Hodge hooked the ball over his head, meaning it for Shilton. By then Maradona was set to recover what he had lost moments earlier, and rose to meet Shilton. The clash involved bodies and hands, some more legitimate than others. Into the net went the ball. Maradona was euphoric, racing without waiting for a verdict, to celebrate with his team mates. Shilton and the rest of the English team appealed immediately for hand ball. The English goalkeeper was so sickened by the decision that he ran out of his area signalling the infringement. It was the first time the normally cool-headed Shilton had displayed such public emotion. The linesman and the

referee agreed it was a goal. For Maradona that was all that mattered.”
(Burns, 2002: 159-160)

By analysing the long controversy over the ‘Hand of God’ and the fact that Argentineans themselves are not unanimous about the value of winning with such goal, it is possible to say that the idea of *fair play* has become universal. The extent of this debate cannot be credited only to the World’s Cup magnitude and to media importance. It is obvious that any situation occurring in a World Cup match tends to be more discussed than regular matches. However, in this particular case, it was not the World Cup that dramatized the hand goal, but just the opposite. The way that goal dramatized the World Cup in Mexico is closely linked to the fact, not obvious, that football must be played within the parameters of justice. This figuration and its requirement for fairness (which is specific, historical and situated) can now be understood by almost all individuals on earth. If political thought in ‘Late Capitalism’ involves a great debate about the terms and the possibility of a transnationally applicable justice, in that particular World Cup this problem was posed at a much more advanced level. In this particular case, differently from politics, there is an agreement about the fairness of the rules. The strong frustration emerged together with the tragic recognition of inherent game/life problems: the option of lying; promises that are not kept: a missed opportunity to establish justice. So we have an important aspect for the questioning of the moral rules: even if morality were something related to particular cultures, the phenomenon of sportisation not only spreads the understanding of a specific moral basis (the *fair play* that emerged from a specifically English historical figuration), but also establishes, although unintentionally, a universal standard. If, on the one hand, there is a difficulty in speaking sociologically of universal values, on the other hand, we are dealing with values that have become universal through a historical net of social processes, an ongoing debate on the notion of fairness/goodness that does not sound strange to individuals from very different cultural backgrounds.

The Falklands or Malvinas?

According to Elias, it is clear that the levels of violence between states interfere in attempts to decrease the level of violence within any given state. From this point of view, another dimension affecting the match is the war between England and Argentina over the Falklands/Malvinas Islands. In this particular aspect, we have to recognize

football's extremely civilized and civilizing character. Powerful collective emotions organising both nations' identity were allowed to be solved without physical violence.

Burns affirms that before the match the diplomacies of the two countries were busy:

“Behind-the-scenes talks between the British and Argentine ambassadors, and a phone call to Bilardo from the Argentine President Raul Alfonsín resulted in the Argentine coach agreeing with his English counterpart Bobby Robson to depoliticize the game.” (Burns, 2002: 157-158)

Maradona himself, when pressed by John Carlin, from *The Times*, answered: “Look, mate, I play football. About politics I know nothing.” (Burns, 2002: 157)

If playing game organizes a manageable mimetic world, a little microcosm where meanings are reworked, it is really hard to avoid the fact that a certain ‘real world’ sense of life affects this mimetic world. Thus, the Argentines did not enter the field as mere football players; they were also responsible for healing the continuous wounds caused to the Argentinean identity. Revenge could not be accomplished through physical violence, but football enabled the symbolic and anthropological accomplishment of sacrifice. (See Mauss & Hubert, 1981) In fact, at the end and unexpectedly, what was sacrificed in that match was Argentinean football which, being even more beautiful and joyful than the English game, now became suspect.⁶⁸ Argentinean football was sacrificed in the name of national identity. Sacrificing a joyful kind of football meets the ritual logic of sacrifice perfectly: the ritual's efficiency demands the purest and perfect exemplar to be taken to the altar. Thus, thinking from a radically sociological point of view, and within the logic of dispute between two communities, Maradona's act might not be considered immoral. Once we observe the facts from perspective of the the community's moral organization, the sacrifice becomes necessary for its own continuity. Following this moral economy underlying the conflicts between different worlds (communities), Maradona just did what had to be done in order to repay the evil that had been inflicted on his community in the past.⁶⁹

Maradona: a Gentleman

⁶⁸ We recognize the sociological problem of this statement.

⁶⁹ In the documentary on DVD already mentioned, Jorge Valdano stated the following: “In Argentina, the illegal (malo) goal was more celebrated than the legitimate (bueno) goal, because it was against the English, and they seemed to deserve it.”

We cannot say that the infraction committed by Maradona was in itself civilized. However, if we put it in the perspective of the historical development of ball games, we can think of the ‘Hand of God’ episode as actually being a genuine symbol of civilization. Taking as an example the history of games and the level of violence that was tolerated in them, what was the ‘Hand of God’? Whereas in early twentieth century football it was not extraordinary for a leg to be broken during match, the indignation caused by Maradona’s attitude reveals how football has internalized standards of control and *fair play*. The act itself was a simple touch, not seen by the referee because of Maradona’s own subtlety. Ali Ben Nasser, from Tunisia, the man who refereed the match, said the following:

“As far as I am concerned, I officiated perfectly. At that time there was no specialization and the linesmen were themselves referees, we were changing roles. Before the Cup debut, there was a meeting at which it was made clear that if the linesman was in a better position than the referee he had to make the case. If you watch the match, you will realize that one of the linesmen (it was the Bulgarian Bogdan Dotchev) was better located. I hesitated, but when I saw that he was running to the center, I allowed the goal. I was obliged to follow Fifa’s advice [...] I called Fifa’s interpreter and I asked my assistant Dotshev, who spoke neither French nor English, whether he was sure that there had been no Maradona’s hand. He said no, he was convinced, he said categorically that the goal was perfectly legal... I know Maradona said it had been the Hand of God and you know how the players are, there are things that happen and that enter into history. I saw the photo, I saw everything, but in the match I did not see anything. But again, I refereed well, even the commissioner of FIFA, who was a Scot, he congratulated me and I scored with 9.3 points [...] I am sure that my responsibility was limited in that goal.”

<http://www.todoslosmundiales.com.ar/mundiales/1986mexico/historias/0028-la-mano-de-dios-version-arbitral.htm>. Access on 20 December 2009)

The failure of other actors involved also contributed to the act being translated into an advantage. If one stresses the traditional sociological perspective, Maradona’s culpability is reduced: he alone could not orchestrate all those positions that together gave him an advantage; each player contributed to that result. It would be misleading, especially considering the constant Eliasian admonitions that there is no pure freedom or individual without society, to confer on a single player all responsibility for an action that is social (See also Collins, 2004). Thus, when saying that the hand goal is civilized, we are not affirming that it is good and fair, but only that it is an advantage gained without violence or coercion and permitted by other actors’ (failure to) act (which is sociologically valid and normal). In this sense, Maradona behaved during the match as a

gentleman by establishing, despite his personal feelings, a pattern of non-violent action and respect for the referee.

Maradona himself described the moments which preceded the match and his feelings regarding his goals as follows:

“... Before the match with England, we all declared that football had nothing to do with the Malvinas war. Lie! We did nothing but think about it, fucking it was going to be just another game! Our skin was all in the pain because of all the kids who had been killed like little birds over there. I played this game thinking of the Malvinas. Sentimentally, I blamed each of the English players for what had happened. I know that it sounds crazy, absurd, but that was, really, what we felt. It was stronger than us: we were defending our flag, the dead kids, the survivors. So my goal was of such a transcendent importance. In fact, they both had, they both had that feeling. The first was how to put the hand into an Englishman’s pocket and get a wallet which was not his. The second covered everything ... And this was revenge, it was recuperating something from the Malvinas”

(<http://www.todoslosmundiales.com.ar/mundiales/1986mexico/historias/0027-con-la-mano-y-la-zurda-de-dios-argentina-ingreso-al-paraiso.htm>. Access on 20 December 2009)

He further added: “It was a totally legitimate goal, because the referee allowed it. And I am not the one who is going to doubt the referee’s honesty.”

(<http://www.todoslosmundiales.com.ar/mundiales/1986mexico/historias/0028-la-mano-de-dios-version-arbitral.htm>. Access on 20 December 2009)⁷⁰

If this were a dispute among honoured gentlemen taking place many years ago and in which there was no film camera, it could be an insult to distrust Maradona’s goal.⁷¹

Maradona 1, Sociology 0

For the development of our argument, it is necessary that, at some point earlier, the reader started experiencing changes in her/his threshold of anger or contempt. As moral subjects, we agree on some general ideas and want them to be confirmed and the above argument frustrated this assumption as the hand goal was not condemned. One might question our analysis by asking: How does sociology deal with the fact that football fans’ feel that victory is not the only thing that matters? The most fundamental

⁷⁰ Of course, we realise Maradona’s irony. Therefore, we are not accepting his words *prima facie*.

⁷¹ Eric Dunning reminded us that “you should look at the late 19th century Corinthians who, when the modern penalty rule was introduced, used to kick the ball wide, because, they argued, no gentleman would commit a foul deliberately.” (Personal message.)

question about the goal scored with the 'Hand of God' is whether it is right or wrong. And given that it is wrong, a crucial question should be asked: which person, in the same situation, would have acted differently from Maradona? We have to think of an honoured enough football player to tell the truth and deliberately miss a decisive World Cup goal. If only a few would do this, how can we charge Maradona? The fact that very few would act differently would not give validity to Maradona's action? That is what Maradona wants to demonstrate when he challenges Shilton in the documentary (passage already quoted above).

More recently, when Maradona was appointed as the new manager of Argentina, his very first match was against Scotland at Hampden Park. On hearing that Terry Butcher – the assistant manager to the Scotland team who played against him in Mexico 1986 – was not willing to shake hands with him, Maradona put forward the same argument, but this time with a concrete example as reported in *The Guardian*:

“I can reply [...] that when England won the World Cup, it was with a goal that everybody could see never crossed the line,” he said. As he held his hands two feet apart to indicate the distance between the bounce of Geoff Hurst's shot and the goal line at Wembley in 1966, the Scottish and Argentinian media contingents convulsed with laughter.”

<http://www.guardian.co.uk/football/2008/nov/19/diego-maradona-argentina-scotland-football>. Access on 21 February 2010)

However, following the spirit of football and its rules, the answer to the questions we put forward above is very simple. The same can be stated in terms of the game's moral logic: the 'Hand of God' goal is dishonest, and it insults the very foundation of the game. If there is a spirit (in the Hegelian sense) in football, a hand goal is its reification. If football is considered to be an expressive action (again in the Hegelian sense), then a hand goal alienates all players from football's meaning. If we use the situation or the difficulties of acting otherwise in order to justify Maradona's attitude, we use a case-by-case pattern that opposes morality's very nature. How can one judge every situation, every moment, without general patterns? From this perspective, we believe that game rules are like moral rules and, therefore, need to be universalizing. Otherwise there is no (non-violent) basis for conflict resolution.

In our analysis, we attempted to demonstrate how the sense of right or wrong, just and unjust, seems to have no place in sociology. Even if we are able to understand how justice standards spread, we cannot say in a sociologically informed way that such

a pattern is 'really just' or that it is 'good in itself'. Different historical periods will have different standards for understanding and judging the same action. Despite the fact that the understanding of the rules of football is widespread, and despite the possibilities found by actors for comparing football and life more generally, it does not entail the possibility of us accepting its universality or the validity of its rules as an example of justice. From a sociological standpoint, we can see that in football, as well as in other sports, other ways of judging particular actions have been developing.

When Maradona attributed his hand goal to God, he defined precisely the nature of those values that sociology cannot understand: that is, those which refer to transcendental structures. We do not believe this to be a particular problem of figurational sociology. However, this approach shows very well the dilemmas that arise when this kind of value is not thematized. This is not to claim that sociology should incorporate into its body the problem of the transcendental, but it is important to realize that there is a dimension of social experience (moral sentiments) that needs to be better understood within the discipline.

From a sociological point of view, there is a theoretical model of equalization between game rules and moral rules which interprets them and transforms them into rules of coercion. But the attachment of individuals to moral rules has a more extensive character than the internalization of fear or embarrassment, and therefore cannot be understood simply as a relationship with the socially accepted conventions. The *meaning* that animates the revolt against a hand goal or admiration in the face of displays of *fair play* is, from the standpoint of moral philosophy, completely different from other social conventions. However, even if sociology cannot fully incorporate this dimension at risk of contradicting its own epistemological basis, it is necessary to recognize how these moral meanings play a role that is different from the agency of social actors.

Final

In this paper we have sought, through an interpretation of the hand goal scored by Maradona in the 1986 World Cup in Mexico, to discuss the relationship between game rules and moral rules in figurational sociology. We have tried to show how the idea of a civilizing process contributes not only to the understanding of sports, but also provides the foundation for a sociological understanding of morality. We hope we have made it clear that the most fundamental answer about the nature of the goal scored with

the 'Hand of God' cannot be given on the basis of sociological knowledge. Our purpose is not to choose between a sociological or philosophical perspective, but just to demonstrate how the second one has a 'meaning' experienced by actors that can be thematized by sociological analysis.

Bibliography

- ADORNO, Theodor W. (2000), *Problems of Moral Philosophy*, Cambridge: Polity Press
- ADORNO, Theodor W. (2005), *Minima Moralia: Reflections from Damaged Life*, London: Verso.
- ALEXANDER, Jeffrey (2001), "Towards a Sociology of Evil", In Maria Pía Lara (ed) *Rethinking Evil: Contemporary Perspectives*, Los Angeles and Berkeley: University of California Press, pp. 153-72.
- ALEXANDER, Jeffrey (2002), "On the Social Construction of Moral Universals: the 'Holocaust' from War Crime to Trauma Drama", *European Journal of Social Theory*, 5, 1: 5-82.
- ALEXANDER, Jeffrey (2004), "Toward a Theory of Cultural Trauma", In Jeffrey Alexander et al., *Cultural Trauma and Collective Identity*, Los Angeles and Berkeley: University of California Press, pp.1-30.
- ANDERSON, Benedict (2003). *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*, Revised Edition, London and New York: Verso.
- ARCHETTI, Eduardo P. (1997), "The Moralities of Argentinian Football", in S. Howell (ed.), *The Ethnography of Moralities*, London and New York: Routledge.
- _____. (2003), "Playing Football and Dancing Tango: Embodying Argentina in Movement, Style and Identity", in N. Dyck & E. P. Archetti (eds.), *Sport, Dance and Embodied Identities*, Oxford and New York: Berg.
- BANKS, Gordon (2003), *Banksy: my Autobiography*, London: Penguin.
- BOLTANSKI, Luc & Laurent THÉVENOT, L. (2006), *On Justification: Economies of Worth*, Princeton: Princeton University Press.
- BOWLER, Dave (1998), *Winning Isn't Everything...: a Biography of Sir Alfred Ramsey*, London: Orion.
- COLLINS, Randall (2004), *Interaction Ritual Chains*, Princeton and Oxford: Princeton University Press.
- DUNNING, Eric (1996), "On Problems of the Emotions in Sport and Leisure: Critical and Counter-Critical Comments on the Conventional and Figurational Sociologies of Sport and Leisure", *Leisure Studies*, 15, 3: 185-207.
- DUNNING, Eric (1997), "Sport in the Quest for Excitement: Norbert Elias's Contributions to the Sociology of Sport", *Group Analysis*, 30, 4: 477-487.
- DUNNING, Eric (1999), [*Sport Matters: Sociological Studies of Sport, Violence and Civilisation*](#), London: Routledge.
- DUNNING, Eric (2004), "Sociology of Sport in the Balance: Critical Reflections on Some Recent and More Enduring Trends", *Sport in Society*, 7, 1: 1-24.
- DUNNING, Eric, Dominic MALCOLM & Ivan WADDINGTON (eds.) (2004), *Sport Histories: Figurational Studies of the Development of Modern Sports*, London and New York: Routledge.

- DUNNING, Eric & Graham CURRY (2004), "Public Schools, Status Rivalry and the Development of Football", in Eric Dunning, Dominic Malcolm & Ivan Waddington (eds.), *Sport Histories: Figurational Studies of the Development of Modern Sports*, London and New York: Routledge.
- DURKHEIM, Émile (1953), *Sociology and Philosophy*, London, Cohen & West.
- ELIAS, Norbert (1984), [*What is Sociology?*](#), New York: Columbia University Press.
- ELIAS, Norbert (1987), *Involvement and Detachment*, Oxford: Blackwell.
- ELIAS, Norbert (1991), *The Society of Individuals*, Cambridge, Mass.: Blackwell.
- ELIAS, Norbert (1998), *The Norbert Elias Reader: a Biographical Selection*, Oxford: Blackwell Publishers.
- ELIAS, Norbert (2004), *The Civilizing Process*, Oxford: Blackwell.
- ELIAS, Norbert (2009), "Figuration", in *Essays III: on Sociology and the Humanities*, Dublin: University College Dublin Press.
- ELIAS, Norbert & Eric DUNNING (1966), "Dynamics of Group Sports with Special Reference to Football". *British Journal of Sociology*, 17, 4: 388-402.
- ELIAS, Norbert & Eric Dunning (2008), *Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilising Process*, Dublin: University College Dublin Press.
- ELIAS, Norbert & John SCOTSON (1994), *The Established and the Outsiders*. London: Sage.
- FERNÁNDEZ MOORES, Ezequiel (n/d), "Hand of God or God Knows?", (www.playthegame.org/uploads/media/Ezequiel Moores - The hand of God.pdf. Access on 21 February 2010)
- GIULIANOTTI, Richard (org.) (2004), *Sport and Modern Social Theorists*, Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- GOODGER, John M. & Brian C. GOODGER (1989), "Excitement and Representation: Toward a Sociological Explanation of the Significance of Sport in Modern Society", *Quest*, 41, 3: 257-272.
- KALLSCHEUER, Otto (1995), "And Who is my Neighbor?: Moral Sentiments, Proximity, Humanity", *Social Research*, 62, 1: 99-127.
- KEW, Francis (1992), "Game-Rules and Social Theory", *International Review for the Sociology of Sport*, 27, 4: 293-307.
- KING, Anthony (2000), "Football Fandom and Post-National Identity in the New Europe", *British Journal of Sociology*, 51, 3: 419-442.
- KORSGAARD, Christine M. (1996), *The Sources of Normativity*, Cambridge and New York: Cambridge University Press.
- MACINTYRE, Alasdair (1997), [*After Virtue: a Study in Moral Theory*](#), London: Gerald Duckworth & Co Ltd.
- MAUSS, Marcel & HUBERT, Henri (1981), *Sacrifice: Its Nature and Function*, Chicago: University of Chicago Press.
- PERRYMAN, Mark (1997), *Philosophy Football: Eleven Great Thinkers Play it Deep*, London: Penguin.
- ROBSON, Bobby (with Bob Harris) (1991), *Against the Odds: an Autobiography*, London: Stanley Paul.
- SHEARD, Kenneth G. (1997), "Aspects of Boxing in the Western 'Civilizing Process'", *International Review for the Sociology of Sport*, 32, 1: 31-57.
- SHERIDAN, Heather (2003), "Conceptualizing 'Fair Play': a Review of the Literature", *European Physical Education Review*, 9, 2: 163-184.
- SMART, Barry (2003), "Sociology, Morality and Ethics: on Being with Others", In George Ritzer & Barry SMART (orgs), *Handbook of Social Theory*, London: Sage.

TESTER, Keith (1994), *Media Culture, and Morality*, London and New York: Routledge.
TESTER, Keith (1997), *Moral Culture*, London and Thousand Oaks: Sage
TORRES, Cesar R. & Daniel G. CAMPOS (orgs) (2006), *La Pelota no Dobla? Ensayos Filosóficos en Torno al Fútbol*, Buenos Ayres: Libros de Zorzal.
TURNER, Bryan (2003), “Warrior Charisma and the Spiritualization of Violence”, *Body & Society*, 9, 4: 93-108.

DVDs

- 1) [History of Football – the Beautiful Game](#) (7 DVDs)
Fremantle Home Entertainment, 2004.
- 2) Emir Kusturica – Maradona – Optimum Home.



ANEXOS

**RELATÓRIOS FINAIS DE BOLSA PIBIC/FUNDAJ/CNPQ
RAFAEL CESAR DE LIMA CAMAROTE
JÚLIO DE OLIVEIRA CARVALHO
(ORIENTADOR: TÚLIO VELHO BARRETO)...**



1. IDENTIFICAÇÃO

Nome do Orientador: Túlio Augusto Velho Barreto de Araújo

Nome do bolsista: Júlio de Oliveira Carvalho

Área/Sub-área do projeto: Sociologia / Sociologia dos Esportes

Título do Projeto: Construção social da normatividade e modos de justificação no debate sobre tecnologias de monitoramento

Título do subprojeto: Futebol e Moralidade: a relação entre futebol, vida e ‘fortuna’

2. RESUMO DO RELATÓRIO

O presente trabalho tem como principal objetivo compreender, através da Sociologia da Moralidade, os diferentes modos de justificação dos diversos atores sociais do mundo futebolístico acerca do grande debate travado diante do uso ou não das tecnologias de monitoramento. Analisamos, aqui, então, três distintas posições; a primeira seria a defesa do uso das tecnologias, sob o ponto de vista da afirmação que o esporte não mudaria na sua dinâmica total com a sua inclusão; a segunda seria o seu uso parcial, os principais argumentos usados são direcionados para o uso das tecnologias apenas em lances capitais de uma partida de futebol; e a terceira, trata-se da negação do uso, a partir de uma perspectiva de que a inclusão do auxílio externo nos jogos afetaria o sentido principal do esporte e que a graça do mesmo seria extinta ou parcialmente anulada. A partir dessas três posições, analisamos fatores que fazem relação direta com a vida, onde cada grupo/pessoa coordena recursos normativos para afirmar suas posições diante do mundo futebolístico e que se entrelaçam com a vida cotidiana de modo geral.

3. SUMÁRIO

4. INTRODUÇÃO...3

4.1 A SOCIOLOGIA DA MORALIDADE E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA OS ESTUDOS SOBRE OS DESPORTOS, EM GERAL, E O FUTEBOL, EM PARTICULAR...4

5. OBJETIVOS...7

6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS...7

6.1 ENTREVISTAS DE CUNHO QUALITATIVO COM OS ATORES DIRETAMENTE ENVOLVIDOS COM O MUNDO DE FUTEBOL

6.2 O “CASO BARCOS” NA PERSPECTIVA DOS ATORES SOCIAIS NA INTERNET

7. RESULTADOS E DISCUSSÃO...10

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS...16

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS...17

4. INTRODUÇÃO

De uma maneira geral, no âmbito da Sociologia, os estudos sobre os esportes, mesmo que isso ocorra hoje em menor intensidade, ainda sofre com certo tipo de preconceito por parte daqueles que, na maioria das vezes, entendem o futebol (já que o esporte aqui estudado) apenas como 22 indivíduos correndo atrás de uma bola. O sociólogo alemão Norbert Elias, juntamente com o sociólogo inglês Eric Dunning, conseguiu dar consistência a uma teoria sociológica dos desportos. Analisando todo o desenvolvimento e o percurso desse esporte que, ainda hoje, é considerado o mais popular do mundo, indicou que, a partir de um menor uso da violência entre os povos, que muito deve, segundo ele, à evolução do parlamento inglês, já que este seria um dos primeiros sistemas organizados através de votação e discussão entre indivíduos que não prezava o uso intensivo da violência para atingir demandas da democracia inglesa, os desportos passaram por mudanças drásticas no que se diz respeito ao controle das emoções e da rigidez das regras.

E, em relação à relevância dos estudos sobre o futebol mais especificamente, Elias e Dunning afirmam:

Percebeu-nos que os jogos-desportos em geral, e o futebol em particular, podiam construir um ponto de partida útil para a construção de modelos de dinâmica de pequenos grupos que fossem, de algum modo, diferentes dos que dispúnhamos no quadro das atuais teorias de pequenos grupos (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 280).

É a partir do que os autores acima pensaram que podemos indicar o futebol não apenas como uma atividade social ou um esporte qualquer, onde 11 jogam contra 11 e onde não se possa encontrar um problema de relevância sociológica, mas, sim, um campo fértil para o estudo de pequenos grupos e, conseqüentemente, da dinâmica dos atores sociais envolvidos num jogo – e isso também pode ultrapassar o âmbito do futebol e perpassar por outros esportes, em particular, e a sociedade, em geral.

Elias e Dunning (1992, p. 283) indicam que a popularização dos desportos se deu com a padronização de regras e com a busca pelo equilíbrio de tensões neles envolvidas. No passado, os esportes em geral eram perigosos e muito violentos e com a introdução e padronização das regras a quantidade de atletas e praticantes lesionados diminuiu bastante, tornando, então, a sua prática mais agradável e popular.

Na evolução do esporte aqui problematizado, é notável a sua evolução nos mais diversos aspectos, sobretudo no que diz respeito à introdução e adoção de novas

tecnologias. Por exemplo, podemos citar a mudança dos materiais esportivos de uma maneira geral (bolas, chuteiras, camisas), na parte fisiológica (clínicas de recuperação, medicamentos específicos para determinados tipos de contusão), nas estruturas dos lugares onde são disputadas as partidas de futebol (estádios, vestiários), e por fim na parte econômica/profissional dos atletas, onde eles se profissionalizaram e também os clubes se profissionalizaram. Mas, diante de todas essas mudanças, nenhuma possível mudança causa tanto debate no mundo do futebol como o uso ou não de tecnologias de monitoramento, ou seja, recursos que podem interferir nas decisões dos árbitros durante uma partida de futebol. Sendo assim, é perceptível que o uso das tecnologias de monitoramento adquire um debate peculiar, já que as questões morais sobre o uso ou não-uso entram em jogo e suscitam grandes polêmicas em suas discussões.

4.1 A SOCIOLOGIA DA MORALIDADE E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA OS ESTUDOS SOBRE OS DESPORTOS, EM GERAL, E O FUTEBOL, EM PARTICULAR

O debate sobre o uso de tecnologias de monitoramento no futebol é bastante amplo, mas é possível dizer que grande parte do debate é suscitado por aqueles lances onde existe um questionamento da decisão do árbitro devido à impossibilidade de se afirmar de forma imediata se a bola cruzou ou não a linha de gol, por exemplo. Para o desenvolvimento de uma discussão sobre a experiência moral no futebol é importante refletir acerca desses casos tendo em mente a ideia de formação de uma “comunidade” e é justamente nisso que o presente trabalho tentou focar, numa fração de uma determinada “comunidade comum” a um desporto, no nosso caso, o futebol.

Voltando ao caso do esporte em si, podemos então afirmar, baseado em Elias e Dunning (1992), aliás, como já ressaltamos na introdução, que a popularização do desporto se deu com a padronização de regras e com o equilíbrio de tensões. Com isso, os esportes deixaram de ser uma prática perigosa e violenta e, portanto, rejeitada pela sociedade, e mais indivíduos passaram a praticá-los e mais interessados em acompanhá-los. Observando e analisando a construção da justificação dos atores sociais no âmbito da comunidade do mundo do futebol, acima citada, que a Sociologia da Moralidade, na perspectiva adotada por Boltanski e Thévenot (2006), tem muito a contribuir com a teoria sociológica de uma maneira mais ampla.

De fato, no decorrer da evolução do futebol, as regras mudaram de acordo com sua própria dinâmica. Por vezes mudou-se a regra do impedimento, por exemplo⁷². Nesse caso, podemos apontar que, uma das muitas causas da mudança das regras, está relacionada à Copa do Mundo de 1990, que aconteceu na Itália, em que houve uma baixa acentuada da quantidade de gols e, conseqüentemente, um baixo nível de interesse do público. Tais fatos fizeram com que a FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*), entidade que rege as atividades futebolísticas no mundo, alterasse a regra para que o futebol voltasse a ser interessante aos adeptos.

Mas, no caso de alterações de regras como essa, o debate nunca foi tão fervoroso quanto aquele suscitado sobre a introdução das tecnologias de monitoramento, já que existem várias posições que defendem o seu uso de uma maneira ampla, os que a defendem parcialmente e os que condenam qualquer uso (MORAIS & BARRETO, 2008). Nesse particular, não cabe fazer juízo de valor diante dos variados pontos de vista que os diversos atores sociais expressam. Mas, em especial, observar e analisar a justificativa utilizada por eles, ou seja, os seus argumentos para defender uma ou outra posição moral.

A Sociologia da Moralidade tem como papel investigar as mais diversas posições e analisá-las de acordo com o contexto de cada indivíduo. Entender, então, que a moralidade é algo intrínseco a qualquer ator social, e que a posição que cada um toma diante de uma determinada situação, torna-o singular e plural ao mesmo tempo. Por um lado, a experiência de cada indivíduo faz com que ele guie todos os seus argumentos diante de acontecimentos e fatos que ocorreram durante o percurso da sua vida. Por outro lado, os diferentes argumentos também são guiados por experiências compartilhadas em conjunto com outras pessoas, a partir da noção de comunidade e da homogeneização contínua da sociedade ocidental, a partir da qual podemos observar aspectos globalizantes que afirmariam essa universalização (BRITO, 2009)

BAUMAN (1997) acredita que, nos últimos tempos, as pessoas, a partir de uma ética pós-moderna, moldam suas práticas éticas e morais dentro de um padrão que

⁷² A regra do impedimento é a regra de número 11 e é considerada uma das mais complexas de todas as 17 que regem o futebol. É, igualmente, a regra que mais sofreu alterações até hoje, em particular porque sua aplicação tem muita relação com a dinâmica do jogo. De modo resumido, para que um determinado jogador esteja em impedimento, e, por isso, seu time seja punido com uma infração, são necessárias que duas condições sejam observadas simultaneamente: o jogador precisa estar em posição de impedimento, ou seja, entre ele e a linha de fundo é necessário que tenha, pelo menos, um jogador adversário, quando a bola for lançada em sua direção, ou interferir na jogada em curso. (MORAIS e BARRETO, 2011)

legítima suas ações. Pode-se dizer, então, que os debates sobre o uso de tecnologias de monitoramento adquiriram um significado especial nos últimos anos. Podemos citar alguns, como por exemplo, a forte inclinação da sociedade em legitimar valores que relacionam coisas que são ditas como justas, boas, melhores, do que é certo etc.

Assim, o campo dos esportes é um terreno fértil para a Sociologia da Moralidade pelo simples fato das regras serem iguais para todos em uma partida de futebol ou mesmo em uma luta de boxe, o que não impede que, mesmo assim, de alguma forma, regras sejam quebradas e a discussão em torno de tais fatos atinja dimensões que vão além do âmbito desportivo. Foi o que ocorreu, por exemplo, com o gol assinalado de mão pelo jogador argentino Maradona na Copa do Mundo de 1986, que aconteceu no México, quando o debate atingiu públicos e sociedades que ultrapassavam o campo futebolístico. (ver Figura 1).

Figura 1: “La mano de Dios”



Fonte: <http://www.taringa.net/posts/deportes/2250121/Post-para-el-gol-de-la-mano-de-dios.html>

Morais, Barreto & Brito (2009) afirmam que esse gol adquiriu uma conotação de vingança, já que a Argentina estava em guerra com a Inglaterra pelas Ilhas Malvinas, e, assim, tomou um caráter simbólico, já que os jogadores argentinos não poderiam, evidentemente, entrar armados nem fazer uso da violência física para “vingar” o seu país. Então o gol de Maradona, que ele próprio afirmou ter sido feito com “la mano de Dios” foi concebido por várias pessoas, sobretudo por seus conterrâneos, como algo “divino”, algo que, naquele momento, significava que a justiça teria sido feita, mesmo

que isso implicasse na quebra do *fair play*, o tão britânico e propalado “jogo limpo”. Para muitos, até hoje o gol é considerado como um lance genial, e dos mais marcantes e discutidos, da história do futebol.

Por outro lado, observe-se que, em geral, na vida cotidiana, as regras são mais elásticas, portanto, mais vulneráveis a rompimento e quebras de protocolos. Logo, podemos imaginar que atos como esses alcançam status de normatividade na quebra de valores éticos, ou seja, ações contrárias a leis gerais de um determinado segmento de uma sociedade (e mais especificamente ocidental) cada vez mais adquirem teor de normalidade e acaso.

Para uma abordagem ampla da Sociologia da Moralidade, Boltanski, 2002 acredita que se faz necessária a observação dos mais variados mundos e da mobilização que os atores fazem para justificar suas ações. Podemos então fazer o recorte para o problema aqui pesquisado, quando temos como objetivo analisar as posições dos mais variados atores diante da aprovação ou não do uso das tecnologias de monitoramento. Por assim dizer, é de extrema importância, a análise da posição que cada ator ocupa dentro do campo futebolístico a partir dos objetivos definidos no subprojeto a que se refere este relatório final explicitados em seguida.

5. OBJETIVOS (geral e específicos)

5.1 Objetivos Gerais do Projeto

- Investigar e analisar a construção social da experiência moral em grupos distintos do campo futebolístico.

5.2 Objetivos Específicos do Projeto

- Mapear as posições de (1) jogadores e técnicos, (2) juízes, (3) jornalistas esportivos e (4) torcedores com relação a suas percepções morais do jogo;
- Identificar como cada um dos quatro grupos elabora (i) a relação entre fortuna e futebol e (ii) entre futebol e vida; Estabelecer relações entre as necessidades pragmáticas de cada grupo e sua posição com relação ao uso de tecnologias de monitoramento; Analisar a relação existente entre a posição dos indivíduos no campo futebolístico (interesse pragmático) e tipo de utilização de argumentos e recursos normativos; Apresentar as aproximações e diferenças na

forma como os quatro grupos estudados elaboram as noções de adequação, correção e justiça;

5.3 Objetivo Geral do Subprojeto

- Mapear as posições de (1) jogadores e técnicos, (2) juízes, (3) jornalistas esportivos e (4) torcedores com relação a suas percepções morais do jogo.

5.4 Objetivos Específicos do Subprojeto

- Identificar como cada um dos quatro grupos elabora (i) a relação entre fortuna e futebol e (ii) entre futebol e vida; e Estabelecer relações entre as necessidades pragmáticas de cada grupo e sua posição com relação ao uso de tecnologias de monitoramento;

6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Inicialmente, a pesquisa se utilizaria das técnicas de grupo focal. Devido a uma enorme dificuldade de se entrar em contato com os atores para a realização das entrevistas em grupo, o corpo da pesquisa (bolsistas e orientador) decidiu mudar a forma da coleta de dados, partindo então para as entrevistas direcionadas a um único ator por entrevistas e a levantamento de argumentos e justificações nas redes sociais.

6.1 ENTREVISTAS DE CUNHO QUALITATIVO COM OS ATORES DIRETAMENTE ENVOLVIDOS COM O MUNDO DE FUTEBOL

As entrevistas tiveram um caráter qualitativo, de cunho presencial e foram gravadas em áudio (MP3, MP4 e Celular) e vídeo (câmera semi-profissional e com um tripé fixado ao chão), A partir de entrevistas, que não tiveram perguntas muito fixas, mas, sim, a partir de um roteiro, levamos em consideração a experiência ética/moral/profissional de cada ator envolvido. Ao todo foram realizadas quatro entrevistas, todas com uma média de 50 minutos cada uma.

A primeira entrevistada foi realizada com um árbitro pernambucano do quadro da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), e foi realizada na casa do mesmo, localizada no bairro de Jardim Atlântico, no município de Olinda/PE; a segunda foi de um jornalista e editor de revista esportiva, realizada na Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), no bairro de Casa Forte, na Cidade do Recife; a terceira entrevista foi realizada com um ex-árbitro da FIFA e, atualmente, comentarista de arbitragem de TV, e foi realizada na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), também na cidade de Recife; e a quarta foi com um jornalista e radialista pernambucano, realizada na empresa em que ele trabalha, no centro do Recife. Todas as entrevistas foram transcritas pelos bolsistas da pesquisa, como também foram analisadas e revisadas inúmeras vezes para que o problema geral e específico da pesquisa fossem compreendidos, e as mais diversas posições dos atores entrevistados fossem realmente analisadas à luz da Sociologia da Moralidade.

6.2 O “CASO BARCOS” NA PERSPECTIVA DOS ATORES NA INTERNET

Durante os trabalhos da pesquisa, ocorreu um fato relevante, e que, de imediato, foi diretamente relacionado ao problema investigado. E foi justamente em uma partida de futebol, que os participantes do projeto de pesquisa tiveram o *insight* para incluir o acontecimento nas análises de dados e dos mais diversos discursos resultantes das polêmicas que ele suscitou. O caso ocorreu na cidade de Porto Alegre (RS), no estádio Beira-Rio, no dia 27 de outubro de 2012, durante uma partida entre Internacional (RS) e Palmeiras (SP) pelo Campeonato Brasileiro.

Na partida em questão, o então atacante do Palmeiras o jogador argentino Hernán Barcos, em um escanteio batido pelo time palmeirense, fez um gol de mão, que, inicialmente, foi validado pelo árbitro principal da partida Francisco Carlos Nascimento, para, em seguida, após muita confusão em campo, ser invalidado. Todo o lance teve grande repercussão pelo fato de que, supostamente, os árbitros dentro e fora do campo tiveram uma ajuda externa, isto é, teria havido ajuda da tecnologia e o uso do *replay* teria influenciado diretamente para a invalidação do gol. Ocorre que, supostamente, um repórter de uma emissora de televisão avisou ao delegado da partida sobre o toque de mão do atacante palmeirense. Assim, depois de seis minutos de discussão dentro do gramado, o gol foi invalidado.

Tal fato chamou atenção de todos os envolvidos no processo de investigação acerca do debate da introdução ou não das tecnologias de monitoramento nas partidas de futebol. Sobretudo, porque, ao passar dos anos, vem ganhando corpo a crescente corrente que apoia de uma vez por todas o seu uso. (ver Figura 2)

Figura 2: Gol de mão de Barcos



Fonte:

<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/2012/10/barcos-sobre-gol-anulado-sofri-penalti-antes-de-tocar-com-mao.html>

A partir desse fato decidimos fazer um minucioso levantamento na Internet dos principais argumentos utilizados pelos jornalistas, jogadores e técnicos de futebol e torcedores. Fazendo, então, um mapeamento de 11 sites de grande relevância no cenário esportivo nacional. As opiniões desses atores serviram de grande ajuda para somar com as entrevistas feitas durante a pesquisa. E, no caso do “caso Barcos”, fizemos, então, um levantamento dos argumentos usados por eles em relação a: (1) à noção de fortuna/sorte; (2) à justificação acerca do uso de tecnologia de monitoramento, fazendo assim uma relação direta entre a ideia de justiça e adequação ao uso das tecnologias ou não; e (3) à ideia de valor para cada tipo de atuação dos atores em questão: jornalistas, técnicos e jogadores e torcedores.

7. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Morais e Barreto (2008) já indicaram três distintas posições perante o debate sobre o uso ou não de tecnologias de monitoramento. A primeira abordada aqui é

favorável ao uso das tecnologias de monitoramento. Percebemos, no decorrer da pesquisa, uma corrente crescente de atores que baseiam as suas posições na noção de racionalização dos esportes, ou seja, questões como sorte, que até então fazia parte da “magia” das suas práticas, vem sendo cada vez mais condenada. Um jornalista entrevistado resume bem tal argumento:

Eu vejo mais a questão de competência... Em alguns momentos, em alguns jogos você não vai ter competência. Você vai ter que chutar 30 bolas no gol e não vai ter sorte, a felicidade de fazer ou sorte de fazer. Pode até ser. Mas acho que e a questão sorte ela está muito mais ligada à competência, da equipe ser competente. E aí entra a questão do trabalho e de você ter planejamento. Muita gente coloca: "Ah, não existe planejamento no futebol". Tem que ter planejamento no futebol, desde o momento em que você começa uma temporada, vai montar um time (Fonte: entrevista de pesquisa)

A noção de destino dos profissionais que atuam dentro de campo, foi bastante citada nas entrevistas realizadas durante a pesquisa. E é a partir da premissa de alguns atores investigados que podemos afirmar que a crescente universalização das sociedades, de modo geral, influencia diretamente em uma espécie de “princípio superior comum”, citado por Werneck (2012), onde a eficiência das ações - bem comum na sociedade capitalista – e as oportunidades “iguais” para todos se tornam relevantes diante dos argumentos até então usado. O mesmo Jornalista conclui:

Ele [o futebol] já hoje é um grande negócio, um grande negócio. Deixou de ser aquela coisa apaixonante, para ser um grande negócio. Mas para ele se transformar numa coisa comercial, na hora que ele quiser adotar todas essas tecnologias, a televisão vai ter que acompanhar, e por ser o grande responsável financeiro pelo futebol, pelo menos no Brasil, hoje é a televisão que comanda. Com seus valores até certos pontos absurdos. Mas ela vai ter que se adaptar [ao uso de tecnologias que impliquem na mudança do ritmo e do tempo do jogo]

Foi perceptível que durante as entrevistas um mesmo ator, em sua fala, usava os mais variados argumentos sobre a validade de introduzir ou não tecnologias de monitoramento, assim como, aliás, ocorre na maioria dos ramos da vida. Em relação à fortuna/sorte especificamente, um árbitro de futebol, que mesmo não aprovando o uso mais geral de tecnologias, mas somente a introdução do *chip* na bola, cita que o fator sorte ainda conta bastante para contribuir para o êxito do seu trabalho dentro de campo. Nas palavras dele:

Às vezes você está mal posicionado, mas aconteceu o lance e você tem aquele *feeling*, você tem aquela certeza, você apita, mas você não tem os 100% [de certeza]. Então, você teve a sorte de marcar [correto], por quê?

Porque você tem aquela experiência, apesar de você estar mal posicionado. Às vezes está bem posicionado, está em cima do lance, mas você... interpretou que não foi [uma jogada irregular]. Você vai ver na televisão e, "poxa, me ferrei!" Está entendendo? Então, a gente tem que ter um pouco de sorte para isso [apitar certo]. (Fonte: Entrevista de pesquisa)

A visão positiva da sorte, de modo geral, nas entrevistas que realizamos, sempre vinha atrelado a uma construção "romântica" do jogo em si, a célebre frase "o vídeo tape é burro" do jornalista, escritor e dramaturgo Nelson Rodrigues reflete bem isso. Um jornalista, citando várias personalidades que viveram uma época áurea do futebol, refere-se ao jogador argentino Maradona e resume bem essa posição "romântica":

Essas pessoas [como Nelson Rodrigues] elas viam o futebol como poesia, certo? Via como um teatro. Existe ator maior no futebol do que era o Maradona? Não é? Então, era um futebol diferente, e era um futebol onde ainda não tinha essa evolução tecnológica, certo? Era um futebol onde havia mais espaço e tempo. Então, você pegava a bola, matava no peito, pensava até poder ele [o adversário] chegar, certo? (Fonte: Entrevista de pesquisa)

De modo não surpreendente, os dois árbitros de futebol que entrevistamos, condenaram o uso das tecnologias de monitoramento. E a explicação baseada na racionalização da profissão se torna parecida com as dos jogadores de futebol que Morais e Barreto (2008) entrevistaram em seu artigo, onde o erro não teria vez. No caso dos árbitros especificamente, a minimização dos erros perpassa justamente pela profissionalização da sua função dentro do campo de futebol. Um árbitro entrevistado, por exemplo, relacionou aspectos que melhorariam o seu trabalho dentro do jogo e defendeu que os fazem parte do cotidiano do ser humano:

[Deve-se] conviver com o erro, porque o erro é inerente ao ser humano, certo? Então, devemos aprender a conviver com a limitação humana, não é? E mudar a educação, certo? Tanto de dirigentes, como de todas as pessoas que, de maneira geral, estão envolvidas no contexto do futebol. Quando você muda a educação, você muda a sua postura de agir. Então, você não vê isso [pressão sobre os árbitros, quando erram, por parte da mídia, dos dirigentes, técnicos e jogadores] na Europa, certo? Vamos supor assim: você vai apitar lá na Alemanha, certo? O time que vai jogar a partida que você vai apitar manda lhe apanhar no aeroporto, levar para o hotel, hotel 5 estrelas, certo? Dá todas as condições para você desempenhar um bom trabalho, certo? A coisa é feita de maneira profissional [e não causa discussão] (Fonte: Entrevista de pesquisa).

Pois bem, o erro que faz parte da vida do ser humano, e que também faz parte dos desportos, de maneira geral, pode ser relacionado a aspectos da vida cotidiana,

onde erros e acertos andam lado a lado. E onde desacertos de uma parte prejudica de alguma forma outra.

Um exemplo bastante citado durante as entrevistas aponta na adoção parcial das tecnologias de monitoramento, como por exemplo, a introdução do *chip* na bola, que de certa forma não influenciariam diretamente da dinâmica do jogo em si, ou seja, não seria preciso parar o jogo para pedir o auxílio do vídeo tape e/ou *replay* para tirar dúvidas quanto ao fato da bola ter ultrapassado ou não a linha do gol. Nesse caso é aceito que o sentido do jogo não mudaria, já que a dúvida partiria de um lance já consumado (se foi gol ou não) e que uma injustiça seria evitada. Em relação ao acontecimento maior do futebol (o gol) e a correção de algo que prejudicaria uma das partes, outro árbitro afirma o seguinte:

Professor, eu vou lhe falar o que eu já falei outras vezes. Eu sou de acordo somente em uma coisa no futebol, tá? O *chip* ou o sensor na linha do gol, pois o que decide a partida é o quê? O gol! Certo? A regra diz: o que decide uma partida é o gol. (Fonte: Entrevista de pesquisa)

Na contemporaneidade, um dos problemas mais enfrentado no dia-a-dia é de origem ética, então, logo existe um grande debate sobre o que seria ético e o que seria próprio da vida humana. De forma geral, dentro da Sociológica da Moralidade, acredita-se que os indivíduos têm como princípio básico agir a partir de uma regra geral do que seria moral ou não, em outros termos, de valores comuns a uma comunidade específica que fazem parte do *self* de qualquer indivíduo (BRITO, 2009).

A última forma de justificação observada no âmbito da pesquisa foi a corrente que não aprova o uso de tecnologias de monitoramento de forma alguma. Mesmo com a sua crescente diminuição, tal posição ainda tem relevância no campo futebolístico. Diante dessa linha de opinião, a FIFA ainda sofre com os “resistentes” ao uso de câmeras e afins dentro do campo de jogo. Um árbitro, para além da possível extinção de sua atividade profissional, ainda nos fala sobre o sentido do jogo em si, da sua emoção e da perda da “graça” do futebol com a adoção de tecnologias de monitoramento no futebol.

O futebol é um jogo de interpretação. Então, tem um árbitro ali. Mas o futebol é polêmica... No outro dia [após o jogo], está a imprensa, estão os torcedores, nos bairros, dos grandes times [debatendo]. Se começar a colocar câmeras, monitor, para ver se foi falta na área, se foi pênalti... Que a bola bateu ali, se foi dentro ou fora! Se foi gol ou não! Então, vai acabar a polêmica do futebol, vai acabar a hegemonia do futebol [diante dos outros esportes], vai acabar a graça do futebol. (Fonte: Entrevista de pesquisa)

Como foi dito acima, a maioria dos adeptos dessa corrente, prega uma visão “romântica” do esporte, citando sempre fatos “inesquecíveis” e/ou atletas e equipes que marcaram uma época. Ainda o mesmo jornalista citado acima, refere-se à própria dinâmica do futebol que mudou em alguns aspectos e continuou o mesmo em outros:

Então, você pegava a bola, matava no peito, pensava até ele [o adversário] chegar, certo? Ele corria a sessenta [quilômetros por hora], hoje a turma corre a cento e vinte, não é? Então, é uma forma de ver [o jogo] bem mais pura, bem mais... Agora o conceito do futebol sempre foi o mesmo, certo? É futebol coletivo, não é?

Em relação ao “caso Barcos”, através do levantamento feito na internet, foi possível perceber diferenças entre os discursos dos atores que entrevistamos pessoalmente e dos atores que pesquisamos virtualmente. Por exemplo, no sentido oposto à visão que chamamos de “romântica”, um comentarista e ex-jogador de futebol comenta o seguinte:

Uma malandragem que eu acho que tem que ser condenada é (...) o Barcos. Eu venho elogiando ele. Acho que é um dos melhores centroavantes que tem no Campeonato Brasileiro, mas quis tirar proveito de uma malandragem e é isso que tem que ser combatido no Campeonato Brasileiro. Não tem mais espaço para esse tipo de jogada. O exemplo está lá na Europa. Isso já aconteceu com o Klose num jogo entre Napoli e Lazio. O Klose fez o gol com a mão, os jogadores do Napoli foram pressioná-lo dizendo que o toque foi realmente de mão, ele pediu desculpas foi até o árbitro e falou: “tem razão, eu pus a mão na bola”. Então, gol anulado! O Barcos tentou fazer a mesma coisa, só não teve a hombridade que teve o Klose, foi malandro e quis enganar a arbitragem.

(Fonte: (<http://www.youtube.com/watch?v=07GxF8RDSRg>; acessado em 13/11/2012)

É fato que ele desvia a atenção de toda a problemática do lance em si (no caso em questão, da interferência externa na anulação do gol do atleta) e parte para a justificção de uma ação que normalmente acontece em qualquer partida, ou seja, a atitude do jogador e não a quebra das regras foram colocadas em xeque. Talvez a necessidade de afirmação diante de algumas situações seja parte do ser como um todo. No nosso caso aqui, cabe-nos indicar a mudança de opiniões que todos temos perante algumas situações e deveres, e não apontar para que determinado estrato social ele desejava se afirmar ou subordinar.

Continuando com o caso acima, outro ponto de vista foi encontrado. Com efeito, o jornalista a seguir coloca à frente da questão toda, fatores que legitimam as ações de qualquer cidadão, que seria o uso e obediência às leis. Segundo o comentarista em tela:

Eu acho que a gente vive num Estado de Direito constituído e a lei deve ser seguida, nós elegemos os políticos que fazem as leis, certo? [...] E nesse caso ficou claro, claro, que o juiz tinha dado gol – um erro enorme dele. O auxiliar também. E alguém, alguém soprou no ouvido do árbitro reserva que o gol tinha sido [feito] com a mão, logo a lei [foi] descumprida. E tendo sido descumprida, eu acho que o Palmeiras tem todo direito e o dever de recorrer.

(Fonte:<http://sportv.globo.com/site/programas/redacao-sportv/noticia/2012/11/para-dacio-campos-barcos-nao-foi-inteligente-ao-fazer-gol-com-mao.html>).

No “caso Barcos”, de maneira geral, o foco muda para questões práticas do que veio a acontecer durante e depois do lance. Por um lado, vários atores sociais envolvidos condenaram a ação do jogador argentino e, por outro lado, outros justificaram e apoiaram a equipe do Palmeiras em recorrer judicialmente. Por exemplo, um internauta afirma o seguinte sobre o mesmo fato, corroborando a afirmação do comentarista citado acima, deslocando, igualmente, a questão do debate moral e ético para o campo da justiça:

O problema é que existem, sim, várias câmeras espalhadas pelo campo, mas por ironia nenhuma delas podem ser usadas para se decidir um lance como foi feito. O Palmeiras não está no seu direito moral de reclamar do gol irregular, mas está, sim, no seu direito legal de reclamar pela sua anulação.

(Fonte:<http://sportv.globo.com/site/programas/redacao-sportv/noticia/2012/11/para-dacio-campos-barcos-nao-foi-inteligente-ao-fazer-gol-com-mao.html>)

O *fair play*, que desde a evolução dos esportes é usado como um valor transcendental aos indivíduos (BRITO, MORAIS & BARRETO, 2011), é algo que guiaria o sentido maior dos esportes (ELIAS & DUNNING, 1992). E no caso do jogador argentino, e pelo ponto de vista da maioria dos atores que justificaram suas opiniões, o seu uso (do *fair play*) foi quebrado. Talvez isso explique a mudança de foco durante todas as discussões sobre o ocorrido, o uso ou não das tecnologias de monitoramento pouco foi citado nos comentários e quando foi exposta alguma opinião a respeito de seu uso nas partidas de futebol, os argumentos se assemelham aos dos nossos entrevistados.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem muitas dificuldades para teorizar a justificção moral dos mais diversos atores sociais dentro da Sociologia. Já que os mesmos as mudam de acordo com suas expectativas e processos sociais que giram tem torno da sua vida cotidiana. O futebol é um amplo campo de problematização da sociedade, servindo, então, de valiosa ajuda para a compreensão dos grandes grupos sociais.

Aqui, o objetivo foi o de investigar, tendo como base a análise os diferentes argumentos usados por diferentes atores sociais envolvidos com o mundo ou o campo do futebol, tendo como cenário o debate que, com o passar dos anos, vem ganhando destaque na mídia e nas rodas de conversas dos fãs do futebol.

Por um lado, o crescente número de pessoas que aprovam o uso de tecnologias se baseia em argumento de racionalização das ações dos indivíduos, que é uma causa própria do sistema capitalista vigente, onde os níveis de perfeição são buscados a qualquer custo. A valorização do trabalho, e de que um ano inteiro de dedicação a uma competição não pode ser manchado com um erro de arbitragem vem à tona diante do aumento da visibilidade destes erros (a partir do aumento do número de câmeras nos estádios de futebol) e da culpabilidade quase que exclusiva que a mídia impõe nos árbitros de futebol.

O meio termo, no qual as justificções baseiam-se na introdução das tecnologias de monitoramento em casos excepcionais, como o caso do *chip* na bola, os atores indicam que a sua implementação reduziria injustiças provocadas pela dúvida do gol, já que o gol é o momento capital de uma partida de futebol. E por último, a corrente que não aceita a introdução das tecnologias de monitoramento, que as condenam pelo fato de que a “magia” do futebol acabaria, pois, a dúvida, os erros e a discussão pós-jogo entre os fãs fazem parte da dinâmica total do esporte. A partir disso, uma visão antiga do mundo da bola, uma visão “romântica”, iria servir, como nos coloca Werneck (2012), de “desculpa” para justificar a não inclusão do auxílio da tecnologia de monitoramento nas partidas de futebol.

Já no caso do jogador Barcos, que hoje joga no Grêmio de Porto Alegre/RS, o desvio das atenções, por parte daqueles que comentaram e justificaram suas opiniões sobre o caso, se deu ao fato de que uma parcela considerável não parece levar o debate para a provável interferência externa que teria influenciado a decisão do árbitro em invalidar o gol, após tê-lo validado. O debate a nível macro se deu a respeito da

péssima situação que a equipe do Palmeiras, questão que não foi explorada aqui porque não guarda relação alguma com os objetivos deste trabalho, se encontrava, e não a suposta injustiça e quebra de regras que aconteceu na partida. Por outro lado, se deu também a partir do julgamento de uma atitude, recorrente nas partidas de futebol, de um único ator, que, no caso, foi o ex-atacante palmeirense.

Muito se tem a contribuir para a afirmação dos estudos sobre a Sociologia do Futebol e da Sociologia da Moralidade. A crescente importância dos esportes e as suas consequências no mundo contemporâneo tendem a atingir os mais diversos tipos de práticas esportivas, como também, outros fatores influenciam para a mudança de como os desportos são vistos e encarados nos mais diversos âmbitos da vida em sociedade. Ao analisar, ainda que em uma pesquisa de iniciação científica, as justificações de atores sociais envolvidos com o mundo ou campo futebolístico pretendeu-se mostrar que mesmo estudos baseados em micros grupos sociais têm muito a dizer sobre a sociedade em que vivemos.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. W. *Problems of Moral Philosophy*. Cambridge: Polity Press, 2000
- BARRETO, T.V.; MORAIS, J. V. *Aprendizes de futebol recriam as regras do jogo*. Revista Coletiva, v. 1, p. 1-4, 2010.
- BAUMAN, Z. *Ética Pós-Moderna*. São Paulo: Paulus, 1997.
- BOLTANSKI, L.; THÉVENOT, L. *On justification: economies of worth*. Princeton, Princeton University Press, 2006.
- BRITO, S. M. "*Sociologia da Moralidade: seus fundamentos e limites*. XIV Congresso de Sociologia, (trabalho apresentado no GT: Teoria Sociológica), Rio de Janeiro, 2009
- BRITO, S. M.; MORAIS, J. V.; BARRETO, T.V. Regras do Jogo e Regras Morais. *Anais do XII Simpósio Internacional Processo Civilizador*, p. 10, 2009 (versão impressa).
- BRITO, S. M.; MORAIS, J. V.; BARRETO, T.V. *Regras do Jogo versus Regras Morais: para uma teoria sociológica do 'Fair Play'*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 75, v. 26, p. 133-147, 2011.

- BRITO, S. M.; MORAIS, J. V.; *Entre a Justiça e a “Burrice do Vídeo Tape”*: a construção da moralidade no debate sobre o uso de tecnologias de monitoramento no futebol. Anais do 35º Encontro Anual da Anpocs, p. 25, 2011 (trabalho apresentado no GT 09 – Esporte e Sociedade; versão impressa)
- BOURDIEU, P.. *A juventude é apenas uma palavra*. Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.
- DIAS, CLEBER. *A Sociologia Figuracional e os Estudos do Esporte*. Revista Brasileira de Ciência do Esporte, v. 31, nº 2, 2010.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- FRASSON, A.C; *A configuração “sociedade” numa ótica de Norbert Elias*. In: IV Simpósio Internacional Processo Civilizador, p 107-202, 2001
- LAMONT, M.; THÈVENOT, L. *Rethinking comparative Cultural Sociology. Repertoires of Evaluation in France and the United States*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2000.
- MORAIS, J. V.; BARRETO, T. V. *The Flexibility of Football Rules and the Dynamics of the Game: A Figurational Analysis of The Offside Law*. Soccer and Society, v. 12, p. 212-227, 2011.
- MORAIS, J. V.; BARRETO, T. V. *As Regras do Futebol e o Uso de Tecnologias de Monitoramento*. *Estudos de Sociologia*, v. 14, p. 129-156, 2008.
- SHERIDAN, H. “*Conceptualizing ‘Fair Play’: a Review of the Literature*”, *European Physical Education Review*, v. 9, nº 2, p. 163-184, 2003.
- WERNECK, A. “*A desculpa: as circunstâncias e a moral das relações sociais*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2012.

10. ATIVIDADES PARALELAS DESENVOLVIDAS PELO BOLSISTA

10.1. Participação, como monitor, do I Congresso de Iniciação Científica - COIC e da VIII Jornada de Iniciação Científica – JOIC, ambos organizados e promovidos pela Fundação Joaquim Nabuco, realizada no período de 25 a 27 de setembro de 2012, na sede da Fundaj, em Casa Forte, Recife/Pernambuco.

10.2. Participação como ouvinte no 28º Encontro Nacional de Estudantes de Ciências Sociais – ENECS – Realizado na Universidade Estadual do Ceará (UECE) nos dias 21 a 28 de julho de 2013, na cidade de Fortaleza/Ceará.

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome do Orientador: Túlio Augusto Velho Barreto de Araújo

Nome do bolsista: Rafael Cesar de Lima Camarote

Área/Sub-Área do projeto: Sociologia / Sociologia dos Esportes

Título do Projeto: Construção social da normatividade e modos de justificação no debate sobre tecnologias de monitoramento

Título do subprojeto: Futebol e Moralidade: atores sociais, ‘interesses pragmáticos’ e argumentos

2. RESUMO DO RELATÓRIO

O trabalho tem como ponto central as “tecnologias de monitoramento” e através das diversas opiniões de diferentes atores sociais envolvidos no mundo do futebol sobre esta tecnologia, pretendemos analisar os discursos baseando-se na Sociologia da Moralidade, entendida aqui como os valores referentes a cada ator envolvido e suas argumentações para defender sua opinião sobre determinado tema. É trabalhado de forma mais específica neste projeto as argumentações sobre as categorias de “adequação”, “correção” e “justiça” no futebol. Foram utilizadas entrevistas com alguns atores do futebol com o auxílio de equipamento de áudio e vídeo para análise. No decorrer do trabalho procuramos entender que as opiniões sobre este tipo de tecnologia que cada vez mais entra em discussão no meio futebolístico, se entrelaça com assuntos que ultrapassam as linhas do campo de futebol.

3. SUMÁRIO

Introdução.....	3
Objetivos.....	6
Procedimentos Metodológicos.....	8
Resultados e Discussão.....	9
Considerações Finais.....	15
Referências Bibliográficas.....	16

4. INTRODUÇÃO

Antes de começar a falar mais especificamente sobre o uso de tecnologias de monitoramento no futebol é interessante ressaltar que a relação esporte-tecnologia é cada vez mais recorrente. Podemos ressaltar as tecnologias no futebol em especial como o aprimoramento dos equipamentos no qual os atletas usam, como o uniforme e objetos para a segurança do jogador, e a mudança durante os anos da própria bola, como a diminuição de peso, a utilização de materiais modernos resistentes a infiltração de água. Além da evolução das tecnologias em relação à recuperação física dos atletas, clínicas com equipamentos modernos para a recuperação mais acelerada do jogador.

Focando agora mais para uma definição detalhada do problema estudado na pesquisa, é necessário destrinchar um pouco a idéia da “tecnologia de monitoramento” que basicamente norteia a pesquisa. Estas são tecnologias que árbitros e seus auxiliares teriam a seu dispor para no decorrer do jogo serem usadas para uma melhor análise das jogadas. Alguns tipos de recursos tecnológicos já estão sendo usados no futebol, como o ponto eletrônico, que permite uma comunicação mais rápida e eficaz entre a arbitragem como um todo. Porém, as tecnologias de monitoramento entram na discussão entre os atores envolvidos no esporte, pois poderiam modificar a estrutura do jogo, pois são tecnologias que necessitariam de tempo para seu uso e que, portanto, gera polêmica no meio do futebol. Com uma possível aprovação destas tecnologias, a arbitragem teria acesso a monitores durante o jogo para observar lances do jogo que geraram dúvidas no momento. Algo que já acontece em outros esportes, como no futebol americano, por exemplo.

Após esta breve explicação sobre as tecnologias de monitoramento é necessário explicitar o problema do projeto. A discussão do uso ou não das tecnologias de monitoramento gira em torno das diversas opiniões dos atores envolvidos no futebol (jogadores, técnicos, árbitros e torcedores). Se para uns mostra-se óbvio que o uso de tecnologias de monitoramento é imprescindível para o aprimoramento do futebol como esporte, para outros esta mudança profunda precisa ser mais bem pensada ou até deixada de lado. A partir de uma compreensão sociológica da moralidade a análise deste desacordo mostra como cada ator se utiliza dos recursos normativos para tentar defender

a sua idéia e que estas ideias têm relação direta com a experiência moral e com a construção de valores e organização no modo de justificação de cada ator envolvido.

Vemos em Elias e Dunning (1992), na Introdução do livro "A Busca da Excitação", que é possível ter no esporte um importante objeto de estudo em relação ao controle de emoções, já que mostram uma emergência do esporte intimamente ligada com o desenvolvimento da sociedade global e o abrandamento dos chamados ciclos de violência, onde os conflitos de interesses passaram a ser resolvidos pelo poder governamental e de forma não-violenta, e segundo regras que deveriam ser respeitadas por todos. Regras que, segundo esses autores, que se baseiam na Sociologia Figuracional, é fundamental para a existência de um esporte, caso contrário, seria um simples passatempo. O controle no nível de violência correspondendo a padrões de comportamento mais "civilizados" para Elias e Dunning é um dos fatores que auxiliam na sobrevivência do jogo, fazendo com o que o público e jogadores mantenham o interesse no jogo. Sobre essa questão do processo civilizador "Elias nos lembra o fato de que aos domingos assistimos futebol e não mais a luta dos gladiadores, possuímos hoje uma maior sensibilidade que se sente agredida diante da dor e que tenta repeli-la." (apud BRITO, 2009, p. 10). Característica que marca este processo, um maior reconhecimento por parte dos indivíduos no sofrimento do outro.

Já no capítulo 6 do livro "A Busca da Excitação", os autores observam que, os esportes coletivos, incluindo o futebol, em geral servem para análise da dinâmica de pequenos grupos. Analisam esta dinâmica no jogo de futebol, o agrupamento e reagrupamento dos jogadores no decorrer da partida. A dinâmica é considerada "... fixa em certos aspectos e flexível e variável noutros. É fixa por que, se a fidelidade da combinação dos jogadores relativamente a um conjunto de regras unificadas, o jogo não seria um jogo mas uma 'desordem geral'. É flexível e variável, pois, de outro modo, um jogo seria exatamente como qualquer outro" (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 280-281).

Assim, as relações de grupo, para ter caráter de jogo, é preciso "estabelecer um equilíbrio muito específico entre a rigidez e a flexibilidade das regras" (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 281). A demasia para o rígido ou o flexível em relação às regras prejudicaria o jogo. E citam o exemplo da saída de bola de um início de uma partida de futebol, que, por um lado, há a rigidez da regra já definida e, por outro lado, há a

flexibilidade no sentido de que cada equipe pode posicionar-se de acordo com suas estratégias, tanto com formas mais usuais como também formas pouco utilizadas visando um melhor desempenho da equipe na partida. Estas estratégias são formadas a partir de “regras formais e por convenções, pela experiência de jogos anteriores e, com frequência, pelos próprios planos estratégicos conjugados com as expectativas relativamente à estratégia planeada pelos adversários” (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 281)

Elias e Dunning mostram, ainda, como essa combinação de rigidez e flexibilidade se aplica nas relações humanas, falando da dinâmica que não se refere à configuração da mudança de cada um dos grupos de jogadores, considerados em separado como se cada um tivesse sua dinâmica própria. Aqui ela é entendida como uma relação interdependente e inseparável entre as equipes. A movimentação e o reagrupamento são configurados em resposta as ações do outro grupo. Uma das características dos esportes é a tensão controlada entre, pelo menos, dois subgrupos. E por esse caráter inseparável na dinâmica no jogo configura-se o chamado padrão de jogo que é a dinâmica de um grupo em tensão e esta tensão intrínseca a própria configuração. E a polêmica do uso ou não das tecnologias de monitoramento tem papel fundamental referente à influência que teria nesta tensão do jogo, já que demanda tempo a utilização deste tipo de dispositivo na partida por conta da parada para uma análise mais minuciosa da arbitragem pelo monitor, na medida em, assim, a cada parada os jogadores não estariam realizando o jogo em si.

Outra idéia necessária para entender um pouco mais a pesquisa é o termo *fair play*. A primeira compreensão que se tem deste conceito é o “jogo limpo”. Quem o possui está inserido no “espírito esportivo”, a partir de atitudes realizadas pelos atores para situações em que a regra não pode prever o acontecido. A realização do *fair play* ultrapassa a obrigação das regras, já que o cumprimento destas é algo já definido para que o jogo se realize. A presença do *fair play* garantiria “a prática do esporte como um fim em si mesmo” (BRITO, MORAIS & BARRETO, 2011), evitando assim a instrumentalização do jogo. Segundo Norbert Elias e Eric Dunning (1992), a procura pelo jogo limpo surgiu na Inglaterra por conta das apostas que aconteciam nos esportes. As regras são preocupações frequentes para aqueles que iriam investir no jogo. Sem a

garantia do cumprimento delas, o receio nas apostas estaria muito mais presente. Porém, este fato não determina seu sentido.

Neste contexto, o interesse maior de nossa pesquisa, como se verá nos objetivos expostos a seguir, é relacionar e analisar, a partir da identificação de quem são os atores sociais envolvidos no debate sobre a adoção ou não de tecnologias de monitoramento no futebol, como estes constroem seus argumentos e justificações e quais seus os “interesses pragmáticos” subjacentes ao debate em curso, em especial no que diz respeito às noções de adequação, correção e justiça.

5. OBJETIVOS

5.1 Objetivos Gerais do Projeto

- Investigar e analisar a construção social da experiência moral em grupos distintos do campo futebolístico.

5.2 Objetivos Específicos do Projeto

- Mapear as posições de (1) jogadores e técnicos, (2) juízes, (3) jornalistas esportivos e (4) torcedores com relação a suas percepções morais do jogo;
- Identificar como cada um dos quatro grupos elabora (i) a relação entre fortuna e futebol e (ii) entre futebol e vida;
- Estabelecer relações entre as necessidades pragmáticas de cada grupo e sua posição com relação ao uso de tecnologias de monitoramento;
- Analisar a relação existente entre a posição dos indivíduos no campo futebolístico (interesse pragmático) e tipo de utilização de argumentos e recursos normativos;
- Apresentar as aproximações e diferenças na forma como os quatro grupos estudados elaboram as noções de adequação, correção e justiça;

5.3 Objetivo Geral do Subprojeto

- Investigar e analisar a construção social da experiência moral em grupos distintos do campo futebolístico, como jogadores/técnicos, árbitros, cronistas/jornalistas e torcedores.

5.4 Objetivos Específicos do Subprojeto

- Analisar a relação existente entre a posição do ator social no campo futebolístico (interesse pragmático) e tipo de utilização de argumentos e recursos normativos;
- Apresentar aproximações e diferenças na forma como os quatro grupos estudados elaboram as noções de adequação, correção e justiça;

6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Visando analisar com mais nitidez os valores individuais apontados pelos atores sociais envolvidos no meio do futebol, baseados na experiência moral de cada um, estabelecemos a realização de entrevistas com uma maior pluralidade, para observarmos seus modos de justificação para os assuntos suscitados. Estas entrevistas possuíam um roteiro pré-definido elaborado pelo orientador e colocado em discussão com os dois bolsistas. O roteiro passou por pequenas modificações e a ordem das perguntas feitas durante as entrevistas era mudada dependendo do curso que a mesma ia tomando. Tendo, porém, uma base a ser seguida. Eram realizadas as entrevistas em áudio e vídeo, com a utilização de um mp3 para captar o som e uma câmera cedida pela Fundação Joaquim Nabuco para a captação da imagem. Assim, poderíamos tanto ouvir os argumentos utilizados como também observar as reações e maneiras como o entrevistado reagia a cada pergunta.

A pesquisa foi baseada no método qualitativo e teve sua base nas entrevistas realizadas. Foram feitas quatro entrevistas, todas elas na presença do orientador. A primeira delas foi feita com um árbitro pernambucano do quadro da Confederação

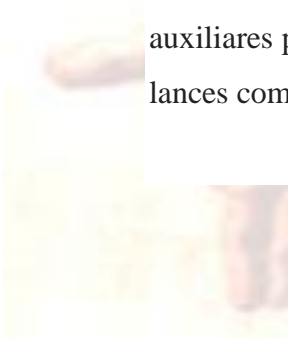
Brasileira de Futebol (CBF), em sua residência, no bairro de Jardim Atlântico/Olinda. A segunda entrevista foi com um jornalista esportivo e editor de revista na área da própria Fundação Joaquim Nabuco, em Casa Forte. A terceira entrevista foi com um ex-árbitro do quadro da Federação Internacional de Futebol (FIFA) e hoje comentarista de arbitragem na TV, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E a quarta foi feita com um colunista esportivo de um jornal local, na redação daquele periódico, no bairro do Recife. A duração média das entrevistas girou em torno de 50 a 60 minutos e ao final de todas as entrevistas abria-se espaço aos bolsistas para alguns questionamentos que poderiam surgir em relação ao tema para o entrevistado. Após as entrevistas serem feitas, ambos os bolsistas trabalharam na realização de transcrições de áudio, com isso, a análise do discurso dos entrevistados seria mais facilmente encontrada para o andamento da pesquisa.

Algo que ocorreu durante a pesquisa que não estava programado foi devido a um lance que tinha relação direta com o tema estudado. A jogada polêmica em questão foi o gol feito de mão pelo jogador argentino Hernán Barcos, que, na ocasião, jogava pela Sociedade Esportiva Palmeiras – SP. O jogo aconteceu no dia 27/10/2012 e era contra o Sport Club Internacional – RS, no estádio do Beira Rio, no Rio Grande do Sul. A discussão foi por conta de uma suposta interferência da que chamamos na pesquisa de “tecnologia de monitoramento”, já que no momento do lance o árbitro Francisco Carlos Nascimento validou o gol. Após alguns segundos, e depois de ter conversado com o quarto árbitro da partida, o árbitro invalidou o gol, alegando que foi ilegal já que foi feito com a mão. Acontecido o fato, fomos à internet procurar discursos e argumentos dos atores em programas de TV, blogs e, inclusive, nos comentários de torcedores em sites esportivos, assim teríamos mais um material para ponderar acerca dos modos de justificação sobre o tema das tecnologias de monitoramento.

7. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Baseado nas entrevistas realizadas com os atores envolvidos no meio futebolístico (jogadores, técnicos, árbitros e torcedores), e tendo por base os textos trabalhados durante este ano na pesquisa, analisamos os argumentos e os tipos de justificção moral identificando diferenças e semelhanças em meio ao discurso e vemos que, em certos momentos, os elementos que são utilizados para validarem suas argumentações ultrapassam os limites das quatro linhas do campo de futebol. Porém, antes é necessário explicar as categorias que são utilizadas na pesquisa. São elas adequação, correção e justiça.

No caso da adequação, temos a situação do indivíduo com o jogo, como o mesmo se relaciona com a partida. Na visão de um árbitro pernambucano, por exemplo, sua opinião sobre o uso de tecnologia se limita a alguns momentos. Sua relação com a “verdade” do jogo aconteceria em lances decisivos da partida, que, para ele, se limita ao lance de gol. Dessa forma, outros lances ficariam a cargo da interpretação de árbitros e auxiliares para a marcação correta ou não. Assim, as polêmicas, discussões sobre alguns lances como um lateral ou um impedimento mal marcado, ainda existiriam no futebol:



Eu sou de acordo com só uma coisa no futebol: o *chip* ou o sensor na linha do gol. O que é que decide uma partida, é o quê? O gol, não é? A regra diz que o que decide uma partida é o gol. [...] O futebol é um jogo de interpretação, tá? É um esporte de interpretação. (Fonte: Entrevista de pesquisa)

Numa outra percepção, desta vez de um jornalista pernambucano, a sua visão de adequação é de aproximação de um trabalho bem-sucedido e o que foi gasto de trabalho realizado e dinheiro desembolsado para sua concretização. Neste caso, o uso de tecnologias de monitoramento teria espaço privilegiado, já que sem o uso de um monitor para uma análise mais minuciosa do lance, a probabilidade de erros aumenta, devido à velocidade do lance e a limitação da visão humana.

O trabalho que se faz com a Copa das Confederações, e olho o lado também de uma seleção, que se prepara, viaja, tem um custo enorme com seus jogadores, tem aquela coisa da estadia e tudo mais. E ela chega para uma competição de ‘tiro curto’, uma Copa do Mundo, e o erro pode ser fatal para todo um trabalho que tenha sido feito. (Fonte: Entrevista de pesquisa)

Na análise destes dois argumentos sobre adequação, podemos notar um distanciamento nos discursos. No primeiro, vemos a opinião de um árbitro, sobre um uso limitado das tecnologias de monitoramento, somente em momentos decisivos da partida, que para o mesmo seria o lance de gol. Justificando que, com a utilização ultrapassando este limite, o número de polêmicas e discussões presentes no esporte iria diminuir, consideravelmente, e isto é algo que alimenta os aficionados pelo futebol. Além disso, ele frisa que o futebol é um esporte de interpretação e que o responsável por esta interpretação durante a partida é o árbitro. Portanto, vemos um argumento que preza pelo meio termo em relação ao uso ou não das tecnologias de monitoramento. Assim, com seu uso restrito, o árbitro ainda teria um papel fundamental na partida, sendo ele o responsável pelo controle do jogo na maioria dos lances da partida.

No segundo argumento, vê-se uma opinião mais racionalizada sobre a relação indivíduo-jogo, sabendo que, com as tecnologias de monitoramento, teoricamente, a quantidade de erros tenderia a diminuir, já que as atitudes não são tomadas no mesmo instante do lance. Assim, quem é favorável às tecnologias de monitoramento “afirma reconhecer e aceitar a natureza da vida com seus altos e baixos, suas glórias e tragédias. Eles não se percebem como ‘sonhadores’ em oposição aos ‘racionalistas’, mas de uma maneira oposta: como pessoas que conseguem encarar que a vida é feita de reveses” (BRITO & MORAIS, 2011, p. 19).

A segunda categoria, “correção”, pode ser entendida, no futebol, a partir do uso de recursos que contribuiriam para minimizar os erros. Nesta categoria, vemos aproximações no discurso, independente da posição que o ator social ocupa no campo futebolístico. Aqui, comentarista esportivo e ex-árbitro de futebol dão ênfase na preparação da arbitragem como um todo, não só o árbitro principal, mas também árbitros auxiliares. Para um comentarista esportivo:

É falha humana mesmo, a velocidade do jogo é muito grande. Nós precisávamos, eu acho, acima de qualquer coisa, profissionalizar a arbitragem. Você... o atleta, ele treina a semana inteira, ele corre, tem preparador físico, tem preparador psicológico, tem tudo. O árbitro não, o árbitro ele é um profissional é..., na maior parte, profissional liberal. Ele precisava também treinar, fazer... estar tão bem condicionado quanto os jogadores. (Fonte: Entrevista de pesquisa)

Na visão do ex- árbitro e hoje comentarista de arbitragem:

E isso [a tecnologia] engloba vários..., é, digamos assim, setores, como a preparação do jogador, é... o corpo técnico da equipe. O corpo médico da equipe e também a questão da arbitragem, que a gente não pode deixar de lado. Apesar de que a evolução no sistema de uso de tecnologia no meu ponto de vista não exige o árbitro de certas posturas tradicionais, como, por exemplo, o sistema de diagonal, saber correr em campo, saber a distância que ele tem que manter do jogador [...]. De maneira geral, o árbitro não se prepara para a partida, ele quer saber quanto vai ganhar e está pensando sempre na partida subsequente. Então, decorrente disso, a arbitragem brasileira e sul-americana, eu acho, está muito aquém da arbitragem europeia e de países asiáticos, como o Japão, onde as Federações e os árbitros investem massivamente na tecnologia, mas também na capacitação humana. (Fonte: Entrevista de pesquisa)

Nas duas falas é discutida, não a qualidade da arbitragem, e, sim, o quanto se investe nela, já que boa parte dos árbitros possuem outras funções além da de árbitro de futebol. A profissionalização da arbitragem aqui é colocada como algo central, no investimento no material humano e com isso, o uso de tecnologias de monitoramento teria espaço na opinião destes dois atores, mas não seria fundamental. A experiência do futebol com a vida, com sua imprecisão, emoção, é notada nos discursos. A interferência humana, num jogo, para eles, mostraria que “a grande coisa do futebol é sua imprevisibilidade e os erros cometidos pelos jogadores, técnicos e árbitros” (MORAIS & BRITO, 2008).

Já na visão de dois jornalistas esportivos, a grade televisiva se tornaria um empecilho, caso se adotasse o uso das tecnologias de monitoramento. O argumento está presente na ideia de que, com o uso dessas tecnologias, em determinados jogos, seria necessário mais tempo de transmissão, algo que, no momento, parece inconcebível, por conta da programação das redes de televisão que transmitem partidas de futebol já se encontrar definida. Essa mudança necessitaria de uma reestruturação da programação, que atingiria diretamente patrocinadores, que pagam para que suas marcas sejam anunciadas nos intervalos da programação, como novelas e jornais, e até mesmo nos intervalos das partidas.

Jornalista n° 1 diz:

[Aí está] o grande problema. E aí? Quem é hoje o grande patrocinador do futebol brasileiro? A televisão. Quem banca o Campeonato Brasileiro é a televisão, hoje é a Rede Globo. Então, a Rede Globo tem a sua grade fechada, pré-estabelecida, o jogo vai começar aqui... (Fonte: Entrevista de pesquisa)

Jornalista n° 2:

É preciso observar também os interesses é... Hoje quem manda no futebol é a televisão. (Fonte: Entrevista de pesquisa)

Por fim, analisaremos a questão da “justiça” nos discursos. Analisando-os podemos notar que o justo ou injusto numa partida de futebol é relacionado com a competência, a eficiência de cada ator no jogo. Como cada equipe aproveitou as chances que teve independentemente da qualidade demonstrada pelas equipes. Um comentarista esportivo aborda essa questão assim:

Eu... não vejo muito essa questão de justiça. É como eu disse, falei, existe a questão da competência, não é justiça, é a coisa da competência. É... coloco muito isso, o time tem que ser mais competente do que outro dentro de campo. Não importa se ele foi melhor durante seu desenvolvimento tático, técnico e tudo mais. (Fonte: Entrevista de pesquisa)

Já um comentarista de arbitragem e ex-árbitro FIFA frisa mais uma vez a preparação da arbitragem como primordial para um ótimo exercício da função, mas também contrapõe a pressão que é exercida num erro de um jogador e num erro da arbitragem.

Se fosse um jogador que tivesse perdido a penalidade, tava sendo crucificado como está sendo o árbitro? Então o árbitro ele não pode errar. (Fonte: Entrevista de pesquisa)

Ainda falando sobre a categoria “justiça” no futebol, no “Caso Barcos”, já citado neste trabalho, o assunto obteve grande repercussão entre os envolvidos no futebol. A polêmica em torno do lance se dá porque, supostamente, teria havido interferência externa na jogada, algo proibido pela FIFA. Na internet, jornalistas expressaram suas opiniões em seus blogs e torcedores interagiam através dos comentários. O público que tem uma função especial nos esportes, já que a falta de interesse significa a

impopularidade de determinada prática esportiva. Tanto que Elias e Dunning (1992) já mostraram que as mudanças ocorridas, principalmente nos níveis de violência, têm relação direta com o intuito de agradar cada vez mais os torcedores e diminuir o risco de lesão dos jogadores. Na ótica de um torcedor, o “caso Barcos” mostra a necessidade de adoção da tecnologia de monitoramento semelhante a utilizada em outros esportes, como o tênis:

‘Tá caindo de madura a solução para o futebol. Solução para acabar a injustiça, para diminuir a pressão sobre a arbitragem e, eventualmente, solução para acabar com eventuais arrumações. Com humildade, acionar a regrinha do tênis. Nada de parar o jogo toda hora. Cada time tem 1 (um) desafio por tempo de jogo, somente para jogadas capitais (pênalti dado ou recusado, impedimento marcado ou não em bola que entrou, expulsão, bola que entrou ou não, por exemplo). Se quiser, até se sofisticar o método. O jogador, flagrado em impedimento, pode prosseguir no lance, por sua conta e risco (os adversários saberão dessa possibilidade e não devem parar a jogada também) e fazer o gol. Se provar que estava em boa posição, o gol vale. Se não estava, leva vermelho. O importante é que o capitão do time, desse modo, ao invés de comandar o xingamento ao árbitro (como fazem agora), vai à mesa e solicita o desafio. Se conseguir comprovar, além de validar o seu lance, permanece com o direito de um desafio. Se perder, só no outro tempo poderá fazê-lo. Melhor que o desafio fosse submetido a uma comissão alheia à arbitragem (representantes da federação, por exemplo), mas até pode ser o próprio trio. Para início de conversa, elimina-se 90% dos xingamentos e reclamações, simplesmente porque não serão necessários. Juiz mal-intencionado praticamente não existirá, porque perderá todos os desafios que lhe forem feitos. (Fonte: <http://blogdobirner.virgula.uol.com.br/2012/11/08/difícilmente-o-stjd-fara-justica-no-caso-do-gol-de-mao-de-barcos-sera-que-as-pessoas-contrarias-ao-uso-da-eletronica-estao-felizes/>, acessado em 31/7/2013)

Podemos analisar, segundo o comentário do internauta, a defesa no uso das tecnologias de monitoramento e o argumento utilizado é o mais comum entre os seus defensores. Há permanência da polêmica mesmo com a aprovação deste tipo de tecnologia. “A regrinha do tênis” citada, como se vê, é a de pedido de revisão do lance através do monitor. Aqui, diferentemente da interpretação do comentarista esportivo, o termo “justiça” não é relacionado com a questão da competência, mas é associado à marcação correta do lance e refere-se ao uso de tecnologias de monitoramento, igualmente, como recurso para eliminar a corrupção no futebol. E, ao mesmo tempo, o torcedor também reconhece a pressão demasiada que a arbitragem sofre no exercício da função, não ficando restrito ao árbitro este tipo discurso.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos ao longo do trabalho realizado que as tecnologias de monitoramento provocam uma grande polêmica no âmbito do futebol por suscitar diversas opiniões e através destas, emoções diferentes. Vimos como estas emoções são estudadas na Sociologia Figuracional de Elias e Dunning, e como o futebol serve de campo para estas observações. Os que defendem o uso dessas tecnologias argumentam a favor de um resultado onde, supostamente, o erro diminuiria e, assim, a equipe que foi mais competente obteria o efeito desejado, no caso, a vitória. Mesmo os que opinam a favor, utilizando-se de recursos normativos, falam que, mesmo com o uso de tecnologias de monitoramento, o erro permanecerá, porém, em menor intensidade. Em contrapartida, há os atores que retiram o papel central das tecnologias de monitoramento, alegando que o futebol perderia algo fundamental para sua continuidade como esporte mais popular do mundo, a polêmica, a discussão pós-jogo que faz com que um lance polêmico permaneça em discussão em programas esportivos e em conversas informais por muito tempo. Alguns lances ficam como discussão histórica e permanecem em vigor. Precisamos entender que analisamos visando uma “comunidade futebolística”, comunidade entendida como “um conjunto de indivíduos que partilham suas práticas, regras e valores” (BRITO & MORAIS, 2011, p. 6). Desta forma, a moralidade não é para ser entendida como puramente individual.

O propósito do trabalho não é dar razão para determinado grupo que argumenta a favor ou contra as tecnologias de monitoramento. A questão é de como os diferentes grupos utilizaram-se de suas experiências morais para construírem argumentos a seu favor. Vimos que o papel que cada ator exerce no meio futebolístico interferiu diretamente nas opiniões. No grupo dos árbitros, a profissionalização e um maior investimento por parte de Federações para com a arbitragem. A mídia televisiva também tem um papel importante nesta discussão, já que cada vez mais esta interfere não só na transmissão de uma partida de futebol, como também influencia na cultura de massa como um todo.

Portanto, com a globalização e com a abrangência do futebol em geral no mundo todo, cada vez vão poder ser vistos estudos relacionados a algum tipo esporte servindo de objeto de estudos para áreas da Sociologia. Pensando, no nosso caso, as práticas desportivas como “experimentos morais” (BRITO & MORAIS, 2011, p. 10).

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. *Problems of Moral Philosophy*. Cambridge: Polity Press, 2000.

BARRETO, T.V.; MORAIS, J. V. Aprendizes de futebol recriam as regras do jogo. *Revista Coletiva*, v. 8, p. 1-4, 2010.

BOLTANSKI, L.; THÉVENOT, L. *On justification: economies of worth*. Princeton, Princeton University Press, 2006.

BRITO, S. M. “Sociologia da Moralidade: seus fundamentos e limites.XIV Congresso de Sociologia, (trabalho apresentado no GT: Teoria Sociológica), Rio de Janeiro, 2009

BRITO, S. M.; MORAIS, J. V.; BARRETO, T.V. Regras do Jogo e Regras Morais. Anais do XII Simpósio Internacional Processo Civilizador, p. 10, 2009 (versão impressa).

BRITO, S. M.; MORAIS, J. V.; BARRETO, T.V. Regras do Jogo versus Regras Morais: para uma teoria sociológica do 'Fair Play'. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 75, v. 26, p. 133-147, 2011.

BRITO, S. M.; MORAIS, J. V.; Entre a Justiça e a “Burrice do Vídeo Tape”: a construção da moralidade no debate sobre o uso de tecnologias de monitoramento no futebol. Anais do 35º Encontro Anual da Anpocs, p. 25, 2011 (trabalho apresentado no GT 09 – Esporte e Sociedade; versão impressa).

DIAS, CLEBER. A Sociologia Figuracional e os Estudos do Esporte. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, v. 31, nº 2, 2010.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

LAMONT, M.; THÉVENOT, L. *Rethinking Comparative Cultural Sociology. Repertoires of Evaluation in France and the United States*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2000.

MORAIS, J. V.; BARRETO, T. V. The Flexibility of Football Rules and the Dynamics of the Game: A Figurational Analysis of The Offside Law. *Soccer and Society*, v. 12, p. 212-227, 2011.

MORAIS, J. V.; BARRETO, T. V. As Regras do Futebol e o Uso de Tecnologias de Monitoramento. *Estudos de Sociologia*, v. 14, p. 129-156, 2008.

SHERIDAN, H. Conceptualizing 'Fair Play': a Review of the Literature, *European Physical Education Review*, v. 9, nº 2, p. 163-184, 2003.

10. ATIVIDADES PARALELAS DESENVOLVIDAS PELO BOLSISTA

10.1 Participação, como monitor, do I Congresso de Iniciação Científica – COIC e da VIII Jornada de Iniciação Científica – JOIC, ambos organizados e promovidos pela Fundação Joaquim Nabuco, realizada no período de 25 a 27 de setembro de 2012, na sede da Fundaj, em Casa Forte.



